

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**THIAGO PEREZ JORGE**

**EM BUSCA DO CORPO CIVILIZADO: O FUTEBOL COMO  
ARTE DE GOVERNAR DO COLÉGIO CATARINENSE EM  
FLORIANÓPOLIS (1906 – 1918)**

**FLORIANÓPOLIS/SC  
2013**

**THIAGO PEREZ JORGE**

**EM BUSCA DO CORPO CIVILIZADO: O FUTEBOL COMO  
ARTE DE GOVERNAR DO COLÉGIO CATARINENSE EM  
FLORIANÓPOLIS (1906 – 1918)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação - Área de Concentração: História da Educação.

**Orientador:**

Professor Dr. Norberto Dallabrida

**Co-orientador:**

Professor Dr. Alexandre Fernandez Vaz

**FLORIANÓPOLIS/SC  
2013**

J82e Jorge, Thiago Perez  
Em busca do corpo civilizado: o futebol como arte de governar  
do Colégio Catarinense em Florianópolis (1906 – 1918) / Thiago  
Perez Jorge. – 2013.  
211 p. : il. 21 cm

Bibliografia: p.197-211  
Orientador: Professor Dr. Norberto Dallabrida  
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado de Santa  
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em  
Educação, Florianópolis, 2013.

1.Futebol – Florianópolis. 2. Colégio Catarinense. I. Dallabrida,  
Norberto (Orientador). II. Universidade do Estado de Santa  
Catarina. Mestrado em Educação. III. Título.

CDD: 796.3340981641

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UDESC

THIAGO PEREZ JORGE

EM BUSCA DO CORPO CIVILIZADO: O FUTEBOL COMO ARTE DE  
GOVERNAR DO COLÉGIO CATARINENSE EM FLORIANÓPOLIS  
(1906-1918).

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina.

**Banca Examinadora:**

Orientador: \_\_\_\_\_  
Doutor Norberto Dallabrida  
Universidade do Estado de Santa Catarina

Coorientador: \_\_\_\_\_  
Doutor Alexandre Fernández Vaz  
Universidade Federal de Santa Catarina

Membro: \_\_\_\_\_  
Doutora Maria Teresa Santos Cunha  
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro: \_\_\_\_\_  
Doutor Rogério Luiz de Souza  
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 07 de fevereiro de 2013.

À Teresa Cristina Perez Jorge,  
presente pela ausência  
(*In Memoriam*)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram na realização deste trabalho. A todos aqueles que possibilitaram minha pesquisa junto aos arquivos do Colégio Catarinense, ao setor de obras raras da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, ao setor de microfilmagem da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina, ao setor de periódicos da Biblioteca Nacional na cidade do Rio de Janeiro.

Agradeço aos integrantes do Grupo de Pesquisa: "Ensino Médio em Santa Catarina: Perspectivas Sócio-históricas", coordenado pelo professor Norberto Dallabrida, vinculado à Universidade do Estado de Santa Catarina, e do grupo de estudos "Esportes e Sociedade", que faz parte do "Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea", coordenado pelos professores Alexandre Vaz e Jaison Bassani, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina. Certamente as leituras, discussões oportunizaram, na partilha das experiências, avanços na minha pesquisa.

À professora Gladys Mary Ghizoni Teive, que me ajudou no processo de travessia de da minha área de formação inicial, nutricionista, para a das ciências humanas e educação, quando um ano antes, participei como aluno especial de sua disciplina, no centro de ensino que passou a ser a minha opção. Enfim, agradeço a toda estrutura do Programa de Pós-Graduação em Educação da UDESC, professores e funcionários, cada qual, entre aulas, críticas, ajudas com dúvidas institucionais, contribuíram com esta minha experiência.

Agradeço a CAPES pela concessão da bolsa de pesquisa, que, ao longo destes dois últimos anos foi essencial na minha opção de dedicação à investigação.

Ao meu orientador, professor Norberto Dallabrida, meu muito obrigado. Oportunizou um forte deslocamento na minha vida, mudanças de leituras, desconstrução do pensamento, enfim, alargou o meu ser-no-mundo. Também retribuo, em forma de dívida, a dádiva de me entregar algum material de sua pesquisa de doutoramento, anos antes, em

especial, os Diários do Padres Prefeitos do Colégio Catarinense. Mergulhei, e creio que, por isso, fizemos um bom trabalho. Aprendi que as fontes não são minhas. Mas também são outras as qualidades deste que me orientou. Cito algumas: seu modo de trabalho, organizado, suas críticas ao longo do meu processo de pesquisa e da escrita desta Dissertação, e, a sua abertura a uma co-orientação, aliás, participou como elo desta parceria. Num mundo tão eivado de individualismos, narcisismos, Norberto ensina que é possível ser crítico e solidário na academia.

Ao professor Alexandre Fernandez Vaz, o seu aceite em ser meu co-orientador. Tantos aprendizados que, certamente contribuíram ao lugar onde estou. Apontar críticas, sugestões, mostrar o caminho de textos e autores, me incluir na discussão de uma área nova, como a do esporte e lazer, mais especificamente, o futebol, foi, no mínimo, empolgante para minha descoberta enquanto investigador. Certamente esta parceria continua.

Agradeço aos professores que fazem parte da banca final, professora Maria Teresa Santos Cunha e professor Rogério Luiz de Souza, e que antes, na banca de qualificação, já tinham contribuído com suas críticas com o prosseguimento desta minha história.

A minha família, mais alargada, meu pai, meu irmão, sogra, sogro, enteada, cada qual do seu modo, continua me auxiliando nesta caminhada, em desenvolver um pensamento, afinal de contas somos todos interdependentes.

Àquela que escolhi como companheira, Patrícia, simplesmente demais, me ensinou com sua arte de viver, de que *somos testemunhas vivas da história um do outro*. Por isso, testemunhas efetivas do ser-no-mundo, do um, e do outro, que, no meu “eu” permite deslocar, alargar, enfim, trabalhar aqui, com o que gosto. Testemunha viva, e por isso, ativa, corrige, critica, troca comigo, e, então, prosseguimos nestas *histórias sem fim*.

Sonho com o intelectual destruidor das evidências e das universalidades, que localiza e indica nas inércias e coações do presente os pontos fracos, as brechas, as linhas de força; que sem cessar se desloca, não sabe exatamente onde estará ou o que pensará amanhã, por estar muito atento ao presente; que contribui, no lugar em que está, de passagem, a colocar a questão da revolução, se ela vale a pena e qual (quero dizer qual revolução e qual pena). Que fique claro que os únicos que podem responder são os que aceitam arriscar a vida para fazê-la (FOUCAULT, 1986 [1977], p.242).

## RESUMO

JORGE, Thiago Perez. **Em busca do corpo civilizado:** o futebol como arte de governar do Colégio Catarinense em Florianópolis (1906 – 1918). 2013. 211 f. (Mestrado em Educação – Área: História e Historiografia da Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2013.

A presente pesquisa dedica-se a uma analítica do surgimento e desenvolvimento do jogo de futebol na cidade de Florianópolis entre os anos de 1906 a 1918. O futebol tratado como objeto é motivado nesta dissertação pelo fato de haver indícios de que o educandário jesuítico, atual Colégio Catarinense, que inicia suas atividades no ano de 1906, participou com relativa importância no início do jogo, este, no âmbito de uma atividade de esporte, na cidade. Para tratar das questões que derivam do futebol, são utilizadas nesta Dissertação as ideias de Norbert Elias e Eric Dunning, sobre lazer e esporte, no âmbito da teoria do processo civilizador, em diálogo com algumas das ideias de Michel Foucault, principalmente sobre questões do poder pastoral. Este trabalho se organiza em duas partes. 1. Trata do *tempo do não futebol*, apresenta aspectos dos passatempos na Desterro do século XIX, e, no âmbito do início republicano na cidade de Florianópolis, tece relações entre duas instituições ligadas ao governo do Estado, o educandário jesuítico, denominado na época de Ginásio Santa Catarina, o qual atendia apenas ao público masculino, além de ser o único estabelecimento de ensino secundário na cidade; e o jornal O Dia – Órgão do Partido Republicano Catarinense. 2. Trata do *tempo do futebol*, apresenta atividades de passatempo do Ginásio Santa Catarina e o início e desenvolvimento até 1918, do futebol na cidade, a partir do educandário jesuíta. Os resultados apontam que o Colégio Catarinense foi importante disseminador do jogo de futebol no âmbito das atividades esportivas, e promoveu, numa relação interdependente com o jornal O Dia, na

produção, a uma parte da juventude, da visibilidade de um modo de ser, agir, conduzir, enquanto escolha voluntária, denominada nesta Dissertação de *ethos* futebolístico. Portanto, tal marca de pertencimento e de tarefa no âmbito do jogo de futebol na cidade de Florianópolis, deve-se, sobretudo, à ligação que se estabeleceu entre as práticas do Colégio Catarinense e a visibilidade do jogo junto à imprensa do jornal O Dia.

**Palavras-chave:** Colégio Catarinense. Futebol. Florianópolis.

## ABSTRACT

JORGE, Thiago Perez. **In search of the civilized body**: the soccer how art of government of the Colégio Catarinense em Florianópolis (1906 – 1918). 2013. 211 f. (Mestrado em Educação – Área: História e Historiografia da Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2013.

This research is devoted to an analytical emergence and development of the game of soccer, in the city of Florianópolis, between the years 190 to 1918. The soccer is treated as object motivated in this dissertation because there are evidences that the breed of Jesuit, current Colégio Catarinense, which started its activities in 1906, participated in relative importance in the early game, this, in the context of a sports activity in the city. For dealing with issues about soccer, are used in this Dissertation ideas of Norbert Elias and Eric Dunning, about leisure and sport as part of the theory of the civilizing process, in dialogue with some of the ideas of Michel Foucault, specially on issues of pastoral power. This work is organized in two parts. 1. Comes the *time the non soccer*, presents aspects of the pastimes of the nineteenth century in Desterro, and, within the early republican in Florianópolis, explores the relationship between two institutions linked to the government of Santa Catarina, the Gym Jesuit, the called Ginásio Santa Catarina, which catered only to the male audience, besides being the only secondary school in the city; and the newspaper O Dia – Organ of the Republican Party of the Santa Catarina. 2. Comes the *time soccer*, presents activities of pastime from Ginásio Santa Catarina and the early and development until 1918, the soccer in the city, from the Jesuit Gym. The results indicate that the Colégio Catarinense was important disseminator of the game of soccer within the sports activities, and promoted, in an interdependent relationship with the news paper O Dia, in production, the part of youth, in visibility in a manner to be, act, conduct, as a

voluntary choice, called in this dissertation *ethos* of the soccer. Then, such a mark of belonging and task within the game of soccer in the city of Florianópolis, is due especially, the connection established between the practices of the College of Santa Catarina and visibility of the game in the press of the newspaper O Dia.

**Keywords:** Colégio Catarinense. Soccer. Florianópolis.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Jogo no Campo do Ginásio [191?]	67
<b>Figura 2</b> – Cartão Postal do Alto da Torre do Observatório [191?]	83
<b>Figura 3</b> - Edição Comemorativa da Imprensa Catarinense (11/08/1911)	101
<b>Figura 4</b> - Jornal <i>O Collegial</i> , Segunda Edição (04/08/1915)	103
<b>Figura 5</b> – <i>Pic-nic</i> no mar Grosso da Lagoa (27.09.1920)	125
<b>Figura 6</b> – Batalhão Ginásial em marcha (01.09.1918)	137
<b>Figura 7</b> – Construção do Campo de foot-ball do Ginásio Santa Catarina (1913-1915)	145
<b>Figura 8</b> – Apreciando o jogo no Campo do Ginásio [191?]	157
<b>Figura 9</b> – Vista aérea do jogo no Campo do Ginásio [191?]	179
<b>Figura 10</b> – Time de <i>foot-ball</i> do Internato (1920)	185

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Tabela 1- Atividades de jogos e de esporte no Ginásio (1906-1918).....	122
<b>Tabela 2</b> – Jogos de <i>foot-ball</i> nos Relatórios do Ginásio (1906 a 1918).....	147

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

Díário do Padre	Diário do Padre Prefeito Geral do Ginásio Santa Catarina
Ginásio	Ginásio Santa Catarina
O Dia	Jornal O Dia – Órgão do Partido Republicano Catarinense
PRC	Partido Republicano Catarinense

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO DO ENREDO .....</b>	<b>15</b>
<b>ATO 1 NASCIMENTO DO FUTEBOL NO GINÁSIO SANTA CATARINA .....</b>	<b>43</b>
CENA 1: A problemática do passatempo e usos do corpo na capital de santa catarina .....	49
CENA 2: O desbloqueio do biopoder na ilha de santa catarina .....	69
CENA 3: Configuração entre instituições desloca <i>belle époque</i> em florianópolis .....	91
<b>ATO 2 DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL DO GINÁSIO NA CIDADE.....</b>	<b>111</b>
CENA 4: Inventário das práticas de passatempo do ginásio .....	119
CENA 5: Esportivização do futebol na cidade .....	141
CENA 6: Artes de jogar foot-ball: o clássico internos vs externos .....	163
<b>ATO FINAL.....</b>	<b>191</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>197</b>

A cultura como sistema aberto, como ato e drama que se expressa na palavra e na imagem para análise e interpretação do cotidiano (Norbert Elias, 2008 [1970]).

O mundo, o eu e Deus, esfera, círculo, centro: tripla condição que impede de pensar o acontecimento. (Paul-Michel Foucault, 1997 [1975]).



Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso (BENJAMIN, 1994).

---

<sup>1</sup>Fotografia encontrada no Acervo Fotográfico do Colégio Catarinense [191?].



## **INTRODUÇÃO DO ENREDO**

Dias de hoje, entro no Colégio Catarinense, conteúdo e forma relacionam-se. Prédios e fachadas levantadas ao longo do tempo, uma duração que já completara um século, elementos imaginados e construídos. Arquitetura de características neoclássicas, grandes colunas, robusta fachada, modernidade que avança em local para ser de tradição. Numa das primeiras alas nota-se facilmente, após manter a cabeça erguida que olhava em direção ao emblema do Colégio, uma intervenção dos alunos: *estude, você está sendo filmado*. Descubro em 2011 esta brincadeira dos alunos autorizada e tornada pública pela direção do Colégio, mas que, em 2012 já está apagada. Esta rasura não compromete minha memória.

O Colégio Catarinense abre suas portas como educandário de ensino secundário dirigido por padres jesuítas alemães em março de 1906. Em Dallabrida (2001, p.37-39) além dos apontamentos sobre a instalação da instituição, espécie de acordo celebrado entre os dirigentes jesuítas e autoridades públicas do estado de Santa Catarina, há todo um desenvolvimento sobre como o distinto educandário se consolida como instituição formadora das elites catarinenses. Dallabrida apresenta os saberes científicos e as práticas corporais e como estes concorrem em consolidar e dar visibilidade a uma burguesia republicana no estado. Antes, Pick (1979, p.92) já demonstrava a importância do referido colégio para a cidade e o estado catarinense, local donde “um verdadeiro exército de quase quarenta mil estudantes que perfilaram pelas salas de aula, pátios e corredores, alcançando muitos, grande destaque local, estadual e nacional”. E no ano do centenário da instituição, Souza (2005) faz uma leitura da história do estabelecimento apresentando fontes inéditas como os antecedentes da sua instalação na cidade, uma história inacabada, em seu duplo sentido. O Colégio continua sendo importante na cidade e os documentos referentes a ele permitem outros olhares sobre a história deste estabelecimento junto à cidade.

Então o que se teria de novo para falar de uma instituição que no decorrer de sua existência já passou por algumas mudanças de nomes? Da fundação até 1917: *Ginásio Santa*

*Catarina*; de 1918 até 1942: *Ginásio Catarinense*, e desta data até os dias de hoje acompanha o seu nome atual: *Colégio Catarinense*<sup>2</sup>. E, no entanto este investigador graduado na área da Saúde pretendia uma pesquisa que avançasse nas relações entre as áreas da saúde e educação.

Um pouco sem jeito, talvez atrapalhado e com muita insistência fui à busca de maiores entendimentos em como operacionalizar uma pesquisa numa instituição escolar que chamava minha atenção, havia de certo uma maior curiosidade do que uma melhor compreensão. Os caminhos foram levando-me a um tipo de abordagem nova até então para quem, como eu, não a conhecia: a educação do corpo. Um tema com potencial crítica aos valores de nossa sociedade, e, sobretudo, privilegia a aproximação educação-saúde por meio dos processos ligados ao corpo.

De acordo com Vaz (2003, p.7) educar o corpo não passa de uma herança humanista do renascimento em que um projeto de racionalidade iluminista conjugou imperativos de ordem intelectual, ética, estética, corporal. Nesse sentido educar o corpo se pauta em todo tipo de atividade que o envolva em sua materialidade, o corpo físico propriamente dito. Nestes termos pareceria redundante afirmar que a formação dos corpos se realiza através da ginástica, dos jogos e do esporte. Evidentemente<sup>3</sup>, talvez seja mais do que isso. Se o corpo é educado nos espaços da escola, igreja, hospitais, hospícios e em tantas outras instituições também é verdade que sua presença nas ruas, nas

---

<sup>2</sup>A partir deste momento, quando trato do Colégio Catarinense no recorte desta dissertação, utilizarei o nome *Ginásio Santa Catarina* por ser este o nome que acompanhou a instituição jesuítica entre 1906 a 1918.

<sup>3</sup>A expressão é inspirada no livro do historiador português António Nóvoa, “E vid ente mente” que dentre outras questões reflete sobre a necessidade de investigar espaços escolares impregnado de opiniões, argumentos óbvios. Seria preciso, parafraseando o pensador, de um silêncio para pensar, evitar palavras banalizadas e desgastadas. E nosso problema começa a emergir: o que sabemos sobre o corpo? E sobre as práticas que o produzem? Evidentemente deve-se investigar, e aqui, trato dos usos do corpo no/pelo/através do futebol.

visualidades das publicidades (jornais, revistas e novas mídias tecnológicas) também é expressão de sua educação (VAZ, 2003), numa palavra, o corpo é educado nas coisas da cidade.

Desta forma minha pesquisa foi se contornando, tomando corpo teórico e empírico. No mergulho junto às fontes, entre páginas envelhecidas pelo curso do tempo e tecnologias de microfilmagem encontro uma prática que aparece com muita frequência nos ditos do colégio e que se avoluma em outros ditos como nos dos jornais. Trata-se do jogo de início bretão: o *football*. Questões começam a tomar fôlego a partir do que encontro-medito-escrevo. Por que o futebol tal qual o reconhecemos hoje como a paixão nacional encontrou neste estabelecimento escolar condições para sua introdução? Se houver, qual(is) a(s) relação(ões) com os processos da cidade?

Este é um trabalho inscrito na linha de História e Historiografia da Educação que visa ler um passado entre o início e desenvolvimento do jogo de futebol pela cidade. Escrito para pensar criticamente o presente. Há algo como um deslocamento, uma ruptura, permitindo que uma prática, refiro-me ao jogo de futebol, nasça e se desenvolva. O que acontece para que tal movimento ocorra? As partes deste trabalho tratam de um fenômeno importante – o futebol – e aqui ele será tratado na particularidade do enredo de cultura da cidade. E assim, para dar forma ao movimento que estabelece o jogo de futebol na cidade, arma-se um palco donde atores realizam seus atos entre cenas que são fragmentos e contingências entre grupos de pessoas, ações e locais de poder. É possível contar uma história do futebol que não existia e que passou a acontecer? Já não tenho tantas certezas de como tal fenômeno se torna importante na cidade. Por tanto, o futebol emerge como objeto e a questão do por que e como este jogo se desenvolve no colégio e sua relação com a cidade é o nó que busco. Nó para problematizar, tematizar, e talvez, desfazer algumas de suas partes.

Existem, *evidente-mente*, trabalhos que contam uma história do início do futebol na cidade de Florianópolis, inclusive associam o Colégio Catarinense visto que “foram os padres jesuítas oriundos de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul”

aqueles que trouxeram “as primeiras bolas” e ensinaram “os rudimentos do esporte aos garotos do colégio, internos e externos” (JORNAL DIÁRIO CATARINENSE, 1998). Notícias como esta que, salvo poucos acréscimos, são replicadas nos textos daqueles que contam a história do futebol nesta cidade (MAURY, 1996; MACHADO, 2000; DAMIANI FILHO, 2006; HUBENER, 2008). No entanto este trabalho intenta um tipo de escrita nem saudosista sobre a “fase embrionária do futebol ilhéu que ganhou fortes impulsos no Ginásio Catarinense” (MAURY, 1996, p.3), e tampouco acrítica sobre o “nosso tão esperado futebol” cujo “pontapé inicial [...] só aconteceu de forma oficial no dia 14 de agosto de 1910” (MACHADO, 2000, p.37). Não pretendo erguer monumento sobre “a primeira partida desse jogo esportivo que se realizava nesta capital” (GINÁSIO...1910, p.8), mas, a partir deste fato, construir o objeto futebol que, tal como o título desta dissertação anuncia, participou de um tipo de desenvolvimento em uma parte da população de Florianópolis. Não escolho o futebol apenas porque a historiografia que trata de seu início o coloca em um tipo de museu.

Pela justificativa social, qual o significado do futebol? Inserido nos passatempos, divertimentos e jogos, o futebol desperta emoções, tanto de prazer quanto de sofrimento, envolve o corpo e se vincula a formação de uma *masculinidade*, de uma *sociedade burguesa*, isto é, relações entre esporte e indústria, economia, política e Estado, e a questão entre *atividades de lazer e de trabalho* (DUNNING, 1992, p.16-18). Por tais questões que se levantam estudar o futebol já não deveria fazer parte de um “pensamento reducionista e dualista ocidental” que o trata como uma “atividade de lazer orientada para o prazer, que envolve o corpo mais do que a mente”, e, portanto, não o considera como um fenômeno sério da vida econômica e política (DUNNING, 1992, p.17). Há ainda as questões que Elias e Dunning (1992) levantam no significado social do esporte: é um tipo de atividade que regula as pulsões do indivíduo nos termos de um *autocontrole* de suas emoções e do nível de violência. Tratam-se das questões do processo civilizador que Elias (1994a, 1994b) elabora sobre mudanças das sensibilidades e tipo de controle que

reflete em níveis de pacificação no decurso do tempo numa dada sociedade. O sociólogo alemão utiliza exemplos da Alemanha, Inglaterra e França. É possível tal abordagem nos termos do “processo civilizador” eliasiano quando se refere à ilha de Santa Catarina? Antes de provocar alguma tensão creio ser necessário me aproximar a este autor, que se interessa em descrever o desenvolvimento social em termos do processo de civilização para compreensão alargada do que somos e como chegamos onde estamos. Elias elabora um pensamento sintético e interdependente (ser humano e sociedade).

Deve ficar claro que não se trata de reduzir a questão do processo de civilização de Elias a um tipo de teoria evolucionista que intenta prever algum futuro no desenvolvimento da humanidade. Espécie de anúncio de uma raça de super-homens (ELIAS, 2008, p. 175). Há muitos enganos por aí e uma leitura apressada, na qual posso ser vítima, poderia me levar a tomar algumas ideias deste autor em termos de repressão. Elias trata da diminuição da violência, hoje toleramos menos ações violentas do que em outras épocas; e banalização do visível, as normas do dever ser referentes a tipos de comportamento que vão desde os modos à mesa, passando pelos hábitos corporais de higiene, chegando ao que me interessa: modos de ser em uma contenda esportiva. Nesses termos o que Elias entende por “processo de civilização” é tipo de desenvolvimento em que há níveis atingidos de uma autoconsciência, de pacificação, por isso a *obediência* neste sociólogo alemão significa *maior padrão de autocontrole*. Seria erro reduzir as ideias de Elias no sentido de que uma sociedade teria ou não autocontrole. O que interessa nos objetivos das pesquisas de longa duração sobre o processo civilizador, seria uma leitura retrospectiva da história dos níveis de sensibilidade. Por isso entendo que aportes eliasianos continuam úteis e são sofisticados por evitarem dicotomias, e nesta dissertação interessam, sobretudo, suas questões sobre lazer, esporte e sua noção de “configurações”.

Suas considerações sobre o jogo das “configurações” visa superar uma separação entre indivíduo e sociedade, é um instrumento conceitual para afrouxar o constrangimento social de

falarmos e pensarmos como se o “indivíduo” e a “sociedade” fossem antagonônicos e diferentes. Dessa forma “configurações” tratam dos processos na dinâmica do equilíbrio do poder onde grupos estabelecem-se com prévia interdependência de modo que se forma um entrelaçamento flexível de tensões, e o conjunto de jogadores podem atuar tanto como aliados quanto como adversários (ELIAS 2008, p.140-145). Uma sociologia configuracional que se pauta na “teia de relações de indivíduos interdependentes que se encontram ligados entre si a vários níveis e de diversas maneiras”, não se trata de um amontoado de átomos individuais “orientados para os outros” visto que as ações de uma pluralidade de pessoas que se encontram em relação interferem de tal modo a formar uma estrutura entrelaçada com variadas propriedades emergente, tais como “relações de força, eixos de tensão, sistemas de classes e de estratificação, **esportes**, guerras e crises econômicas” (DUNNING, 1992, p.25-26, grifos meus).

Ora, trata-se de um olhar sobre o “poder” que para Elias é relacional e não uma substância. Quer dizer, “o poder não é um amuleto que um indivíduo possua e outro não; é uma característica estrutural das relações humanas – de todas as relações humanas” (ELIAS, 2008, p.81). Dizer que alguém tem o poder é como entrar num beco sem saída. Assim uma solução mais adequada aos problemas do poder seria considerá-lo como uma característica de uma relação, não é boa nem má, “pode mesmo ser boa e má”, afinal de contas “dependemos dos outros; os outros dependem de nós” e “na medida em que somos mais dependentes dos outros do que eles são de nós, em que somos mais dirigidos pelos outros do que eles são por nós, estes têm poder sobre nós”, tenhamos nos tornado dependentes seja pelo uso da força bruta, pela necessidade de sermos amados, pela necessidade de dinheiro, de cura, de estatuto, de uma carreira ou simplesmente por **excitação** (ELIAS, 2008, p.101, grifos meus). Nesse sentido o poder fundamenta toda configuração, ou melhor, um processo canalizado pela estrutura social das configurações que na longa duração, não por ser planejado pelos indivíduos, mas pela própria estrutura interdependente das ações de grupos e

de indivíduos que as realizam, adquire a forma do “processo de civilização”.

O que vale da leitura em Elias é compreender no “processo civilizador” a presença de um autocontrole mais constante, e que será responsável pela redução dos contrastes e mudanças súbitas de conduta individual e coletiva. Por isso que há pressões que atuam sobre indivíduos de modo a “produzir uma transformação de toda a economia das paixões e afetos rumo a uma regulação mais contínua, estável e uniforme” dos impulsos em todos os setores da vida (ELIAS, 1994a, p.202). Como bem salienta Ghiraldelli Jr (2007, p. 80) não é uma felicidade o “processo civilizador”, mas uma incorporação no curso de uma vida de padrões de condutas, de comportamentos. Processo este que será chamado no último texto do livro “A sociedade dos indivíduos” de “*habitus social*” (ELIAS, 1994c, p.129-190) com referência a “individualização em massa” dos indivíduos na sociedade cujo padrão de comportamentos, e tipos de identidades construídas está inserido na sociedade. Aqui há um nódulo fecundo com Foucault que será desenvolvido transversalmente neste estudo.

Trata-se de relacionar tipo de moral que será enquadrada como *normal* e assim atuar através de toda uma rede de saber-poder nos processos de *subjetivação*. Ora, se normalidades individualizam e totalizam<sup>4</sup> então o poder funciona através do artifício da norma(lidade). Trazem tipo de autoconsciência que nos textos de Elias oscila nos termos de “ego”, “razão”, “consciência”, que tem o sentido de como se moderam impulsos e emoções no qual a civilização deixa marcas, cicatrizes (ELIAS,

---

<sup>4</sup> Para Prado Filho (1998, p.148-150) a normalização seria o resultado do desenvolvimento dos procedimentos disciplinares, liga-se a mecanismos punitivos (do poder disciplinar) e qualifica desvios individuais em relação à média, logo, define uma “norma”, e por isso, instrumento fundamental na “correção” dos indivíduos, que diferencia e individualiza ao passo que homogeneiza e exclui, um artifício que individualiza e compara. Para tratar das normalidades de uma sociedade faço usos das aulas de Foucault (2008) no curso “Segurança, território, população”.

1994, p.205). No âmbito das atividades de lazer e de esporte Elias apresenta suas questões naquilo que expressa de “controle das emoções” no sentido de que práticas miméticas dão vazão a tipos de emoções de modo que não atrapalhariam o decurso do processo de civilização. Emoções desenvolvidas como tipos de tensões distintas daquelas do ambiente de trabalho cotidiano. Ou seja, o complexo emoções-tensões criadas pelas situações de lazer e esporte devem ser considerados na análise do processo civilizador. Claro que ciclos de violência ocorrem, e Elias não evita sua análise, eles fazem parte do processo civilizador quando não retrocedem a tipo de barbárie generalizada<sup>5</sup>.

Nas questões sobre lazer e esporte tratadas no livro “A busca da excitação”<sup>6</sup> Elias e Dunning (1992) vão refletir como os processos de autocontrole estão ligados ao estabelecimento do tipo de formação do Estado e seu maior controle sobre os indivíduos, ao passo que se desenvolvem maiores possibilidades de certo relaxamento das emoções aprisionadas pelo desenvolvimento de atividades ligadas ao passatempo. Como já expresso são tipos de emoções distintas, cotidiana e de passatempo, que devem ser lidas menos como condição catártica de liberação das emoções e mais inseridas no próprio “processo

---

<sup>5</sup> O autor alemão sabe pois vivificou os horrores de uma guerra, perdeu a mãe nos campos de concentração nazista em Auschwitz e foi obrigado a sair da Alemanha. Dunning (1992, p.20) entende que decorre da tragédia familiar de Elias o seu interesse sociológico pela violência com vistas a alargar suas raízes sociais e psicológicas, com esperança de que tal compreensão ajude as pessoas a conciliar suas vidas, quer dizer, seus padrões de vida numa sociedade sob modos de vida que evitem outras tragédias violentas com a qual a humanidade é afetada de tempos em tempos.

<sup>6</sup> O texto é um agrupamento dos trabalhos de Norbert Elias e Eric Dunning na década de 1960. Na atualidade Dunning prossegue suas discussões sobre os esportes modernos na perspectiva do processo civilizatório cuja “principal função é a “produção de excitação prazerosa e socialmente construtiva”, que “serve para criar oportunidades de sociabilidade e movimento em uma variedade de formas complexas e controladas” (DUNNING, 2008, p.224).

civilizador” através do *dever ser* das normas que levam a tipo de adestramento e assim evidenciam um autocontrole das emoções na personalidade social que se desenvolve. Atividades de lazer e de esporte orientadas e regulamentadas que incidem ao nível dos corpos, e que no decorrer de sua institucionalização tornam-se padrão de vida, logo, normalizam modos de vida de uma população. Nesse sentido mais do que tratar o desenvolvimento destes tipos de passatempo como *pão e circo* de uma população é compreender que há produção na vida entre comportamentos e modos de ser, tipo de ação na vida onde as próprias relações de vigilância e regulação são incluídas num processo de vitalidade. Mas o que de fato tratam as questões de lazer e de esporte? Eis aqui a entrada pessoal para realizar este trabalho.

Na juventude pela cidade de São Vicente no litoral de São Paulo praticava escolinha de futebol de salão cerca de três vezes por semana. Pelo lado dos meus pais a confiança de que atividades deste tipo eram importantes à minha formação. De fato não saberia dizer o quão tal confiança era fruto tanto do fato de a família ser sócia de um clube que desenvolvia práticas recreativas e esportivas, e quanto ser este um *habitus* social naquela década de 1990 na cidade. Pela minha parte aguardava ansiosamente pelos dias de futebol de salão. Conhecia gente nova, os colegas da escolinha de futebol. Cansava meu corpo físico, as pernas sentiam o peso do sobe e desce pela arquibancada na parte de treino físico<sup>7</sup> principalmente quando por alguma intempérie faltava num dia anterior. E, sobretudo, a ansiedade produzida pela excitação de jogar. Quanta sensação de prazer! E quando era jogo com times de fora, com torcida, com meninas e todo tipo de gritaria a emoção aumentava. Não me interessa salientar aqui as descobertas de uma ciência sobre os efeitos *prazerosos* da endorfina, liberada tanto no ato sexual quanto após alguns minutos de uma atividade física. É de outro tipo de prazer que

---

<sup>7</sup> A organização da prática do futebol de salão era organizada em três partes: treino físico com exercícios de alongamento e de força; treino tático com exercícios com bola – chute ao gol, trocas de passes, dribles; e coletivo, este, o momento que eu mais esperava.

descrevo: o de jogar! Aguardar com paciência e ansiedade a melhor parte da atividade. Tocar na bola, errar um passe, chutar, cair e levantar, e, ao final uma sensação cujo ápice transcorreria no curso do jogo em si. Jogo acabado cujos momentos do prazer diluíam ao passo que compunham partes de minha juventude, numa palavra, algo que incorporava. Ao chegar a casa, mãe e pai perguntavam como foi, e claro, eu selecionava as partes para impressionar, agradar, mesmo que fossem os momentos ruins do dia da escolinha de futebol de salão. Uma breve digressão: aprendia assim os benefícios de ser consolado ou receber como troca algum carinho. Não seria um tipo de *poder familiar*?

De todo modo o jogo que se insere como passatempo e esporte não parece ser um tipo de pausa produtiva para que se trabalhe mais (ou no caso, que se estude mais<sup>8</sup>). Há tipo de trabalho (ou produção de tensão) no jogo em si que deve ser mais bem elaborado. Tampouco faz sentido tomá-lo como relaxamento do corpo físico: minhas pernas doíam mais quando faltava num treino anterior. É menos custoso ao corpo físico passar o tempo livre numa cama ou rede de balanço. Aliás, aonde está o *livre do tempo* numa atividade controlada pelo relógio? Hora para exercitar, hora para treinar com a bola, hora para jogar e aprender o *tempo de jogo*. Quer dizer, quanto tempo falta para acabar o primeiro tempo? Quantos segundos o goleiro pode ficar com a bola na sua área? Até quantos segundos o lateral pode ser cobrado? Adestramento transcorrido de tal forma que ninguém no jogo, exceto o juiz, utiliza o relógio para marcação do compasso dos segundos, e ainda assim poucos são os jogadores que não sabem do tal *tempo de jogo*.

Enfim, ao passar por problemas como estes – o tempo livre não existe; a prática recreativa não liberta tensões, mas produz tensões de outro tipo; e a produção de trabalho (estudo) não se dá numa única relação causal com o jogo, pois são mais complexas as produções de ambas, que certamente se relacionam (trabalho e lazer/esporte) – entendo que as questões de lazer e

---

<sup>8</sup> *Estudo como trabalho* tanto ao meu relato quanto ao que desenvolvo no colégio jesuíta.

esporte não deveriam ser analisadas de forma reducionista, mas, serem alargadas à sociedade que as fabrica ou ao menos as condições possíveis de sua emergência. Aqui, inicio meu percurso para tensionar o sintético e interdependente Elias com as analíticas de Foucault, que mesmo tratando de forma difusa, às vezes confusa, é minha opção para trabalhar com a busca dos corpos civilizados no e a partir do Ginásio Santa Catarina.

Elias será problematizado, utilizado, mas não tratarei de questões sobre a regulação pulsional do jogo de futebol e tampouco problematizarei o que é prazer. Nesta dissertação pretendo menos: situar o *uso dos corpos* entre questões de masculinidade, sociedade burguesa, lazer e trabalho e busca da excitação. *Uso dos corpos que se relaciona ao processo de obediência*. Para Elias obedecer se refere ao maior padrão de autocontrole e para Foucault é uma questão central em sua trajetória filosófica e política: por que obedecemos? Segundo Gros (2004) a questão da obediência é o conceito político mais essencial de Foucault, que de certo modo prolonga o texto cuja primeira edição data de 1571, o “Discurso sobre a servidão voluntária” de La Boétie (2006). O verdadeiro escândalo é o do abuso da obediência. Em suma trata-se de uma questão de governo, e, talvez seja útil para elaborar em forma de analítica as considerações de Elias sobre as pressões aos indivíduos na forma de economia das paixões e afetos. Portanto, a busca do corpo civilizado é minha saída para desenvolver questões de governo inserido numa rede de poder a partir do nascimento e desenvolvimento do *foot-ball* numa parte da Ilha de Santa Catarina. Eis alguma aproximação com Foucault antes de situar o quadro teórico-metodológico desta pesquisa.

Assim como uma leitura apressada em Elias, também ocorreria em erro nas leituras de Foucault tanto de “Vigiar e Punir”<sup>9</sup> quanto dos escritos sobre a sociedade de biopoder sobre a

---

<sup>9</sup> Livro amplamente reproduzido que trata do nascimento de uma sociedade disciplinar, é a obra em que Foucault mais trata das escolas a partir das características do “poder disciplinar” – distribuição corpos no espaço; controle da atividade pelo tempo e pela relação entre corpo e

população tomar as maquinarias da sociedade como repressoras ou reprodutoras de um poder que recalca, “à maneira de um grande super-ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos ao nível do desejo [...] e também a nível do saber” (FOUCAULT, 1986, p.148). Conforme minhas lembranças da juventude posso sustentar aqui que práticas de passatempo, no conjunto do lazer e do esporte, são disciplinares pelo estabelecimento das normas e regulações através das características do “poder disciplinar”. Afinal de contas aprendera um tanto das normas na escolinha de futebol de salão entre esquadramento do tempo, aquele *tempo de jogo*; e vigilância do espaço, técnico e membros do time formando um conjunto que exercia em mim uma força para meu corpo jogar. Para Foucault o poder disciplinar é constituído por procedimentos que assumem o corpo como máquina e se incubem do seu adestramento, da ampliação de suas aptidões, da extorsão de suas forças, do crescimento paralelo de sua docilidade e da utilidade na integração em sistemas de controle eficazes e econômicos. Mas ao descrever minhas emoções do prazer do jogo na escolinha de futebol de salão, sinto que há algo como um motor de ação perante a produção de um desejo que me faz mover e que apenas ser tratado nos termos de “poder disciplinar”, talvez não dê conta de compreender processos que me tornam sujeito<sup>10</sup>.

Nesse sentido aparece a biopolítica da população, com as questões que se referem aos “controles reguladores” preocupados com a proliferação, o nascimento e a mortalidade, o

---

gesto; organização do tempo entre tarefas repetidas e graduadas; e para uma individualidade disciplinada usos das técnicas de “vigilância hierárquica”, “sanção normalizadora” e o “exame” (FOUCAULT, 2010a).

<sup>10</sup> De acordo com Foucault (1995, p.235) há dois significados para o termo “sujeito”, isto é, "sujeito a alguém pelo controle e dependência, e [sujeito] preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento", logo, “ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a”.

nível de saúde e a duração da vida. Disciplina e biopolítica que apontam dois procedimentos de poder, e caracterizam nossa modernidade no deslocamento do antigo regime de causar a morte ou deixar morrer para a cena principal de “fazer viver e em deixar morrer” (FOUCAULT, 1999a, p.287-294). Logo, um tipo de razão que atua sobre indivíduos e população a partir da noção de biopoder<sup>11</sup> de Foucault (1999a; 1999b). Um biopoder cujas normalidades regulam a vida do indivíduo e da população. Norma(lidade) que dialoga com a “sociedade dos indivíduos” visto que Elias (1994c, p.63-125) entende que indivíduo não existe sem sociedade nem se desenvolve como um “espírito supra-individual”<sup>12</sup>. Há um estabelecimento de controle social ligado ao autocontrole do indivíduo. Ora, não é disso que tratam as normalidades em Foucault? Uma norma que se aplica tanto ao corpo que se quer disciplinar quanto à população que se quer regulamentar? Assim, seria insuficiente tomar tal sociedade apenas nos termos do poder disciplinar, mas do entrecruzamento da norma da disciplina com a norma da regulamentação (FOUCAULT, 1999a, p.302). De todo modo não é intenção desta dissertação responder se o futebol é parte do “processo civilizador”, ou fruto do “poder disciplinar”, ou mesmo avanço “biopolítico” na cidade de Florianópolis. Talvez dialogar, apontar caminhos, quer dizer, problematizar entre questões civilizatórias

---

<sup>11</sup> Não pretendo levantar a complexa discussão entre as noções de “biopoder” e “biopolítica” a partir dos livros, ditos e aulas de Foucault e de seus comentadores. Nesta dissertação coaduno a um usuário de Foucault. Segundo Castro (2009, p.376) “as disciplinas foram as técnicas políticas do corpo individual; a biopolítica, a técnica do governo das populações” e ambas compõem o “biopoder”, “um elemento indispensável para o desenvolvimento do capitalismo [que] serviu para assegurar a inserção controlada dos corpos no aparato produtivo e para ajustar os fenômenos da população aos processos econômicos” (CASTRO, 2009, p.58). Portanto o biopoder se desdobra entre uma anátomo-política do corpo humano, a disciplina; e uma biopolítica da população, do corpo-espécie.

<sup>12</sup> A citação corresponde à página 88 da parte II do livro “A sociedade dos indivíduos”, escrito entre 1940 e 1950.

e de governo dos corpos seja no nível em que meu pensamento se encontra o mais sustentável.

Nestes termos, caso esta dissertação fosse eminentemente teórica, o diálogo entre Elias e Foucault aqui prosseguiria. Os fios que busco são outros, quer dizer, construir e mover o objeto futebol através das empirias, fruto da investigação junto aos arquivos do Colégio Catarinense, da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, e Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina e Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina em Florianópolis. Minha prática de historiografia só pode surgir a partir das questões que vão se reelaborando através dos achados. Memórias, dados, fatos, notícias, histórias narradas que saltam aos olhos. Relatórios e fotografias do Ginásio Santa Catarina, Diários dos Padres, notícias do colégio nos jornais da época, livros de memórias, enfim, uma série de discursos que apresentam partes e versões dos fatos dos sujeitos que representaram os anos do Colégio e da cidade através de seus ditos. Como ensina Certeau (2006), uma escrita da história que é uma prática e um discurso. Ora, minha prática e meu discurso de compreender as operações que regulam a escrita da história – fabrica-se um objeto, organiza-se um espaço e tempo, monta-se um relato de cultura.

O que é ser historiador, já questionava o filho de Marc Bloch. E este, encarcerado, devido aos horrores da 2ª Guerra Mundial iniciava sua tentativa de resposta ao destacar o ofício do historiador. Mas fuzilado em 1944 em Lyon nos deixa as marcas dos acontecimentos daquela estúpida guerra, e qual não é? Marcas que transparecem no final abrupto do livro: “as causas, em história como em outros domínios, não são postuladas. São buscadas” (BLOCH, 2002, p159). Busco então minha escrita da história a partir dos suportes empíricos e dos usos<sup>13</sup> de Michel Foucault e de Norbert Elias enquanto caixa de ferramenta.

---

<sup>13</sup> Usos dos autores não significa manter-se fiel, mas tomar suas ideias como inspiração para construção do meu relato. Algo que Foucault já dizia sobre seus usos sobre Nietzsche. Tal qual aqueles autores de que se gosta o reconhecimento passa “precisamente [em] utilizá-lo, deformá-lo,

Assim como Foucault (2010b, p.229) explica, “eu tateio, fabrico, como posso, instrumentos que são destinados a fazer aparecer objetos”. Objetos que são de certo modo determinados pelos instrumentos, caso sejam falsos, os objetos serão ruins, mal construídos. Assim como Foucault (2010b, p.229) “não tenho teoria geral e tampouco tenho um instrumento certo”. Início com esta dissertação uma teorização nos termos que explica Veiga-Neto (2009, p.89), “uma ação de reflexão sistemática, sempre aberta/inconclusa e contingente, sobre determinadas práticas, experiências, acontecimentos ou sobre aquilo que se considera ser a ‘realidade do mundo’”. E assim se abre importância de aqui apresentar quatro importantes documentos, as fontes empíricas desta pesquisa. *O Diário do Padre Prefeito; O Jornal O Dia, as fotografias e os Relatórios do Ginásio Santa Catarina*. Início pelos últimos para chegar ao primeiro.

As fotografias encontradas no acervo fotográfico do Colégio Catarinense (algumas publicadas no site da instituição mas muitas outras disponíveis *in lócus*), e os Relatórios do recorte serão lidos como monumento. Uma forma de me distanciar dos trabalhos historiográficos sobre o início do esporte bretão ao passo que se abre espaço para alargar o que foi o futebol enquanto prática de saber-poder que subjetivou corpos e almas em Florianópolis. Ler fotos como uma narrativa visual que procura dar visibilidade a estratégias de saber-poder. Fotografias encontradas nos momentos de lazer e de esporte que saltam aos olhos. Fotos mandadas fabricar que incidem visibilidade dos locais de poder.

Sobre os Relatórios do educandário, estes reúnem dados estatísticos dos alunos, matrículas, cidade de origem, religião, idade média por curso, crônica do ano letivo, aviso para matrículas do ano seguinte, narrativa sobre “natureza e fins do Instituto”, melhoramentos e donativos como aquisição de livros para as suas bibliotecas, peças para o museu de “história natural”, “sinopse das matérias de ensino do ano escolar”. Especificamente

---

fazê-lo ranger, gritar. Que os comentadores digam se se é ou não fiel, isto não tem o menor interesse” (FOUCAULT, 1986, p.143).

interessam nos Relatórios do Ginásio Santa Catarina os “pontos de progresso”, aqui havia “sanção normalizadora” (FOUCAULT, 2010a, p.171-177), pois circulava a classificação dos melhores alunos segundo classe e disciplina, incluindo jogos, canto; e as “crônicas do ano letivo”, espécie de resumo ora mais detalhado ora mais sucinto das diversas ações que tanto equipe docente quanto discente realizou.

Fotografias e Relatórios lidos como monumento. Possibilidade de derreter a cera dos museus que transforma documentos em monumentos. Como salienta Le Goff (2008, p. 525-539) inspirado pela introdução de “A Arqueologia do Saber”<sup>14</sup>, significa que alguns documentos podem ser lidos como monumentos onde suas tintas apresentam não o conjunto do ocorrido no passado, mas as escolhas operadas com vistas a uma herança. Páginas montadas que visam deixar expressa uma memória para ser recordada, avisada, iluminada, instruída (LE GOFF, 2008, p. 525-526). Não se trata de fazer a seleção entre documentos, o que a Escola Positivista intentava entre documentos-verdade e documentos-ficção. Todo documento é verdadeiro e falso, ou se preferir, ficção. Se textos nada mais são do que acontecimentos atravessados por redes de poder que devem ser questionados, então me interessa percorrer pelos monumentos que encontro as condições de sua produção.

---

<sup>14</sup> Livro considerado metodológico da arqueologia de Foucault, cuja primeira publicação data de 1969. Para Prado Filho (1998, 57-58) “A Arqueologia do Saber” que trata da produção dos saberes, projeto epistemológico donde a metodologia da arqueologia trata do sujeito do enunciado, quer dizer, trata-se da problemática do sujeito enquanto figura de enunciação marcado por discursos com pretensão a um estatuto de verdade, numa palavra, desenha a figura do sujeito do enunciado. Enunciado múltiplo e em movimento. Operam por isso nas produções da subjetivação. Enunciação que incorpora funções de sujeito, objeto, conceito, não se trata apenas dos elementos gramaticais das frases nem da soberania do sujeito falante, mas enunciação é acontecimento único, singular e datado (PRADO FILHO, 1998, p.60-61). Por isso que há produção do sujeito pelo discurso, tipo de objetivação nos jogos de verdade.

Desmontar sentidos museológicos, mitos da origem e do final da História (vencedora, progressista) conhecidos ao deslocar questões. Se duvido, escrevo história. Deslocar a feliz história contida no documento para um trabalho minucioso com “uma massa de elementos” que se isola, reagrupa, relaciona em conjunto (FOUCAULT, 2009, p. 13-14).

A pesquisa em jornais da época encontrou um importante documento, trata-se do jornal “O Dia – órgão do Partido Republicano Catarinense”, que funcionou entre 1901 a 1918, quando na ocasião da troca de comando da direção política do estado, saía do governo do estado de Santa Catarina a ala “laurista” e assumiria a ala “hercrista” do Partido Republicano Catarinense – PRC (DALLABRIDA, 2001, p.79). Este jornal por tratar além das crônicas e notícias também veiculava discursos do PRC e por isso é caracterizado inicialmente como oficioso<sup>15</sup>. Produtor de discursos e seus efeitos de verdade que serão analisados na dinâmica do entrançado entre equipe dirigente do PRC e padres jesuítas do Ginásio Santa Catarina, uma configuração formada pelos jogadores supracitados que na dinâmica do equilíbrio do poder apresentam suas estratégias na e pela cidade de Florianópolis.

Há um documento raro, refiro-me aos Diários dos Padres Prefeitos<sup>16</sup>, apresentam cotidiano do ambiente escolar jesuítico e em diversos trechos são recheados por ironias, tipo de parrésia, nos termos de Foucault (2004; 2011a; 2011b). A franqueza e a coragem de trechos dos Diários sugere diferentes maneiras de dizer a verdade. Na intimidade e confiança entre si os docentes jesuítas permitiam-se ir além das artificialidades dos pactos entre

---

<sup>15</sup> No decorrer da analítica o jornal O Dia será tomado por novas interpretações que ajudam a ler o desenvolvimento do *foot-ball* na cidade de Florianópolis.

<sup>16</sup> Agradeço a disponibilidade desta fonte pelo professor Norberto Dallabrida, ensina demonstrando que ninguém é dono de verdades nem de fontes. Reconheço uma dívida para com tal dádiva. A partir deste momento tal fonte será nomeada como “Diário do Padre”.

elites políticas e eclesiásticas. Quer dizer, há uma prática de “confissão” também no sentido de Foucault (2010b, p.237) nestes documentos sobre os modos como se gerenciava a vida na intimidade do estabelecimento jesuíta. Os Diários dos Padres serão lidos tanto pelo arranjo da configuração com o PRC (em diálogo com o oficioso *O Dia*) quanto pela sua singularidade (apresentam uma ética nos termos de modo de ser e de condução).

Portanto, entre a leitura de fotografias, de relatórios, dos jornais e dos Diários dos Padres busco o corpo que se civiliza na tensão entre regulação e controle das emoções numa cidade que se modifica. Como Albuquerque Júnior (2006, p.100-101) salienta, inspirado em Foucault, o prazer do ofício de ler e escrever história “não está no encontro com a verdade derradeira, mas na sua procura”, logo, não importaria nem seria finalidade “encontrar as versões definitivas sobre os fatos, mas desmontar aquelas versões tidas como verdadeiras, tornando outras possíveis, libertando as palavras e as coisas que nos chegam do passado de seu aprisionamento museológico”. Derreter, a partir de sucessivos deslocamentos, museus de ceras das “memórias enquadradas” nos termos de Pollak (1989), tratam-se daquelas memórias oficiais incorporadas, tornadas verdade feitas para brilhar e assim ofuscarem outras “verdades” que se silenciam ou se obscurecem nas marginalidades de uma sociedade.

Há ainda um destaque dos documentos. Refiro-me ao romance de Barbosa (1979) “O garoto e a cidade”. Esta obra apresenta as narrações do garoto Silvio, transita desde tempos anteriores à sua existência até toda consolidação no período da primeira república catarinense. Memórias preenchidas por suas leituras, das de outrem, ou mesmo “enquadradas” pelo trabalho de inculcação, este “mal do passado” nos termos de Pollak (1989). De todo modo esta obra seria como o impulso potente da escrita, pois há uma série de fatos que interessam ao escopo desta dissertação. Para não ser exaustivo apenas dizer que o garoto tinha como predileção jogar futebol e foi aluno tanto do internato

quanto do externato no Ginásio Santa Catarina<sup>17</sup> já serviriam, grosso modo, como justificativa para um uso na produção escrita. Em verdade defendo o uso da literatura não como mera função ilustrativa, senão como possibilidade de uma escrita que seja academicamente válida e poeticamente visível.

Por isso que este trabalho para situar o governo dos corpos é genealógico inspirado em Foucault, e de recortes sociológicos com usos de Elias. Mas o que seria a tal genealogia foucaultiana? Talvez um grande acúmulo de materiais, exemplos do passado. Talvez um tipo de paciência oficiosa daquele tipo de historiador que se larga nos arquivos empoeirados de relatórios oficiais, nas páginas amareladas daqueles jornais. Quando possível vai a livros que tantos outros já referenciaram, talvez haja interditos em suas linhas. E ainda esse historiador escuta o não quando intenta algum acesso da pesquisa, mas nem por isso se intimida, junta os cacos e encontra sua potência. Em verdade um genealogista deve aprender a governar sua pesquisa. Como? Mantendo-se na questão problema em permanente suspense, quer dizer, trabalha com problematizações e mesmo assim espera se surpreender a qualquer momento. Entre um grito da história e um sussurro ao ouvido, eis que um fato histórico se revela. Portanto, tal arte de escrever o passado, este é o ofício do genealogista. Nada menos do que um modo de contar a história. Genealogia que se renuncia a encontrar uma origem, uma história teleológica, e se aproxima de uma desconstrução do aparente, por isso mesmo uma “genealogia dos valores, da moral, do ascetismo, do conhecimento” (FOUCAULT, 1986, p.19). Invertem-se questões, desloca-se o passado, e entre o passado e o futuro não há mais condições de um presente naturalizado.

Uma genealogia de fazer viver entre nós a partir de mim acontecimentos, descobrir “que na raiz daquilo que nós

---

<sup>17</sup> Renato Barbosa (1902 – 1988) gradua-se em direito no Paraná, exerceu cargo de professor na Faculdade de Direito de Santa Catarina, foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e da Academia Catarinense de Letras na cadeira 33. Nasceu e morreu em Florianópolis (PIAZZA, 1985, p.66).

conhecemos e daquilo que nós somos – não existem a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente” (FOUCAULT, 1986, p. 19-21). Por isso é crítica ontológica do modo como chegamos a ser o que somos. E a questão que se desdobra a partir da problemática sobre o início e o desenvolvimento do jogo de futebol na cidade de Florianópolis poderia ser sintetizada a: *por que obedecemos?* Não se trata de respondê-la efusivamente, emocionado e ingenuamente, mas de efetuar sucessivos deslocamentos a partir dos entrecruzamentos com documentos que apontam práticas do futebol num dado colégio numa dada cidade em suas espacialidades. Entende Gros (2006, p.136) que a chave da obediência do sujeito ocidental moderno para Foucault se situa no desdobramento, ou tentativa, da resposta à questão “Quem sou eu?”, a partir de si mesmo, quando se trata da “colocação de minha verdade em discurso”. Significa que tentar responder tal questão, longe de um sujeito liberado, seria o da maior submissão ao outro. Colocar-se a questão “Quem sou eu?” e tentar respondê-la é nossa maneira de obedecer (GROS, 2006, p.136). Quem é o “nós” produzidos pelas práticas discursivas produtoras de obediência quando se joga futebol? Que ordem do discurso é esta que produz regimes de verdade de modo controlado, selecionado, organizado e distribuído com vistas a dominar o aleatório (FOUCAULT, 2010c, p.8-9)? E, no entanto, não creio que haverá a resposta para *por que obedecemos*, talvez, o máximo que este trabalho dê conta seria apresentar indícios, notas esparsas, opacas.

Em suma problematizo questões de governo, o que Foucault (1990) apresenta na conferência de 1978: “O que é a crítica?”. Uma atitude crítica e genealógica de construir uma historicidade de como indivíduos são governados à sua salvação onde há grupos que os ligam numa relação ao mesmo tempo global e meticulosa, detalhada de obediência. Técnicas de obediência que produzem uma verdade, entrecruzamento com saber pelos dispositivos de poder que através das normalidades subjetivam, quer dizer, promovem individualização. Artes de pedagogia das escolas, dos jornais e de todos os locais de saber que atuam como dispositivos de poder. Quer dizer, como

governar é questão desdobrada de, *por que obedecemos*, a partir da emergência destas artes de governo – corpos e almas, instituições, indivíduos e sociedades. Uma postura crítica em estender a questão “Como não ser governado?”, não se trata de opor “não quero ser governado”, mas de relacionar “como não ser governado assim, por isso, em nome desses princípios, em vista de tais objetivos e por meio de tais procedimentos, não dessa forma, não para isso, não por eles” (FOUCAULT, 1990, p.3-4). Assim, deixo claro que intento desenvolver a questão de por que e como o futebol se desenvolve no colégio e sua relação com a cidade através de uma atitude crítica sobre processos da nossa cultura geral e que se desembocam em fatos que os tornam históricos. Como Foucault, penso que a minha arte da escrita e da crítica passa por suspender “normalidades”, “individualizações” nos processos de governo dos corpos ao evidenciar processos de subjetivação.

É possível a partir do jogo de futebol compreender *práticas* que fizeram de nós partes daquilo que somos? Ou melhor, as respostas para o que somos disponíveis na sociedade, aquelas que alcançamos quando tentamos responder “Quem somos nós?”. Aliás, o que são práticas? Aqui não me refiro mais a prática de jogar bola, mas a uma importante noção foucaultiana. Trata-se de situar práticas que constroem uma “experiência”, um “pensamento”, o que “Foucault entende por práticas [seria] a racionalidade ou a regularidade que organiza o que os homens fazem” (CASTRO, 2009, p.338). Na trajetória dos trabalhos de Foucault tanto “episteme” como “dispositivo” podem ser lidos em termos de “práticas”. E neste trabalho que se não for, ao menos se inspira em genealogia, faço usos do “dispositivo”, o objeto da “descrição genealógica” (CASTRO, 2009, p.123-124). Dispositivo como “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 1986, p.244). Nestes termos dispositivos integram práticas discursivas e não discursivas que se estendem “da ordem do saber à ordem do poder” (CASTRO,

2009, p.337), numa palavra, dispositivo está situado numa forma de vida. Portanto, para não me tornar difuso, talvez confuso, este trabalho usa “dispositivo” para evitar idas e vindas teóricas e, sobretudo, por ser esta noção um modo de relacionar elementos heterogêneos que encontro ao longo da empiria que se referem a proposições filosóficas e morais. Quer dizer, dispositivo entra como “um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência”, e está “sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem mas que igualmente o condicionam” (FOUCAULT, 1986, p.244 e 246). Dispositivo como fusão entre método e objeto (ASSMANN e STASSUN, 2010) que evidencia a mim entre estratégias de relações de força na dinâmica do equilíbrio do poder, o *futebol como dispositivo do poder*. Há uma arte de governar que promove este conjunto de práticas numa dada conjuntura social?

Eis que o esboço do quadro teórico para ler o futebol se completa. É que o colégio dos padres jesuítas é lócus privilegiado para explorar dispositivos do que Foucault vai denominar do “poder pastoral”. Tema do poder pastoral que para Foucault (1995, p.238) mudou seu objetivo da época grega clássica que se ligava “a verdade do próprio indivíduo”, pois agora não se trata de salvação no outro mundo, mas assegurar-se neste mundo, assim o termo “salvação” adquire diversos sentidos – saúde, bem-estar, riqueza, padrão de vida, segurança, proteção contra acidentes – objetivos mundanos, que leva a uma multiplicação dos objetivos e agentes do poder pastoral mediante “dois pólos: um, globalizador e quantitativo, concernente à população; o outro, analítico, concernente ao indivíduo”. Nesse sentido a entrada do poder pastoral me servirá para alargar práticas que marcam regularidades e criam um pensamento e experiência que contribuem a deslocar as questões “Quem sou eu?”, “Quem somos nós?”. Trata-se de evidenciar através do pastorado e do entrançado destes padres-pastores na dinâmica configuracional (PRC- O Dia) na cidade com vistas à emergência de um *ethos* no sentido de Foucault. Quer dizer, uma “**escolha voluntária** de

uma maneira de pensar e de sentir, de agir e conduzir-se, como marca de pertencimento e como tarefa” (CASTRO, 2009, p.154, grifos meus).

Ora, questão de governo e de obediência através dos usos dos corpos no futebol através do nascimento de um *ethos* futebolístico na capital de Santa Catarina. *Ethos* como marca indelével de como sujeitos fazem e o modo como fazem que neste trabalho se orienta pela perspectiva de que mudanças ao nível do esporte transcorrem através dos deslocamentos entre ética, técnica e estética<sup>18</sup>. Os temas que justificam este trabalho no âmbito de práticas de lazer e de esporte na sociedade aqui são reelaboradas. Tratar das masculinidades, da sociedade burguesa e da busca da excitação articuladas ao nascimento de uma estética, técnica e ética vinculados aos usos do corpo no e pelo *foot-ball*.

Entendendo a escrita da história tal qual Certeau (2006) inserida numa prática social que constitui um saber de e sobre o outro, uma ciência humana, tenho de me vigiar para não punir o “outro” e seu “passado” numa escrita etnocêntrica que privilegia as obviedades do lugar e tempo de que falo. Seria um tipo de prática que fingi “no presente o privilégio de recapitular o passado num saber” (CERTEAU, 2006, p17). Eis que o anjo da História que nos relata Benjamin surge para mim. Então assumo o tempo que leio e o passado sobre o qual escrevo como sendo meus, minha apropriação. Pratico neste texto fruto de idas e vindas entre arquivos, autores, escrivadinha, barulho e silêncio, uma genealogia de fazer viver (em mim) os acontecimentos de um jogo.

Já dizia Foucault (1986, p.28-29) sobre o fato de que as relações de força que se encontram em jogo na história não obedecem nem à mecânica, nem à destinação, mas ao “acaso” das

---

<sup>18</sup> As questões sobre mudanças no esporte perpassarem entre ética, técnica e estética é fruto do meu processo de aprendizado junto ao grupo de estudos “Esportes e Sociedade” que faz parte do “Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea”, coordenado pelos professores Alexandre Vaz e Jaison Bassani, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina.

lutas, o acaso não como simples sorteio mas como “uma miríade de acontecimentos entrelaçados” que nos parece confuso quando se insiste numa história teleológica. Acaso são aqueles acontecimentos perdidos que desmontam os sentidos de uma História Total. Portanto, o futebol como acontecimento trata nada mais do que sua própria análise, sua formação na perspectiva de uma história efetiva, através das relações de força que o tornam único e agudo aqui, na Ilha de Santa Catarina entre 1906 a 1918.

Alias, o recorte temporal aqui só faz sentido circunscrito à analítica do problema do futebol e da cidade. Afinal de contas não se trata do “estudo de um período” para fazer caber questões do objeto (FOUCAULT, 2010d, p.324-325). Nesse sentido em 1906 iniciam-se as atividades do colégio jesuíta, e desde o início o jogo com a bola já era praticado; já em 1918 há indícios de uma nova transição em marcha na capital de Santa Catarina. Os jornais utilizados na pesquisa são recheados das notícias do contexto mundial do final da 1ª Guerra Mundial, e regional da “Questão do Contestado”. Ao nível local há a mudança de governo do PRC, assume Hercílio Luz, e muda-se o nome do educandário jesuítico para “Ginásio Catarinense” e, sobretudo, há neste ano a epidemia da gripe espanhola, o “fantasma negro da influenza hespanhola [que] num vôo assombroso avassala a nossa pátria e esta cidade” (GINÁSIO...1918, p.10). Fato histórico importante ao processo de reforma urbano social da cidade de Florianópolis que como bem historiografa Araújo (1989) se avoluma no início da década de 1920 no âmbito das mudanças na cidade. E nos termos do jogo de *foot-ball* há o nascimento de um clássico entre times e a consagração do *time campeão catarinense de 1918*. De todo modo percebo outras e novas influências na cidade de Florianópolis, algum rearranjo da configuração entre as partes, problemas das ligações sociais – afetivas, políticas e econômicas – que me levam a fechar o trabalho no Ato Final. Quer dizer, o movimento do futebol pela cidade toma outros ares, não é autômato o fato de que no início da década de 1920 o Colégio Catarinense será palco para a fundação do que viria a ser a Federação Catarinense de Futebol, deslocamento para

profissionalização do esporte na cidade. Mas esta seria outra história.

Aqui, fico com o enredo de cultura de uma cidade sobre o processo de emergência ou nascimento do futebol, que será tratado no *Ato 1* “O nascimento do futebol no Ginásio Santa Catarina”. Um ato organizado em três cenas: 1. Insere-se nos deslocamentos entre o ulterior e o nascimento das questões sobre lazer e esporte da cidade; 2. Trata-se de acontecimentos que contribuem para o desbloqueio nos termos de Foucault do “biopoder” na capital do estado de Santa Catarina; 3. Evidencia-se a prévia do estabelecimento da configuração entre os atores que articulam uma rede de saber-poder, padres do Ginásio Santa Catarina e elite dirigente do Partido Republicano Catarinense rumo ao corpo civilizado.

Como nada surge espontaneamente num encontro de indivíduos, não há marco zero da civilização, há liminaridades para serem traçadas entre inculcar padrões de condutas e modos de ser dos dispositivos de poder. Eis que subjetividades dos corpos normalizados, individualizados e totalizados inserem-se na produção de uma população num território através da dinâmica entre tensões (trabalho e passatempo). Expressão da colonização do saber pelas estratégias de saber-poder que irão efetivamente desenvolver o jogo de *foot-ball* pela Ilha de Santa Catarina? Aqui, entra o *Ato 2*, “Desenvolvimento do futebol do Ginásio Santa Catarina na cidade de Florianópolis”, que também se organiza em três cenas: 1. Inventário de dentro dos muros do colégio, onde há o desenvolvimento de atividades com características de passatempo; 2. Como ocorre o processo, nos termos eliasianos, da “esportivização” do jogo de *foot-ball* na cidade; 3. Como a força do pastorado do Ginásio utiliza-se do jogo que além de retroalimentar a configuração dá visibilidade ao que seria inventado como o “clássico” entre os times Internos Vs. Externos. Não será difícil perceber que as Cenas de cada Ato dialogam entre si, ou melhor, há um fio condutor a partir do entrelaçamento do enredo, por vezes invisível, em outras explícito. Não há intenção de tratar o objeto como um dado natural e imprimir-lhe um sentido de processo que em partes

dialoga em forma de tensão com Elias, e em partes apenas tensiona o limiar, da emergência de um jogo: o futebol. E assim, tal como uma dispersão, no sentido de que não há centro unificador na história, eis que uma dança poderia mover as partes de modo que a cena 1 do Ato 1 dialogue com a cena 4 do Ato 2; a cena 2 do Ato 1 com a cena 5 do Ato 2; a cena 3 do Ato 1 com a cena 6 do Ato 2. Nada fixo, afinal de contas “tem coisas que nos deixam sem palavras. E tem coisas que as palavras não dão conta de dizer. É aí que entra a dança” (PINA, 2011)<sup>19</sup>.

De todo modo, introduzo aqui, um enredo de cultura, inspirado em Elias (2008) que já apontava, “a cultura como sistema aberto [...] para análise e interpretação do cotidiano” e no elogio da descontinuidade de Foucault ao celebrar entre anacronismo e singularidade a certeza de que “a história não tem nem objetos e nem articulações naturais” (DALLABRIDA, 1998, p.88). Talvez, agora não haja mais necessidade em me defender, ou justificar, o por quê de passar cerca de metade desta dissertação tratando do *não futebol*. Afinal, qual a melhor forma de contar uma história da ausência, do que cavar aqui e acolá, o suficiente, para alargar o quão nada nasce pronto. Talvez haja uma curva em demasia para fora do objeto, talvez fosse para melhor construir meus instrumentos de análise. Se cheguei até a curva *do tempo do não futebol*, é porque passei boa parte do “meu” tempo na escolinha de futebol de salão, excitado e adestrado, sem perceber o quão havia incorporado as questões que aqui procuro deslocar – (minha) masculinidade, (minha) noção de sociedade, (meus) usos do corpo nos passatempos.

---

<sup>19</sup> Pina Bausch foi coreógrafa, bailarina, falecida em 2009 cuja citação da coreógrafa é expressa no filme “Pina” (2011) que, mais do que uma biografia, apresenta espécie de homenagem dos dançarinos que conviveram com a alemã, esta artista capaz de relacionar características entre dança e teatro e elementos como terra, fogo e água.



**ATO 1 NASCIMENTO DO FUTEBOL NO GINÁSIO  
SANTA CATARINA**

Tínhamos a profunda consciência de que a compreensão do esporte contribuía para o conhecimento da sociedade (Norbert Elias, 1992b).

Esta parte do trabalho versa sobre o nascimento do futebol no Ginásio Santa Catarina entre 1906 a 1918, para tanto, as fontes são mobilizadas à luz do tempo do *não futebol*. Será percorrido aspectos da cidade e de sua população, espécie de uma genealogia de recorte sociológico com vistas a evidenciar elementos de uma configuração do momento sócio-histórico da capital do Estado de Santa Catarina. Uma das questões que emergem é como a prática do futebol engendra-se no processo de civilização donde se apontam indícios de uma razão política nos termos do biopoder, isto é, desbloqueia-se.

Para tal, a fim de evidenciar as condições estruturantes no qual o futebol foi se consolidando na cidade de Florianópolis, opera-se por deslocamentos. Uma leitura crítica a partir do 1º jogo de *foot-ball* é possível desde que se tenha uma compreensão do processo de civilização e de algumas questões que envolvem governo e obediência. Nesse sentido questões de ordem da política e do lazer e esporte na cidade são movimentadas em diálogo com a emergência de uma mentalidade de governo. Desenvolver o problema do jogo de futebol junto aos corpos sem antes apontar aspectos das normalidades e das subjetividades nas práticas de uma sociedade, poderia levar a certo anacronismo que não ajuda, ou no melhor tratamento das ideias, a um círculo vicioso de obviedades em que não se avança na decodificação da questão problema deste Ato de nascer: qual a relação entre o jogo (que ainda não se realiza) e a cidade? Ou seja: como o tempo do *não futebol* tornar-se-ia o *tempo do futebol* na cidade? Portanto, uma leitura que desnaturaliza os movimentos republicanos de Santa Catarina e fornece elementos de fundo aos novos imperativos estéticos e éticos que vão alimentar o imaginário de uma sociedade e materializar seus elementos de civilização. Antes de um jogo numa escola se tornar acontecimento serão

consideradas as condições de seu nascimento, ou nos termos de Elias (1992a, p.187-221), as formas “pré-esportivas”.

O jogo de futebol teve este ano animação extraordinária. Grandes esforços empenharam os alunos para se aperfeiçoar nesse jogo, que, quando **moderado**; representa um **útil** e **salutar** e também agradável **divertimento**. Os seus esforços foram premiados e coroados com uma brilhante vitória. Achando-se nesta capital por motivos do concurso da 1ª entrância, diversos moços de São Paulo e Rio de Janeiro desafiaram os alunos do Ginásio para um *match* de futebol. Escusando-se estes, por não estarem bem familiarizados com todas as regras desse belo jogo, o distinto moço [...] teve a gentileza de ensaiá-los diferentes vezes. Chegado o dia 14, efetuou-se, na praça General Ozório, às 2 horas da tarde, o *match*. Era a **primeira partida** desse **jogo esportivo** que se realizava **nesta capital**, e o Campo do Manejo [local do atual Instituto Estadual de Educação] estava **repleto de espectadores**. Apresentaram-se em campo os dois *teams* uniformizados: os alunos de branco, com faixa vermelha à cintura, e os adversários de camisa azul e calção branco. Depois de renhido combate, coube a vitória aos alunos do Ginásio, que venceram com 2 *goals* contra 1 (GINÁSIO..., 1910, p.8. grifos meus).

Este trecho apresenta uma partida exemplar que promove o jogo, o colégio e a cidade. Chama atenção ao texto do Relatório do Ginásio Santa Catarina algumas questões relativas a prática deste jogo. O que significa dizer jogo “moderado”? Como o jogo pode ser “útil” e produzir “divertimento”? Por que não se jogava

futebol antes desse fausto dia? Como se monta um palco “repleto de espectadores” numa primeira partida deste esporte? Para que serve o jogo? O que se ganha com a emergência desse esporte na Florianópolis do início da década de 1910? A partir da narração exemplar<sup>20</sup> o jogo será movimentado neste Ato de nascer, menos para explicar o futebol do educandário, e mais, para estabelecer condições que levaram ao acontecimento deste jogo. Portanto, antes de sua analítica, desloca-se esta primeira partida pela cidade no seu tempo do não futebol.

Anos antes notícias já apontam a mobilização social para organização de um *club de Foot-Ball* na ilha de Santa Catarina: “Consta-nos que, por iniciativa dos srs. Alfredo Trompowsky, Orlando Formiga e Paulo Demoro, fundar-se-á nesta capital um *club de Foot Ball*; o qual tomará o nome de *Sport Club Catharinense*” (JORNAL O CORREIO DO POVO, 1904a). O referido jornal dias depois desejava sucesso à empreitada de seus idealizadores:

Um grupo de moços da nossa sociedade, reunir-se-ão no próximo domingo 21 do corrente ao meio-dia nos salões do Club 16 de Abril, gentilmente cedido pela sua distinta diretoria, a fim de fundar uma sociedade de *foot-ball*. Consta-nos também que todas as pessoas que quiserem assistir a essa reunião serão considerados sócios fundadores. Que sejam bem sucedidos os jovens iniciadores, são os desejos do Correio do Povo (JORNAL O CORREIO DO POVO, 1904b).

---

<sup>20</sup> Exemplar, pois outras fontes recorreram ao texto tal qual consta no relatório do Ginásio de 1910. Por exemplo, MAURY (1996, p.3); DAMIANI FILHO (2006, p.14); e HUBENER (2008, p.37).

Um espaço de seis anos, entre notas da fundação de um time e notícias de um jogo. Interditos<sup>21</sup> não impedem que a relação esporte e sociedade contribua para pensar a formação de uma localidade, pois questões ligadas as características das atividades de passatempo como sociabilidade e excitação mimética ultrapassam as regras do jogo. Nesse sentido alguns fragmentos de uma história do corpo pode alargar no período pré-esportivo contrastes sobre questões de estética e ética corporal. Talvez contribua a uma compreensão ampliada da instalação deste esporte no decurso de um processo.

Um salto a precedentes históricos pode ajudar numa melhor compreensão socio-histórica dos discursos e práticas do *foot-ball*, que a partir de 1910 vão tomando força e cuja circularidade o jornal “O Dia” apresentará no decorrer desta dissertação<sup>22</sup>. Nesse sentido opera-se a fim de evidenciar questões ímpares. República em Florianópolis, aspectos da revolução federalista, consolidação do partido republicano e divertimentos da população da cidade como componentes de um quadro do processo de civilização inseridos na transição da ordem soberana para a de biopoder. Portanto o *tempo do não futebol* trata, na perspectiva de uma história do corpo, do tipo de sensibilidade e da difusão de valores aristocráticos pela burguesia nas atividades de passatempo, e da configuração entre poder pastoral e mentalidade de governo do PRC os antecedentes que permitem o estabelecimento do Ginásio como única instituição de ensino secundário masculina.

---

<sup>21</sup> A pesquisa empírica encontrou as duas notícias citadas, não obstante, outros trabalhos já apresentaram notícias expressas no jornal “O Dia” de 11, 13 e 22 de novembro de 1904 (MACHADO, 2000; HUBENER, 2008). Nas notícias apresentadas em “O Dia” um de seus idealizadores coincide, Paulo Demoro, entretanto, o nome do *team* a ser fundado seria outro, *Sport Club* Internacional. Importante destacar que não consegui acesso a todos os anos deste oficioso jornal. Entre estes seis anos pesquisei 1906 (jan-jun); 1907 (jul-dez); 1908; 1909 e 1910 (jan-jun).

<sup>22</sup> Sobretudo no Ato 2 que verso sobre o desenvolvimento desse jogo no Ginásio Santa Catarina e na cidade.



## CENA 1: A PROBLEMÁTICA DO PASSATEMPO E USOS DO CORPO NA CAPITAL DE SANTA CATARINA

O estudo dos passatempos como lazer e esporte contribuiriam para a teoria do processo de civilização quando a análise destas práticas culturais se respalda pela compreensão das rotinas do trabalho, pelo uso do tempo livre de uma sociedade e pela formação de uma população no território. Conforme aponta Elias (1992a, p.196), “espera-se que a formação do Estado e a formação da consciência, o nível de consciência, o nível de violência física socialmente permitido e o limiar de repugnância contra o seu uso ou o respectivo testemunho assumam formas específicas em diferentes estágios no desenvolvimento das sociedades.

Elias (1992b, p.43) opera na análise do desenvolvimento de uma sociedade o “tempo social na longa duração” e assim percebe mudanças na “estrutura da personalidade social” na mesma direção daquelas sofridas no decorrer do “processo de civilização. Neste trabalho “personalidade social” eliasiana será absorvida nas questões que tratam do nascimento e desenvolvimento de um *ethos* na cidade de Florianópolis. *Ethos*, deslocado através do estudo do lazer e do esporte, contribui para uma alargada compreensão do processo de civilização desde que sejam incluídas neste, as estruturas de poder. A imbricação do lazer e esporte na perspectiva do passatempo, pode ser alargada através de uma analítica do governo dos corpos, na produção de um *ethos*?

De forma esquemática e sucinta apresento uma leitura fragmentada do lazer e do esporte na ilha de Santa Catarina<sup>23</sup>. Como refletem Vaz e Bombassaro (2012, p.60-61) a modernidade

---

<sup>23</sup> Tenho a clareza dos limites dessa leitura obtida a partir das fontes de outrem, mas entendo ser esta uma empreitada já declarada de fragmentos. Ademais o objetivo deste subitem é demonstrar a alteração das sensibilidades no decorrer da instalação da república em Desterro/Florianópolis com vistas a justificar a emergência do jogo de futebol.

nada mais é que uma experiência histórica, não um período cronologicamente datado, fixado e parado, mas que deve ser inserido nas condições de vida da população a “valorização do êxtase e do espetáculo” refratados na política, educação, artes e relações pessoais de uma sociedade. Memórias e jornais fazem parte da experiência moderna e apontam fragmentos do que virá a ser o esporte moderno na cidade de Florianópolis.

Nosso contador de histórias Barbosa (1979, p.17-18), oriundo de família católica, apresenta alguns dos divertimentos da Desterro. Tratam-se das festas de cunho católico que circulavam na ilha como a do Divino Espírito Santo, onde “abriam-se as casas” e “improvisavam-se danças e fandangos, ao som de gaitas e violas” sucedidas por “mesadas de doces” (BARBOSA, 1979, p.18). E sobre os esportes, ou algo parecido, Cabral (1972, p.213) nos conta que “era privilégio da classe média para cima” e foi a equitação “o que houve aqui de mais antigo”. Prossegue o historiador no seu argumento de que seria natural visto que era este desde o século XVIII o maior meio de transporte em Desterro. E, no entanto as posturas proibiam as “corridas de cavalo dentro da cidade”, e quem quisesse “ser jóquei” teria que “turfar” nos arredores da Trindade, Saco dos Limões. No século XIX, em 1854 um jornal<sup>24</sup> da cidade apresentava uma “cocheira” onde era possível alugar cavalos fosse para condução ou para “**a prática do esporte**” (CABRAL, 1972, p.214, grifos meus). Ainda assim os lugares continuavam regulados visto que em 1858 reclamava-se “contra as correrias pelas ruas” (CABRAL, 1972, p.214).

Estes fragmentos introduzem questões sobre passatempos e esportes. Nesse sentido os divertimentos de uma sociedade carregam aspectos de controle e de excitação o qual devem ser incluídos. Se por um lado provoca excitação agradável, por outro há todo um conjunto de dispositivos de vigilância e controle com vistas a “manter o agradável descontrolado das emoções sob

---

<sup>24</sup> Trata-se do jornal “O Correio Catarinense” de 9 de agosto de 1854.

controle” (ELIAS, 1992b, p.80). Mesmo que a excitação seja o condimento de todas as satisfações próprias dos divertimentos, esta não se dá sem regulação, e numa sociedade, talvez a contradição do passatempo (excitação e controle) possa ser lida nos termos das normalidades que atravessam atividades de passatempo. Quer dizer, inserir uma relação entre o “agradável descontrole das emoções sob controle” e um sistema que normaliza. Nesse sentido o controle permanente através do caráter prescritivo da norma visa tornar as pessoas, seus gestos e atos adestrados ao modelo disciplinar que decompõe indivíduos nos lugares (FOUCAULT, 2008, p.74), e aqui, o exemplo em estabelecer locais permitidos e proibidos nas Posturas relacionadas às corridas de cavalo já demonstram tal normalização.

Escrever como título de capítulo “O povo se distrai mas nem sempre se diverte” é uma aparentemente bem usada ironia de Cabral (1972, 195-244) para retratar seu pensamento de que embora sempre haviam “cantorias” e “bailaricos” na Desterro o povo nem sempre extravasava seus sentimentos na forma de diversão. Talvez o que Cabral (1972, p.195-244) tentasse criticar era o fato de que até nos momentos de diversão o habitante da ilha de Santa Catarina era submetido a algum controle, pois “em verdade, tudo o que havia de bom, capaz de distrair, de divertir, de dar um pouco de alegria à população [...] as famigeradas Posturas proibiam” (CABRAL, 1972, p.197). Estas posturas que trata Cabral (1972, p.197) também se referem “ao sino da Câmara, que tocava o recolher às 9 a noite” e de forma generalizada a todo tipo de proibição que reflete as modulações binárias entre proibir e permitir. Decompor indivíduos e seus gestos através do tempo também se engendra nas características do enquadramento da normalização disciplinar que identifica o normal e o anormal através da norma estabelecida (FOUCAULT, 2008, p. 75).

Mas se Desterro, como em todo lugar, passatempos e divertimentos sempre fizeram parte das práticas culturais desenvolvidas entre tensões regulatórias do governo, comportamento moral da família, ou busca da excitação e do

prazer, então dizer que “o povo se distrai mas nem se sempre se diverte” talvez deva ser melhor explorado. O que de fato significa divertimento, passatempo em uma população? Na perspectiva eliasiana o divertimento pode ser incluído na categoria de lazer desde que seja uma atividade ligada ao uso do tempo livre cuja principal função é ativar formas de excitação agradáveis. Mas há a quimera do tempo livre, pois como desenvolvem Elias e Dunning (1992a, p.110) “só uma porção do seu tempo livre pode ser voltada ao lazer, no sentido de uma ocupação escolhida livremente e não remunerada – escolhida, antes de tudo, porque é agradável para si mesmo”.

Numa organização inicial sobre usos do “tempo livre” Elias e Dunning (1992a, p. 107-110) evidenciam que cerca de metade deste tempo não se refere diretamente a atividades de passatempo no sentido de realizar uma agradável atividade em si mesma, quer dizer, sem outras necessidades. Quanto mais diferenciada for uma sociedade maior será o leque da diversidade das atividades de lazer, e suas diferenças também se tornam acentuadas (ELIAS, 1992b, p.70). Nesse sentido, várias são as atividades que até podem ser associadas à diversão, mas não carregam apenas o agradável de serem realizadas em si mesmo, quer dizer, há tipo de trabalho para além da atividade em si. Sejam atividades que se relacionam ao trabalho privado e administração familiar (cuidados referentes ao lar e aos filhos); o repouso (dormir ou não fazer nada); prover as necessidades fisiológicas (comer, beber, ou novamente, dormir); atividades de sociabilidade (ir a um restaurante com amigos ou colegas do trabalho); o jogo ou atividades miméticas (ir ao teatro ou a um concerto, pescar, jogar futebol, dançar ou ver televisão); enfim, uma diversidade de atividades como estas que podem sair do quadro do lazer caso o “fim em si mesmo” seja deslocado a uma forma de trabalho, mesmo que não seja remunerado. Considerações sobre passatempo que podem ser resumidas no sentido de que nas atividades de não lazer “a função para si próprio é subordinada à função que ela tem para os outros”, já nas atividades de lazer, “a função para os outros é subordinada à função que ela possui para si próprio” (ELIAS e DUNNING,

1992b, p.168). Enfim, tal esboço, muito incompleto, apenas me serve para abordar o que Elias e Dunning (1992a, p.110) entendem como ser equivocado tratar “tempo livre” e “lazer” como sinônimos; o que já seria razão suficiente para evitar polarizações entre “lazer” e “trabalho”. Quer dizer, como se todo o tempo não despendido no trabalho remunerado, o fosse sempre dedicado a atividades de lazer com um “fim em si mesmo”. Por isso quimera do tempo livre, e, no entanto, atividades distintas daquelas rotinas públicas ou privadas que exigem um controle dos impulsos, afetos e emoções não deveriam ser tratadas à margem de uma sociedade pois são assunto sério da vida em sociedade.

Nesse sentido o passatempo na sociedade é um problema que talvez possa ser recolocado em termos de analítica do poder. *É possível o agradável que se busca para si mesmo livre das relações de poder?* Ora, as normalidades de uma sociedade que regulam seus indivíduos não participariam de suas subjetividades no decorrer do seu processo de adestramento? Talvez o tal “fim em si mesmo” ao ser cada vez mais capturado pelas normalidades que inserem indivíduos em uma sociedade seja um permanente jogo entre *excitação e os dispositivos de poder* que incessantemente laçam os viventes que buscam sua excitação. Um *jogo* que absorveu a importância da excitação em uma sociedade que produz formas de animação que autoriza seus indivíduos a um fluir mais livre num quadro imaginário onde perigo, medo ou prazer mimético, tristeza e alegria sejam criados e possivelmente resolvidos pelas atividades de passatempo, sejam quais forem, e por isso mesmo o tal “fim em si mesmo” cujas atividades podem ser resolvidas não deveriam ser lidos como dados naturais, mas fruto do jogo que captura a busca da excitação ao passo que permite formas autorizadas de sublimação nestas próprias atividades. Política da vida do corpo que se (auto)regula através do controle maior e mais contínuo dos impulsos na sociedade ampliada. Então talvez o povo de Desterro se divertia ao passo que era regulamentado na sua própria formação enquanto população.

Há um processo de modernização que se trata de como se reorganiza política e vida, aqui, tratadas a partir das ideias de Elias sobre a interdependência dos processos de desenvolvimento do controle das emoções. Elias (2008, p.154-176) ao estabelecer a interdependência de três hipóteses, a “tríade dos controles básicos”, empreende um tipo de pensamento relacional e sintético para perceber o estágio do desenvolvimento de uma sociedade. Em verdade três hipóteses de controles que se referem aos “acontecimentos naturais” ou extra-humanos; as relações sociais ou “inter-humanas”; e ao auto-controle inculcada em cada indivíduo em seu processo iniciado desde a socialização primária, este último seria de fato, o processo de civilização. É neste nível que atividades de lazer atuam numa sociedade de indivíduos ao inculcar normas, padrões, enfim, adestramento.

Prossigo na leitura, a partir de Cabral (1972, p.198-244), na Desterro através dos modernizantes jornais, focada na segunda metade do século XIX. Pode-se perceber como naquela territorialidade os divertimentos se estabeleciam. De modo geral, as classes populares se divertiam principalmente com as “brigas de galo” e “boi-na-vara”, a atual farra do boi; além de haver de tempos em tempos notícias referentes às touradas, peças teatrais, e até mesmo algum rebuliço que um tipo popular trazia à ilha.

Em 1859, apareceu por aqui um “ermão” estrangeiro, que divertiu a valer o povo que fazia ponto na rua do Príncipe. Quando ele ‘enchia o tanque’ (o que fazia com alguma frequência), recolhia-se ao Hotel do Universo onde se hospedara. E, lá de cima do sobradinho, ia jogando à rua ‘objetos ofensivos’ (sic) – garrafas, botijas, pinicos, o que estivesse à mão. Nestas ocasiões o trânsito ficava interrompido (está no jornal...) e o pessoal do hotel punha-se a recolher os projéteis no meio da rua, e o sujeito a jogá-los, e **o povo a fazer sua gozação** (CABRAL, 1972, p.232, grifos do autor).

Esse trecho aponta o exemplo de uma diversão de um povo num nível de civilização onde o tipo de “controle social” e “autodomínio” permitiam uma “excitação exagerada”, quer dizer, as normas civilizatórias parecem não atuarem de tal modo a controlar as paixões. Numa atividade como esta a produção de “excitações fortes e espontâneas” eram possíveis naquela sociedade em desenvolvimento (ELIAS e DUNNING, 1992a, p.101-102). Com isso não digo que em nosso tempo não haja tipos de “excitações fortes e espontâneas”, mas reflito o quão uma escolha seria voluntária e espontânea. O que são os dias de carnaval atuais? Uma espacialidade marcada para criação de tensões distintas daquelas cotidianas de todo um ano. Mas regula corpos a serem, nos dias previstos, tomados pelas emoções, enquadra o normal na curva que previne “excitações fortes e espontâneas” fora dos dias, e por isso mesmo é uma prática de sucesso total além de ser generalizável à população. Portanto, o carnaval não deixa de ser um mecanismo de segurança da população que contempla técnicas de normalização disciplinar e de biopoder. Usos do corpo no trabalho de criar espaços de “um fim em si mesmo”.

Percorridos alguns trechos e articulações já se pode assumir uma noção de lazer, mas circunscritos às atividades de jogo ou mimese<sup>25</sup>. Basicamente trata-se daquelas atividades de divertimento onde não há excessivo controle das emoções. Suas modulações são distintas daquelas do uso social do tempo e das rotinas sociais do trabalho (fabril, escolar). Portanto, no lazer há um certo afrouxamento do rígido controle da vida sobre excitação e uso do tempo, o que dificilmente se realiza no trabalho

---

<sup>25</sup> Mimeses no sentido do jogo corresponde à dinamização imaginária de uma atividade humana de lazer em retrospectiva a situações vivenciadas “reais”. Para Elias (1992b, p.79-81) mimese e catarse parecem ter sido discutidos pela primeira vez em Aristóteles. Referem-se ao mecanismo básico de imitação que o ser humano estabelece em seu meio, vive as pressões da vida e mimeticamente, ou seja, por repetição, submete-se a um extravasamento, a catarse de suas emoções tensionadas no processo do viver social.

racionalmente administrado. Afrouxar não significa desamarrar indivíduos da sociedade que os produz. Trata-se de deslocar para outros cenários em outras experiências, donde excitação adquire outras regulamentações e tensões. Em suma, o lazer seria uma categoria ampla que contempla diversas atividades humanas em sociedade e interessa aos propósitos deste trabalho aquela classificação que Elias e Dunning (1992a, p.105) fazem sobre o jogo, ou caráter mimético de lazer, que nas sociedades modernas (como Desterro) já não se organizam exclusivamente a partir das atividades religiosas ou crenças, mas proporcionariam uma esfera de ação, num “equilibrado relaxamento das restrições”.

Nesse sentido encontram-se nas categorias das atividades miméticas ou de jogo aquelas atividades de lazer como assistir a filmes, a óperas, dançar ou ver uma dança, pintar ou contemplar uma pintura, correr ou vislumbrar uma corrida (de cavalos a automóveis) e participar como espectador ou personagem de todo tipo de jogo (das cartas aos jogos com bola) (ELIAS, 1992b, p.70-71; ELIAS; DUNNING, 1992a, p.109-110). Atividades que permitem tanto uma descontinuidade com a racionalidade das formas da vida administrada quanto ao estabelecimento de um quadro representacional que autoriza a excitação. Elias e Dunning (1992a, p.105) entendem que a “emoção compensadora” que se reclama em algumas atividades de lazer (diversão) estão inseridas em mudanças específicas na sociedade com referência à distribuição de poder e igualmente restritas pelas normas civilizatórias. Assim sendo, uma atividade de lazer (extraordinária) não pode ser compreendida sem a sua busca (de excitação), quer dizer, é uma forma de entusiasmo criado nas atividades de diversão complementar ao controle e restrição emotivo do ordinário da vida.

Ora, no tédio da cidade o lazer torna-se espécie de antídoto desse homem que se urbaniza numa cidade que cada vez irá regulá-lo, adestrá-lo, enfim, moldá-lo aos imperativos de governo. Tipo de compensação do tédio com outras emoções para serem experienciadas. Nos termos de Elias ocorre sublimação desse “eu” em processo de civilização. Como as atividades de lazer concorrem à excitação mimética? Através da criação de

tensões de perigo, tristeza, alegria, dor, que são tipos de estresse, que buscam ser resolvidos num quadro configuracional dos divertimentos. Sem ser tautológico me refiro ao divertimento como a criação de uma atividade humana onde há repetição daquelas situações cotidianas, ditas reais, que repetem tipos de estresse e que podem de fato trazer algum risco à vida e, contudo, nestas atividades de diversão é pequena a possibilidade de morte. Dessa forma o imaginário de medo ou prazer mimético, a tristeza e alegria teriam nos divertimentos “possibilidade de resolução”, este é o sentido de gerar prazer e excitação no processo civilizatório. Criam-se tensões mimetizadas que dão expressões às emoções. Resolver não significa acabar com o estresse da vida cotidiana, mas deslocar de um nível a outro, tipos de tensão. Portanto, o relaxamento que possibilita regulação dos corpos diante de marcas da vida em sociedade, não inibe, portanto, as práticas disciplinares de uma sociedade em processo civilizador, ao passo que no curso do adestramento estas mesmas normas se modificam por inculcarem de tal modo ao seio da sociedade que não precisariam ser constantemente acionadas, visto que foram incorporadas. O jogo entre *excitação e dispositivos de poder* vai se reelaborando enquanto uma nova personalidade social vai se constituindo.

Na Desterro que Cabral (1972, p.233) apresenta, as tragédias também poderiam ser momentos de relaxamento através da busca da excitação. Seria o caso da ocorrência de um evento extra-humano como um incêndio, e que oportunizaria divertimentos àquela população *desterrada*. A tragédia como um “grande espetáculo” distraía o povo, contanto, é claro, que esta não ocorresse na própria casa do fulano, também não tardava para sua incorporação na forma da lei. Nas Posturas de 1833 consta que “acontecendo haver incêndio em qualquer casa, a primeira pessoa a observar mandará tocar o sino policial ou outro de qualquer Igreja” de modo que esse toque deverá fazer reunir o povo para “acudir e atalhar”, cortar o fogo, e mais, “a pessoa que primeiro tocar o sino terá 4 mil réis”, só que “pagos pelo interessado no socorro” e pela Câmara quando este interessado for pobre (CABRAL, 1972, p.233).

Em junho de 1860 no jornal “O Argos” relata um incêndio na noite do dia 25 para o dia 26, segundo o mesmo haviam-se anos que a cidade não passava por coisa igual. Eram “11 horas da noite o sino da cadeia entrou a badalar, anunciando o sinistro: o fogo começara nos tórcos de um pequeno aposento de um sobrado [...] nos quais havia uma fábrica de charutos. Local: - o mais central da cidade, esquina da Bela do Senado com a do Livramento”. Um toque e todos os outros sinos e alarmes disparavam: cornetas, caixas de guerra, navios de guerra em surto e “num ápice ficaram as ruas cheias de povo” para ver e “bem poucos os dispostos a trabalhar para a extinção do fogo”. Autoridades, batalhão, marinheiros, e todo tipo de pessoa “notável” que formava um braço do príncipe. As velhas mangueiras não funcionaram e foi à base dos baldes d’água a solução para o caso, é certo que alguns “populares prestativos” não ficaram lá só para assistir, foi o caso dos “srs. Magano, Antero, Schutel, Domingos José Vieira, um dono Antônio, do Hotel do Vapor, um italiano de nome Capela e **mais um preto, de quem ninguém se lembrou a tomar o nome**”, um incêndio que durou 2 horas que atraiu até as “gente dos subúrbios” (CABRAL, 1972, p.233-234, grifos meus).

Como um drama ou peça de teatro, o “grande espetáculo” do incêndio existe porque há a agradável tensão mimética, quer dizer, uma excitação orientada para o clímax e para resolução da tensão. Repito, é importante destacar que tal processo não significa finalizar a tensão em outros momentos da vida, mas o movimento oportuniza espécie de trânsito dos indivíduos nos setores da vida em sociedade. Divertimentos que se desenvolvem e se multiplicam cada vez mais para suportar o desenvolvimento do processo de civilização, o que Elias e Dunning (1992, p.117) entendem que provém “as necessidades de satisfação do lazer”. Para os autores que se orientam pelo “processo civilizador”, caso não fosse assim, a vida seria toda uma tragédia, pois a resolução dos conflitos reais não encontrariam espaços para prosseguir o movimento civilizatório.

Assim, para Cabral numerosas foram as oportunidades para que o desterrense se distraísse. No caso do incêndio, “gente

correndo e gritando, todo mundo dando palpite”, transmitir “ordens e ninguém” a obedecer, “alguns patriotas mais decididos a esvaziar a casa do que podiam, gente furtando, vizinhos alarmados, o dono da casa desesperado à procura da mulher e dos dois filhos”, enfim retratos dos fragmentos daquilo que Cabral chama de distração. Diversão em atividades de passatempo que se relacionam ao caráter mimético que entrelaça o extraordinário com o ordinário da vida. Distração que é normalizada, uma arte de governar no sentido que exerce regulação numa massa de gente que busca excitação talvez deva ser incluída na tensão entre povo e população na produção de esportes com características de passatempos rumo à disseminação como padrão de condutas, um “*habitus social*”.

Esporte, do termo inglês “*sport*” e que um dicionário francês<sup>26</sup> caracterizava como “palavra inglesa formada do antigo francês *desport*, prazer, diversão” e que lamentava que a importação de tais termos “que obviamente, corrompem a nossa língua, mas não temos barreiras de costumes que proibam a sua passagem na fronteira” (ELIAS, 1992a, p.187-189). Ainda assim esporte é tema vago (ELIAS, 1992a, p.191). E, no entanto, o esporte foi um fenômeno amplamente adotado em outros países, tratado como um tipo específico de passatempo, e divulgado para muitos países entre 1850 a 1950, ou melhor, iniciado pelas suas elites sociais (ELIAS, 1992a, p.188-189). O que Elias (1992a, p.192) concluirá é que o tipo de passatempo inglês chamado esporte se alastra mundialmente entre os séculos XIX e XX quando se observa nos países uma orientação interdependente entre processos de industrialização e a transformação de ocupações específicas de lazer no quadro da transformação global das sociedades-Estado.

Uma analítica da transformação destes tipos de passatempo em “*habitus social*” talvez possa ser lido no sentido da produção de um costume de uma população.

---

<sup>26</sup> Trata-se do “Larousse du XIX<sup>ième</sup> Siècle” (ELIAS, 1992, p.188).

Costumes que “sobre nós exerce um poder considerável, tem uma grande força de nos ensinar a servir e [...] a engolir tudo até que deixamos de sentir o amargor do veneno da servidão” (LA BOÉTIE, 2006, p.23).

Mas esse estratagema com que os tiranos humilham os súditos está, mais do que em qualquer outro lado, explicitado no que Ciro fez aos lídios, depois de se ter apoderado de Sardes, capital da Lídia, quando aprisionou o riquíssimo rei Cresos e o levou cativo. Trouxeram-lhe a notícia de que os Sardes se tinham revoltado. Ter-lhe-ia sido fácil dominá-los. Não desejando saquear uma tão bela cidade nem querendo destacar para lá um exército que a vigiasse, recorreu a um outro expediente. Fundou nela bordéis, tabernas e jogos públicos e publicou um decreto que os obrigava a frequentá-los. Tão bons resultados teve esta guarnição que foi desnecessário daí em diante levantar a espada contra os lídios. Os desgraçados divertiram-se a inventar toda a casta de jogos, de tal forma que a palavra latina usada para significar **passatempos** é a palavra **ludi**, que vem de **Lydi**, lídios (LA BOÉTIE, 2006, p.35, grifos do autor).

Formas de vida dos dispositivos de poder em jogo com formas de excitação. Nesse sentido, o lúdico da vida entre manifestações de buscar excitação talvez adquira novas dimensões quando alargado ao deslocamento do povo em população. Ordinário e extraordinário da vida em outro nível de regulação. Afinal de contas se o esporte, como conta Cabral (1972, p.213), era privilégio da classe abastada de Desterro, do que precisava seus imperativos estéticos? Talvez faça sentido aqui, sustentar uma relação entre formação de um meio e formação de um público. Cabral (1972, p.214) relata sobre a

existência de um tipo de competição de corrida de cavalo, era 1876 e um clube “realizou corridas” em raia reta com dois animais de cada vez na “base do pau no lombo e roseta na barriga, do princípio ao fim”, resultado da aposta dos proprietários dos animais e com presença de “espectadores por fora, para o negócio ter graça”. O “meio” necessário para que o negócio tivesse graça trata de um “conjunto de dados artificiais, aglomeração de indivíduos” cujos efeitos de massa seriam capazes de serem sentidos por todos que ali estivessem (FOUCAULT, 2008, p.28). Enfim, há uma importância da constituição do “meio” na formação de uma população, pois será intervindo neste “meio” que se atingirá a “espécie humana” (FOUCAULT, 2008, p.28). A partir da sua leitura de Moheau<sup>27</sup>, Foucault (2008, p.30) destaca: “se do clima, do regime, dos usos, do costume de certas ações resulta o princípio desconhecido que forma o caráter e os espíritos”, então “os soberanos, por leis sábias, por instituições sutis [...] regem a existência física e moral dos seus súditos”, de modo que “talvez um dia seja possível tirar partido desses meios para matizar à vontade os costumes e o espírito da nação”. Usos dos corpos no passatempo como antídoto do amargor do veneno da servidão.

Mas no território do soberano ainda havia “povo”, quer dizer, aquele que se comporta como se não fizesse parte desse “sujeito-objeto coletivo que é a população, como se se pusesse fora dela, e, por conseguinte, é ele que, como povo que se recusa a ser população, vai desajustar o sistema” (FOUCAULT, 2008, p.57). Ora, como tratar das “naturalidades” da população, nos termos deste desejo de buscar a excitação nas atividades de esporte se havia o “povo”, aquela figura que desfoca alvos dos dispositivos de poder? No jogo entre excitar e normalizar, uma curva em forma de “desejo” funcionaria como o “motor de ação” da população atravessado pela “busca do interesse para o indivíduo” (FOUCAULT, 2008, p.95). Seria aquela produção de um interesse coletivo pelo jogo da norma do desejo, o que marca

---

<sup>27</sup> Trata-se de Jean-Baptiste Moheau (1745-1794) que escreve em 1778 “Estudos sobre a população” (FOUCAULT, 2008, p.38).

ao mesmo tempo a naturalidade da população e a artificialidade dos meios para conduzi-la.

Nesses termos, os jogos de passatempo ao darem visibilidade a um *ethos*, modo de ser, pensar, agir e conduzir, voluntariamente – pois é voltado para o interesse do indivíduo, logo tende a se tornar um fim em si mesmo – aciona o motor da ação do desejo relacionado aos imperativos estéticos da tal classe abastada. Afinal de contas aqueles por onde se inicia a propagação do esporte, a elite social da cidade, faziam usos de seus corpos nos passatempos como marca de pertencimento. Em 1859 a Praia de Fora era “o ponto preferido pela rapaziada para os passeios domingueiros a cavalo”, onde se pratica a equitação, do trote ao galope, “fazendo figurações para se exibir aos pedestres” (CABRAL, 1972, p.214). Formação de um público de espectadores junto aos movimentos estéticos do corpo. E assim tomar a população na dependência de várias variáveis no território, desde a intensidade do comércio, atividade de circulação das riquezas, valores morais e estéticos, até os hábitos das pessoas (FOUCAULT, 2008, p. 92-93).

Cabral nos apresenta em sua história outros esportes nas práticas de passatempo de uma elite desterrense: o remo e o tiro-ao-alvo. O remo cultivado em Desterro “não o era por uma certa mocidade, que não expunha músculos que não tinha, nem fôlego capaz que se levantava às 10 horas do dia, que preferia as práticas do soneto, do namoro”, que temia “apanhar vento e expor-se ao sol” (CABRAL, 1972, p.215). “Quem remava era o pessoal de pegar duro, a turma da pesada, da estiva, [...] da marinha mercante ou de guerra, [...] cheirando a uma tragada de cachaça da terra e não a licor de violetas” (CABRAL, 1972, p.215). Cabral relata em sua pesquisa que a gente do remo não pertencia ao “café *society*” da *Belle Époque* oitocentista. O primeiro clube deste esporte datado de 1861 por iniciativas dos oficiais da marinha convida sócios para uma regata, 17 de novembro daquele ano, não para participarem com sua força no esporte, mas para verem “a gente” do remo fazer força. Diversão de ver e não fazer dos hábitos ou costumes pré-esportivos. De todo modo naquela regata houve multidão espalhada pela praia para assistir ao

passatempo. Sociedade do remo de pouca vida visto que seus praticantes da marinha foram transferidos à capital federal devido as contingências do trabalho. Para Cabral “é quase certo que o remo não conquistou os desportistas locais” pois a força que se fazia naquele tipo de embarcação que causava uma “mão cheia de calos” não devia ser muito o gosto “da mocidade fina de Desterro” (CABRAL, 1972, p.216). O tiro ao alvo também não emplacou. Em 1863 fundou-se uma Sociedade Patriótica de Tiro, a partir do convocatório com mais de 60 interessados, mas Cabral (1972, p.216) não encontrou qualquer notícia sobre os tiros dessa sociedade. Poucas atividades de esporte com característica de passatempo naquele tempo da cidade catarinense.

Apenas traços sobre a formação desse meio em Desterro. E, no entanto, há uma importante relação com a capital de Santa Catarina e os achados de Elias sobre a gênese do esporte na Inglaterra e sua repercussão em outros países (ELIAS, 1992a, p.189). Jogos de passatempo são iniciados pela elite social funcionariam na esteira da produção do desejo um *ethos* que naturaliza uma “população” e artificializa os “meios” que a conduzem. Início do espetáculo na pré-formação de um público. Interessante que como em outros países no início dos esportes modernos, aqui, na Ilha de Santa Catarina, os primeiros tipos de esporte inglês adotados em outros países foram as corridas de cavalos, o pugilismo, a caça à raposa dentre outros passatempos semelhantes, e que a difusão de jogos de bola como futebol e outros esportes em geral apenas iniciaram sua entrada na segunda parte do século XIX. Em vez de pugilismo e caça à raposa, tivemos na elite social a tentativa do remo e do tiro-ao-alvo. De todo modo ainda práticas de excitação vinculadas mais as tradições locais, que variavam com frequência e possuíam pouca regularidade em sua realização e pouca organização no que tange as regras do jogo. Por isso são formas pré-esportivas e talvez a analítica com dispositivos de poder que promovem território e população devam continuar sendo explorados neste tempo do *não futebol*.

O esporte moderno considerado como aquele tipo de jogo altamente regulamentado, com competições físicas assumidas de forma não violenta e não militar. Tipo de jogo com esforços físicos dos seres humanos que exclui tanto quanto possível ações violentas que pudessem provocar sérias agressões nos competidores. Como salienta Vigarello e Holt (2008, p.427), os esportes antigos ainda não eram codificados, mesmo que fornecessem tipo de divertimento e público, apostas e lucro, “não se tinha necessidade de organizar competições regulares”, nem “esportivas” para “manterem a forma” e tampouco uma “verdadeira imprensa esportiva”, logo, nenhuma norma definida antes da “era do esporte amador”.

Ou nos termos de uma analítica, quais dispositivos de poder incidiriam no governo de uma população, *ethos* distinto daqueles usos do corpo no passatempo na Desterro de Cabral? Ainda é *fraca* “a transformação do esporte, em termos de função, num dos principais meios de identificação coletiva” (DUNNING, 1992b, p.323). Questões do deslocamento de povo à população e da emergência de práticas que normalizam subjetividades no território. Parece que um bloqueio impedia tal desenvolvimento, ou melhor, o espetáculo ainda não se fazia enquanto modo de reafirmação aristocrático burguês de masculinidade (VAZ; BOMBASSARO, 2012, p.63).

Ademais, como infere Elias (1992b, p.67), esportes atraem pessoas porque promovem visibilidade de características de sua “personalidade”, o que leva a certa autonomia em relação à sociedade que se desenvolveu, e, no entanto, os passos anteriores, quer dizer, aquelas outras formas (pré) esportivas não deixam de ser “condição necessária”. Ora, faltam ainda nesta cidade elementos de pertencimento desta personalidade social nos termos de *ethos* que se vinculem ao esporte moderno (força física e regulamentação do espetáculo). Ao que nos conta Cabral, os imperativos estéticos dos jogos de Desterro ainda não pareciam ser condizentes com outras formas estéticas, éticas e técnicas do passatempo.

O momento de diversão para todos era raro, no melhor dos casos a zona de contato entre aquelas duas classes na sociedade desterrense, a elite representada pelos fazendeiros, nos dizeres de Barbosa (1979, p.26) “titulares do império, doutores e bacharéis” e o povo formado por escravos e os mais pobres, seria no entender de Cabral (1972, p.230), a festa do carnaval. O que importa neste caso de diversão é o seu uso politizado. Numa certa festa de carnaval a participação ativa de grupos apoiava o movimento abolicionista, o que para Cabral (1972, p.230) levou até o povo as ideias da libertação dos escravos. Sugestão certa ou não, o que importa é que movimentos abolicionistas e republicanos chegam à ilha de Santa Catarina, e sendo o disparo ao desbloqueio das forças de biopoder, talvez seja importante para ler o desenvolvimento na cidade das atividades de esporte de um período para outro.

Quando se passa por ciclos de violência, como a revolução de 1893, é necessário em geral algum tempo até que os grupos que estivessem envolvidos numa tal experiência a possam esquecer, lacuna preenchida pelo remédio do tempo perante o trauma ocorrido na Ilha de Santa Catarina. Interdição de qualquer desenvolvimento do lazer e, sobretudo do esporte moderno. Elias entende que muitas gerações se passam até que haja condições de pacificação donde esportes se desenvolverão numa sociedade. É o que ocorreu na Ilha de Santa Catarina? Como apontam Vaz e Bombassaro (2012, p.64) até o final do século XIX os jornais catarinenses são econômicos em relação às notícias sobre esporte e lazer. Notas esparsas. Por isso faz sentido, enquanto novas empirias não discordarem, que aquelas notícias sobre fundação do time de futebol na cidade em 1904 serem fracas como enunciados: ainda não havia condições de tornar sujeitos a eles, marcar indivíduos em torno do pertencimento e da tarefa de um *ethos*.

Se a gênese dos esportes deve ser compreendida à luz de uma analítica de poder, então pouco importa saber quem trouxe o futebol para a cidade, os passos anteriores também são condição necessária. Interessa, compreender a produção na cidade dos “meios” e da “população” para seu nascimento. Poderia cair no

risco da criação de mitos, pois não se explica um acontecimento em termos de ideias nem de ações individuais isoladas<sup>28</sup>. Charles Muller, brasileiro com nome anglo-saxão é referido quase que unanimemente como aquele quem introduziu o *foot-ball* no Brasil (PEREIRA, 2000, p.22). Em verdade ao se tratar do esporte, sem as devidas condições estruturantes, ou configuracionais, ergue-se um mito fundador como o de Charles Miller, aquele garoto neto de ingleses que num “outubro de 1894”, após estudar na Inglaterra trazia além de seu diploma o “material necessário para a prática de um esporte já bastante popular na Inglaterra e em toda a Europa ocidental, o futebol” (CAPRARO, 2003, p. 114-122). O problema é como se conta uma história. Se se pretende um tipo de “progresso” com a narrativa histórica que monumentaliza então a crítica de Benjamin ajuda a rejeitá-la. Nesse sentido seria uma pergunta com pouca utilidade saber quem primeiro jogou o futebol em Santa Catarina e em Florianópolis sem o pano de fundo da sociedade que possibilitou a emergência de um jogo através do jogo entre mimese e dispositivos de poder. A figura 1 ainda não existe na cidade de que falo, talvez seja preciso considerações em torno de uma rede interdependente a tal ponto que produz estratégias de saber-poder para torná-la repertório das fotografias-monumento entre memórias oficiais que a enquadrarão.

---

<sup>28</sup> Há certamente diálogo nas noções de “acontecimento” em Foucault e em Elias. Para ambos não se trata de uma “história das ideias” pensar os “acontecimentos” e muito menos inseri-los numa “filosofia dos sujeitos”.

Figura 1 – Jogo no campo do Ginásio [.1991?]



Fonte: Acervo Fotográfico do Colégio Catarinense

O que importa é antecipar que a apropriação do jogo pela elite catarinense passa pelo Ginásio Santa Catarina. Algo parecido com o que Santos Neto (2002) descreve no interior do estado de São Paulo na cidade de Itu, onde os “filhos dos barões do café” estudavam no estabelecimento jesuíta, o Colégio São Luís nos idos de 1880. Mas como tal processo decorre em Florianópolis é problema que deve decodificar, a partir dos iniciais apontamentos sobre aquele jogo de agosto de 1910. Significa compreender a mentalidade de governo que se impõe e, sobretudo, assumir o jogo “moderado”, “útil” que produz “divertimento” num palco “repleto de espectadores” num momento da cidade.

Qual momento? É o que será tratado na Cena 2.



## CENA 2: O DESBLOQUEIO DO BIOPODER NA ILHA DE SANTA CATARINA

(Re)começo com os ditos que o garoto Silvio apresenta sobre a cidade de Desterro.

Em toda parte do país o tipo da cultura agrícola, amparada no braço escravo, criava a extensão e o prestígio dos imensos domínios rurais, refletidos, como natural, na primitiva singeleza do processo econômico. Duas classes econômicas se impunham ao meio social: - a elite da época, representada pelos fazendeiros, titulares do império, doutores e bacharéis, nascidos das famílias de prol; e a população espezzinhada, sofredora, - escravos e agregados - [...]. Surgiu **certa autonomia civilizadora** nas principais capitais e no Rio de Janeiro, onde vegetava a cortezinha do Senhor Dom Pedro II, de marcada mediocridade, e entregue à renúncia formal a elementares comodidades da vida. Vivia-se, porém, calma e fartamente. Sequer havia acústica para as profundas transformações, decorrentes do advento da idade da máquina. Tudo patriarcal (BARBOSA, 1979, p.26, grifos meus)<sup>29</sup>.

O tal patriarcalismo imperial ao qual o garoto se refere pode ser lido como aquele momento onde o poder soberano ainda se impunha. Que tipo de poder soberano? Àquele descrito por Foucault em sua leitura de Maquiavel. Um príncipe que herda um território do qual não faz parte, e, portanto, o princípio da

---

<sup>29</sup> Silvio é o pseudônimo do autor, Renato Barbosa, que foi aluno do Ginásio Santa Catarina, admitido em 1914 e se forma em 1919.

exterioridade e da transcendência revelam a quem governa, que este não pertence de fato ao território. Na narração do garoto o problema imanente das sociedades, de “como ser governado, por quem, até que ponto, com que fim, por que métodos” (FOUCAULT, 2008, p.119), parece dirigir-se ao momento final do império. Sua condição é sua fragilidade, pois não há razão em si, “imediate, pela qual os súditos aceitem o principado do príncipe”. Daí decorrem as críticas de Renato Barbosa quando se refere “a primitiva singeleza do processo econômico” e a sua contradição perante as duas classes econômicas “que se impunham ao meio social” frente ao alvorecer da “idade da máquina”. As memórias expressas pelo garoto não são equivocadas sobre surgir “uma certa autonomia civilizadora”, contanto que sejam inseridas nas ideias de Elias sobre o “processo civilizador”. Quer dizer, há uma conexão entre mudanças específicas nas estruturas das realizações humanas e na estrutura da personalidade humana, uma combinação “cega” visto que não podem ser analisadas nem nos termos de um único indivíduo e tampouco como inteiramente planejadas (ELIAS, 1994b, p.195). Assim tomar as mudanças na forma de conduta e da personalidade, o que chamo de *ethos*, é fruto de uma dinâmica que deve ser localizada nesta espacialidade que disserto. Há uma questão sobre governo a ser mais bem elaborada.

Cabral apresenta um trecho do jornal oficial “A Província” de 1871, o qual se reclama a ausência de muitos funcionários públicos “ao cortejo do dia do aniversário imperial”, em face dessa notícia, o revide foi inevitável, na sessão “A pedidos” de “O Despertador”, outro jornal da época, um anônimo faz publicar que não saudaria um retrato (CABRAL, 1972, p.200). O principado de fato caía ou nos termos que emprega La Boétie (2006, p.12) sobre a derrocada dos tiranos, “Se nada se lhes der, se não se lhe obedecer, eles, sem preciso luta ou combate, acabarão por ficar nus, pobres e sem nada; da mesma forma que a raiz, sem umidade e sem alimento, se torna ramo seco e morto”. E assim, na capital Desterro a bandeira abolicionista se juntava às positivistas e republicanas. Início da queda do príncipe “que será destruído no dia em que o país se

recuse a servi-lo. Não é necessário tirar-lhe nada, basta que ninguém lhe dê coisa alguma” (LA BOÉTIE, 2006, p.10). Evidências que deslocam na Ilha de Santa Catarina o principado do *savoir-faire* para o princípio liberal do *laissez-faire*. Mesmo decretada a república no Brasil, Desterro ainda carecia de condições de uma mentalidade de governar no processo de conduzir povo à população. Nas memórias do autor-garoto:

a sociedade catarinense da época era o reflexo das precárias condições econômicas da província, na simplicidade quase patriarcal, ainda, de suas motivações. A capital da província, situada em uma ilha, em comunicação difícil com o continente, **carente da facilidade de acesso aos centros de produção, vegetava com o casario português, ruas estreitas, e com um instituto de ensino secundário**, o “Atheneu Provincial”, dirigido pelo padre José Leite Mendes de Almeida. [...] verdadeiro insulamento (BARBOSA, 1979, p.30-31, grifos meus).

A crítica do garoto aquela capital catarinense parece estar inserido naquilo que Foucault (2008, p.3) já apontava como sendo a partir do século XVIII um deslocamento da sociedade ocidental que leva em conta “o fato biológico fundamental de que o ser humano constitui uma espécie humana”, um biopoder que gerenciaria novos modos de dirigir uma população em seu território. A cidade será uma das importantes coisas a se governar, pois a questão do espaço insere-se no problema da segurança da população. Uma cidade com especiais características, liberdades cidadinas. Garantia do comércio interior, da articulação de ruas com estradas externas, da vigilância pensada a partir das questões de insegurança dos crimes para com seus habitantes, e, não menos importante, um espaço higiênico que arejado liberta os miasmas que poderiam assolar a sua população (FOUCAULT, 2008, p.24).

Características estas que vão progressivamente se tornando acontecimento na cidade, capital do Estado, e por isso mesmo, tomam proporções amplificadas nas práticas de governo.

Nesse sentido se “a capital deve ser o ornamento de um território” e o “exemplo dos bons costumes”, então urgia mudar a arquitetura da cidade dos *desterrados* para uma que capitalize funcionalmente seu território (FOUCAULT, 2008, p.19 e 23). Nos termos da minha questão, o *tempo do não futebol* aqui, enquanto outras cidades brasileiras já o desenvolviam desde o final do século XIX, talvez possa ser lido como um momento do bloqueio dos processos que se inscrevem na produção de um “território” e sua “população”. Uma ideia que se inicia é problematizar que a instauração de novos regimes de verdade também pode oscilar entre ser dócil ou de “civildade” e ser violenta ou de “descivildade”<sup>30</sup> no desenvolvimento da civilização.

A república brasileira proclamada, e na capital ilhada de Santa Catarina, longe dos acordos contingenciais da cidade fluminense, esta ao ser recebida de forma inesperada e abrupta, provoca “tensões e divisões na elite política estadual” (DALLABRIDA, 2001, p.52). Em Santa Catarina eram os liberais quem detinham a estrutura do governo imperial, e como os conservadores se mantinham “excluídos dos principais cargos políticos no período monárquico, viram na instabilidade da instauração republicana a possibilidade de ocupar seu lugar na nova ordem” (NECKEL, 2003, p.10). Portanto, a tranquilidade inicial não estaria garantida. O autor-garoto (1979, p.49) anunciava que em 1892 o país aproximava-se da tragédia civil.

Esta passagem da obra de Barbosa, pode ser lida naquilo que Elias (1992b, p.49) entende como “ciclo de violência”, que diz respeito às “configurações formadas por dois ou mais grupos, processos de sujeições recíprocas que situam estes grupos numa posição de medo e de desconfiança mútua”, tal configuração “pode terminar num acesso particularmente virulento conduzindo

---

<sup>30</sup> Ambos termos em destaque, “civildade” e “descivildade” estão na perspectiva eliasiana.

à vitória de um ou de outro”, além de ter como desfecho o “enfraquecimento” ou “destruição recíproca de todos os seus participantes”.

E assim, entre outubro de 1893 e abril de 1894 na Desterro, capital do estado de Santa Catarina, ocorre a Revolta da Armada Brasileira e da Revolução Federalista (DALLABRIDA, 2001, p.52-53). Desterro torna-se a capital provisória do Brasil. Nesta guerra ocorrem exílios, prisões, degolas e fuzilamentos de federalistas na ilha de Anhatomirim sob o mando do coronel Antônio Moreira César, interventor militar enviado pelo presidente Floriano Peixoto para contornar a situação. O que se segue é que os republicanos retomam o comando da dirigência política no estado que estava nos dois primeiros anos da república nas mãos dos federalistas. A vitória leva a hegemonia no decorrer da Primeira República nos âmbitos municipal, estadual e federal do Partido Republicano Catarinense – PRC (DALLABRIDA, 2001, p. 52-62; SACHET; SACHET, 1997, p.141; NECKEL, 2003, p.23).

Dáí decorre que a configuração da elite política catarinense em torno do PRC formada por discursos positivistas e laicos se organiza em dois grupos oligárquicos que disputavam a dirigência política, o lado “laurista” com base nos latifundiários do Planalto Serrano e o lado “hercilista” ligado aos comerciantes e primeiros industriais do Vale do Itajaí e do Nordeste de Santa Catarina. Hercílio Luz (1894 – 1898) é eleito com vistas a implantar a “*pax republicana*”, tal eleição leva ao que Sachet e Sachet (1997, p.215) chamam de aprofundamento da “chaga crônica da política catarinense: o poder para o partido único”. O pai do garoto Sílvio, comerciante, que vivificou os momentos daquele ciclo de violência da Revolução Federalista, tendo sido inclusive preso por suas incursões críticas na imprensa ao governo de Floriano Peixoto, ao negar seguir carreira política, evitaria, portanto, a herança dessa chaga.

Curtindo profundos desencantos no seu idealismo, desiludido pelo desatamento de ambições e de personalismos em sua grei

[nação], [o pai] ao ser indicado deputado federal, ao evento da fusão realizada por Lauro Muller, do Partido Federalista com o Partido Republicano, abriu mão do prêmio de uma luta titânica, que lhe consumira as melhores energias. [...] Preferiu [...] sem dever favor a ninguém, a um cargo público federal (BARBOSA, 1979, p.58).

Estes três acontecimentos, a proclamação da república seguida de um ciclo de violência e do estabelecimento de uma “*pax republicana*” talvez possam ser lidos como antecedentes ao desbloqueio das forças de biopoder. Não significa que desde o período imperial não ocorressem dispositivos normalizadores na Ilha de Santa Catarina. A dissertação de Oliveira (1990) é importante para não confundir. Trata das práticas de remodelação das condutas na Desterro do final do século XIX, mais especificamente, a assistência às crianças. São normalizadoras ao marcarem as subjetividades destas a partir de suas exposições, quer dizer, há normalidade nas práticas de poder que recolhia crianças achadas, recém-nascidos abandonados no sentido de ressaltar as condutas corretas. Ora, desde Desterro encontram-se elementos do “fazer viver e não deixar morrer” à população. Uma biopolítica que entendo ainda em fragmentos e que vai se avançando com o decorrer dos pactos e das novas práticas que se estabeleceriam pela cidade. Conforme indica Dallabrida (2001, p.81) questões de biopolítica já rondavam a população na então Desterro imperial, quer dizer, “a população da capital catarinense havia sido problematizada pela primeira vez em 1863” através do relatório “Ensaio sobre a salubridade, estatística e pathologia da Ilha de Santa Catarina”, fragmentos de um saber biopolítico que iria “fazer parte de forma sistemática e crescente nos relatórios dos governadores catarinenses” na já republicana Florianópolis, principalmente pela criação em 1903 da “Diretoria da Estatística do Estado de Santa Catarina”.

Nesse sentido saberes estatísticos e biomédicos entram na reforma da cidade e da população que vai tomar força na primeira república, tratada detidamente na dissertação de Araújo (1989). Mas é entre uma pesquisa e outra, Oliveira (1990) que trata do final do século XIX e Araújo (1989) nas primeiras três décadas do século XX, que esta dissertação se inscreve. Desta forma, entendo que se encaixa uma série de acontecimentos, aquilo que Foucault (2008, p.137) trata como o desbloqueio do biopoder a partir de processos mais gerais como o aumento populacional, e o aumento monetário através da produção agrícola. Porém, este não seria de imediato o caso da ilha de Santa Catarina, pois demonstra Araújo que a população não era das maiores comparando-se com outras cidades do estado, e sua economia baseada na produção alimentar não era volumosa, dependia diretamente de produtos advindos de outras cidades.

A cidade, apesar de ser uma das mais populosas de Santa Catarina, não apresentou um grande afluxo populacional [...], nem concentrações industriais mesmo de pequeno vulto, nem um volumoso contingente de operários e de camadas populares pauperizadas, como também, num nível mais amplo, faltaram as tensões sociais que pudessem representar uma série e iminente ameaça à ordem burguesa que ali se consolidava [...] a capital mostrou no período um desenvolvimento econômico e um aumento populacional muito pequenos [...] pouca coisa na antiga Desterro/Florianópolis parecia se adequar aos elementos recorrentes na maioria das análises sobre os processos de reformas urbanas e sociais verificados no Brasil no começo do século (ARAÚJO, 1989, p.11).

As considerações que Elias elabora, com seu olhar sintético e relacional, sobre a gênese do esporte estar vinculada

aos processos de industrialização e da transformação das práticas de passatempo talvez possa ser reelaborada aqui no decurso de uma cidade que está num processo de transição de sua personalidade social através das práticas de poder. Ora, discursos retóricos e práticas disciplinares do império já apresentavam uma razão de biopoder na ilha de Santa Catarina em torno do problema da população. Mas, como se observou na Cena 1, havia presença de passatempos na Desterro do século XIX, uma sociedade normalizada aos enquadramentos disciplinares que oscilam na modulação entre proibir e permitir. Mas no âmbito da sociedade de biopoder, a normalização, aquela curva que molda condutas no sentido de agir ao prevenir, ser generalizável à população e atuar com eficácia ainda parece estar bloqueada, em termos dos passatempos e do esporte. Parece haver necessidade de equilíbrio entre práticas disciplinares e de biopoder na formação da população que repercutirá nos seus costumes de lazer.

Trata-se de tomar a população num deslocamento, como Foucault observa, uma transformação que se opera na passagem da família de modelo para instrumento, o que significa dizer que é quando se queira “obter alguma coisa da população quanto ao seu comportamento sexual, quanto à demografia, ao número de filhos, quanto ao consumo” que será pela família que se efetivará as estratégias de governo com vistas a “melhorar a sorte das populações, aumentar suas riquezas, sua duração de vida, sua saúde” (FOUCAULT, 2008, p.138-9). Estas questões biopolíticas – orientadas pelo saber biomédico – em associação ao lazer e esporte ainda precisam de espaços para seu desenvolvimento na cidade, mas não serão alvo dos problemas desta investigação, ao menos até trechos que finalizam o Ato Final. Busco e não postulo questões. O que intento evidenciar, é que há a necessidade da construção de um “território” com sua “população”, a fim de que o biopoder avance.

Nesse sentido, trabalho articuladamente duas teses sobre o desbloqueio do biopoder. Fatos históricos que o precedem e arranjos políticos que concorrem para seu avanço. Sobre fatos históricos antecedentes, Elias (1994c, p.63-125) ajuda com suas

ideias de que, numa sociedade dos indivíduos, suas autoimagens são baseadas no desejo e no medo. Talvez o medo da morte ocorrido na Ilha de Santa Catarina tenha sido o motor de arranque para produção do desejo de uma nova população.

A tese é que após o massacre de 1893 os discursos da elite do PRC sobre a necessidade de reformar que circulavam através das maquinarias do poder, incidiram no imaginário de um povo fragilizado, aquele que ainda não faz parte como “sujeito-objeto coletivo” que é a população, e por isso pode desajustar o sistema (FOUCAULT, 2008, p.57). Assim, talvez o trauma da guerra tenha concorrido à adesão populacional de toda uma produção discursiva e modelar. A construção simbólica de Florianópolis se desvincularia tanto de Desterro quanto dos personagens malfeitores, presidente Floriano Peixoto e coronel Antônio Moreira César. Portanto, um alívio às tensões psíquicas daqueles que vivificaram o ciclo de violência aproveitaram-se àqueles que instituíram a “*pax republicana*”. Queda do príncipe e sublimação<sup>31</sup> para novos objetos foram os antecedentes de desobstrução para realização do biopoder? O ambiente de medo da morte da então Desterro é um dos fundos da produção de sublimação que permite adesão a novos objetos, socialmente aceitos pelas estratégias da elite política em *paz*.

Tempos de paz não esvaziam a representação imagética da guerra. O garoto Sílvio apresenta a fala de sua tia Cizinha, que o repreende após brigar com o filho de um dos homens que participaram da revolução federalista. “Para a tia Cizinha o mundo parecia vir abaixo. [...] - Veja que desordeiro. **E logo com o filho do capitão Valga Neves, que é homem violento e que**

---

<sup>31</sup> É importante destacar que me aproprio de Elias que é leitor de Freud. O próprio conceito de sublimação em Freud, mesmo sendo referência ao longo de seus escritos, reconfigura-se e remaneja com o próprio desenvolvimento da sua teoria psicanalítica (BIRMAN, 2010, p.531-556). O que importa neste caso é pensar o mecanismo de sublimação do aparelho psíquico donde desejos inconscientes exprimem-se dentro de uma condição humana historicamente marcada. Trata-se da condição humana da capital de Santa Catarina pós-revolução federalista.

**fuzilou gente na revolução do Floriano. Ele agora vai te pegar e te mete na cadeia [...].”** (BARBOSA, 1979, p.70-71, grifos meus).

Na construção simbólica material há sempre a possibilidade da ironia dos objetos: o acordo à cidade carrega em seu nome um dos possíveis malfetores<sup>32</sup>. De todo modo, o acordo do PRC de fusão seria nada menos que a prática governamental em andamento de “paciência, sabedoria e diligência” (FOUCAULT, 2008, p.132). Paciência, pois, o governador não necessita de qualquer ferrão visto que os acordos internos do PRC e o uso da máquina do reinado<sup>33</sup> incidem sobre a população e o conduzem à eleição. A sabedoria, obtida da estatística – a ciência do estado, permite o uso de informações cada vez mais depuradas sobre o território e a população, logo, a disposição das coisas que se governa. Deixo o sentido da diligência com as memórias do garoto Sílvio. Trata-se da continuação do caso de sua briga com o filho do capitão Valga. Agora, a representação é da conversa entre ele e sua mãe. Sílvio chorava pela situação de medo que sua tia impunha, mas, sobretudo era a ausência do pai, que falecera meses antes de complicações de saúde, que o deixava transtornado. Menino sem direção na ausência de quem era o seu governo.

Mamãe tem suas crises de erisipela, mas  
continua governando sua vida e a de vocês

---

<sup>32</sup> Não se comprovou o mando ou mesmo a sapiência do então presidente Floriano Peixoto sobre os fuzilamentos ocorridos sob controle de Moreira César, o que não impede certa mal estar quando se retoma a discussão do momento em que se muda de nome a cidade, a 1º de outubro de 1894 (SACHET; SACHET, 1997, p. 198-210).

<sup>33</sup> Chamo de máquina do reinado toda a produção discursiva operada nas materialidades das páginas do jornal “O Dia”, órgão do partido republicano catarinense, na visibilidade dos símbolos de saúde, as ações da Inspetoria de Higiene, e de educação, as ações da Diretoria de Instrução, e em especial, às práticas escolarizadas do Ginásio Santa Catarina em circularidade pela cidade no momento de avanço do biopoder.

todos. **O leme do barco, agora, está com mamãe.** O golpe [a morte do pai] que sofremos me abateu muito e só acho consolo na religião. Mas, de hoje em diante, vou ficar à testa de tudo. [...]. Precisamos ter **paciência**, meu filho. Precisamos estar sempre unidos. O bloco não pode rachar (BARBOSA, 1979, p.73, grifos meus).

O cuidado com a família é a perfeita analogia com o serviço de quem com zelo governa. Mesmo que haja crises “o bloco” da população e do território não pode “rachar”. Fazer do todo o possível para que “a arte de exercer o poder na forma e segundo o modelo da economia” exerçam a “correta disposição das coisas” tanto ao nível do território quanto das pessoas que moram neste território (FOUCAULT, 2008, p.127-128). Paciência, sabedoria e diligência que compõem práticas republicanas que envolvem território e população, pode configurar como um estado da disposição das coisas que também tratam dos costumes, hábitos, modos de fazer e pensar (FOUCAULT, 2008, p.128). Uma república é um domínio sobre um território, um conjunto de leis, regras e costumes que agem sobre os indivíduos que se definem por seu estatuto, e por isso, atua numa “razão de estado” através dos meios para obter “a paz da república” (FOUCAULT, 2008, p.343). A partir do desdobramento da palavra “estado”, Foucault (2008, p.342-343) se dá conta de que a república é voltada à integração do seu conjunto de “domínio”, de “instituições”, de “modos de vida” e se “opõe ao movimento”. Em Santa Catarina o estado ou a república, sob a herança do PRC, orienta-se através de práticas conservadoras do poder. E séculos antes La Boétie (2006, p.20-21, grifos meus) já anunciava que:

Aquele a quem o povo deu o Estado deveria ser mais suportável [...] desde o momento em que se vê colocado em altos postos e tomando o gosto à chamada

grandeza, não decidisse ocupá-los para todo o sempre. O que geralmente acontece é **tudo fazerem para transmitir aos filhos o poder que o povo lhes concedeu**. E, tão depressão tomam essa decisão [...] ultrapassam em vício e até crueldade os outros tiranos; para **conservarem a nova tirania**, não acham meio melhor do que aumentar a servidão e afastar tanto dos súditos a ideia de liberdade que eles, tendo embora a memória fresca, começam a esquecer-se dela.

Nesse sentido as reformas urbano sociais são práticas conservatórias, pois, mantém a integridade da República. Araújo entende o “reordenamento do país” atendendo “às novas determinações impostas pelo capitalismo internacional a partir das três últimas décadas do século XIX”. Em verdade, tal fenômeno refere-se à expansão das tecnologias de biopoder pelo mundo, e que ganham forças no Brasil e em Santa Catarina no final do século XIX, quando seu modelo de império não consegue governar mais com segurança seu território e povo. Portanto, sai a saudação imperialista, “Deus guarde sua majestade”, e entra a republicana, “Saúde e Fraternidade” (NECKEL, 2003, p.23)<sup>34</sup>. Assim, na ordem do discurso a elite intelectual e política tratava a “regeneração nacional” como processo inevitável, onde o novo regime republicano pudesse acompanhar o ritmo civilizado dos países europeus, leia-se, França, Inglaterra e Alemanha, que já estavam em fase mais avançada de desenvolvimento. Portanto, trabalho na construção de representações visando superar a “sociedade fossilizada do império” (ARAÚJO, 1989, p.9). No avanço do biopoder, Desterro/Florianópolis entrava na série de imagens, discursos, valores e práticas da crista da onda de

---

<sup>34</sup> Na pesquisa junto aos arquivos expedidos da Inspetoria de Higiene de Florianópolis, de 1901 a 1920, encontrei na comunicação dos médicos a tal saudação, “Saúde e Fraternidade” na maior parte dos anos investigada.

modernizar que percorria as principais capitais brasileiras (Rio de Janeiro e São Paulo) nas primeiras décadas do novo regime. Mesmo diante das facções internas do PRC, a razão de estado se volta à sua conservação, e as próprias contradições devem ser incluídas no sentido da dinâmica configuracional entre grupos, como aliados ou adversários, que se alternam ou relacionam no equilíbrio do poder. Afinal de contas o processo civilizador também carrega um “estado” não planejado em seu desenvolvimento.

Contudo, para que o biopoder venha a tornar a população cada vez mais obediente, há de serem evidenciadas condições do jogo entre as partes no que se refere ao deslocamento das atividades de passatempo e de esporte na cidade. Estes tipos de costumes para La Boétie (2006, p.23) exercem sobre nós, “poder considerável, tem uma grande força de nos ensinar a servir [...] a engolir tudo até que deixamos de sentir o amargor veneno da servidão” (LA BOÉTIE, 2006, p.23). Mas por não se tratar de costumes de repressão é que há necessidade de perceber de que tipo é a servidão. Uma forma de obediência que se relaciona aos novos imperativos (estéticos e éticos) nos espaços da Cidade de Florianópolis para produção dos corpos entre novas tensões. Afinal, atividades de passatempo não são apenas catarse das emoções aprisionadas e tampouco aumento do trabalho. Carregam processos de subjetivação, no sentido de um motor de ação, cuja política da vida atua sobre a população nestas atividades. A relação entre busca da excitação e dispositivos de poder ainda precisa de força para institucionalizar práticas que carregam “um fim em si mesmo” à população da cidade de Florianópolis, distintas das desenvolvidas na Cena 1 em Desterro. No governo dos corpos *docilis* e *famulus*<sup>35</sup> precisam passar de povo para população.

---

<sup>35</sup> *Docilis*, do latim, refere-se à docilidade ou aquele que permite ser instruído e, portanto, dociliza-se. *Famulus*, do latim, refere-se à servidão, e, portanto, o modelo de família seria nada menos que a analogia desta com a reunião de escravos.

Enquanto isso, a produção da vida no objeto de uma nova cidade, discursos líricos mandados fabricar na virada para século XX, como os de Virgílio Várzea (1984, p.33) contribuíam com o imaginário de uma cidade triste, melancólica, ao apresentar que, “vista do mar, a cidade não impressionava bem aos que a visitavam [...] apesar de seu encanto paisagista”, uma “parte de sua frente, do lado norte, onde correm os cais da Figueira, compõe-se ainda de casinhas antigas [...]”<sup>36</sup>. Florianópolis modernizava-se, discursos importados materializavam-se nas arquiteturas geométricas de “traços neoclássicos”, casos do Novo Mercado Público, Escola Normal e do Palácio do Governo (DALLABRIDA, 2001, p.55-59). Instituições, no domínio do território da cidade de Florianópolis, que atuam como “razão de estado” com vistas a atingir a integridade republicana. Ora, estes são exemplos de locais de poder que concorrem ao momento de biopoder na cidade. Certamente são modernizantes e contribuem na produção de sujeitos republicanos. Assim como outras instituições como escolas, eventos e clubes culturais da elite que marcam a visibilidade de um *ethos*. E, no entanto, ainda falta chegar neste, *tempo do não futebol*, àquelas duas instituições que são fundamentais na dinâmica que permite que o jogo de 1910, “moderado”, “útil” e produtor de “divertimento”, num palco “repleto de espectadores” se desenvolva.

Dos antecedentes, eis que a “*pax republicana*”, rapidamente forjada, é essencial para adentrar ao estabelecimento às duas instituições que concorrem ao biopoder na leitura da produção de uma população e um território, com vistas a desenvolver o futebol. Elias entende a interdependência do desenvolvimento do esporte e a estabilidade da pacificação das classes dirigentes numa sociedade em industrialização. Mas creio que este “estado” de paz, deva ser retomado como analítica do poder. Quer dizer, analítica nos termos do nascimento de uma instituição. Nascer que não se faz sem investimentos, estratégias

---

<sup>36</sup> Tal livro foi elaborado “sob os auspícios do Centro Catarinense do Rio de Janeiro e do Governo do Estado de Santa Catarina” (ARAÚJO, 1989, p. 31). Portanto, estratégias de poder para construção de representações.

do poder que atuam numa ordem republicana. Os cartões-postais mandados fabricar deveriam servir aos “mecanismos internos de poder” (FOUCAULT, 2010a, p.204). Deslocam-se, entre convidados e convocados, corpos e almas, à cena de um lugar que se inventa. Como num “pedacinho de terra, perdido no mar!... Num pedacinho de terra, beleza sem par...Jamais a natureza reuniu tanta beleza jamais algum poeta teve tanto pra cantar [...]”<sup>37</sup>, eis que a figura 2 nasce. Trata-se de um postal que apresenta os edifícios do Ginásio da década de 1910.

Figura 2 – Cartão Postal do Alto da Torre do Observatório  
[191?]



Fonte: Acervo Fotográfico do Colégio Catarinense

---

<sup>37</sup> O trecho se refere ao hino oficial da cidade de Florianópolis, “Rancho do Amor à Ilha”, de autoria de Cláudio Alvim Barbosa, o Zininho, escolhido em 1965, através de concurso promovido pela prefeitura municipal da cidade e oficializado pelo projeto de Lei nº 877 de 1968.

Situado à beira-mar, em uma das mais pitorescas e saudáveis localidades da bela cidade de Florianópolis, compreendendo vastas áreas para jogos higiênicos e banhos no mar, o Gymnasio Santa Catharina pode garantir aos srs. pais de família tudo quanto se necessita para o bem estar físico de seus filhos [...] **Nos intervalos dos estudos haverá recreação, passeios, banhos de mar e exercícios ginásticos (RELATÓRIO DO GINÁSIO...1910, p.54, grifos meus).**

Do alto do observatório uma imagem representa a baía norte, nos altos do bairro Praia de Fora, atual Beira-Mar Norte. Conforme aponta Araújo (1989, p.25) este bairro aprofundava a divisão das classes na cidade, era lá que “os abastados da ilha, que possuíam suas chácaras nos arredores mais aprazíveis”, e se distanciavam “daquilo que consideravam a sujeira e os amontoamentos do centro”. Um estabelecimento de ensino erguido em local de elite, certamente entra como dispositivo de biopoder quando acelera reformas da cidade, através de suas práticas que produzem uma experiência e um pensamento numa república cuja razão de estado é conservadora. E, no entanto, há indícios de mudança na personalidade social. Visibilidade de que, nos “intervalos dos estudos haverá recreação, passeios, banhos de mar e exercícios ginásticos”, não se efetivariam numa cidade caso apenas fossem retóricos. Quer dizer, há uma relação de poder que será fundante do novo *ethos* que se desenvolverá na cidade de Florianópolis. *Ethos* que se relaciona a uma ética, que participa na constituição de si mesmo como sujeito moral inserido em uma sociedade. *Ethos* vinculado a um novo padrão corporal, estética que romperia de vez com, aquela gente que gosta de ver e não fazer, descrita por Cabral sobre usos do corpo no remo.

As tardes cinzentas inventam-se coloridas através do poder de fazer ver. Nas lembranças do garoto sua mãe aparece incitando-o, fazendo valer sua posição de chefe da família:

“Rapaz precisa estar sempre ocupado, ou com o estudo, ou com trabalho. Vadiação traz uma porção de vícios. Menino desocupado é menino viciado. [...]. Ano que vem vai para o ginásio [...]. **Já pensaste o que desejas ser quando fores homem?**” (BARBOSA, 1979, p.74, grifos meus).

Parece que o ginásio Santa Catarina a partir de março de 1906 participaria ativamente de toda uma construção simbólica material de uma personalidade social, quer dizer, suas ações ultrapassariam os muros do colégio. Cartão mandado fabricar, que dá visibilidade à imagem de uma Escola da República representada como local para atividades disciplinares e corporais, incluindo “recreação, passeios, banhos de mar e exercícios ginásticos”. Esta instituição secundária jesuítica, como elabora Dallabrida (2001), formadora das elites nas primeiras décadas do século XX, que, opondo-se a outros estabelecimentos de ensino jesuítico do século XIX que funcionaram brevemente<sup>38</sup>, foi progressivamente erguendo-se, como uma Escola da República.

Importante destacar que, além do Ginásio Santa Catarina, outros estabelecimentos de ensino emergem nos braços republicanos, entre o final do século XIX e o início do século XX, na cidade. O Colégio Coração de Jesus, fundado em 1895 pelas Irmãs da Divina Providência, uma instituição que até 1935 não oferecia o ensino secundário, e que, apenas na década de 1970 passou a admitir ambos os sexos (MARTINI, 2011). A Escola Normal Catarinense, instituição mista criada em 1892, dedicada a formar professores para atuar no ensino primário,

---

<sup>38</sup> Com o Ginásio Santa Catarina, fechavam-se as portas do único estabelecimento de ensino secundário público e republicano existente, antes, porém, dois outros colégios jesuítas funcionaram no século XIX em Desterro, mas por período curto. Enquanto não se tem dados referentes às práticas corporais, caso fossem exercidas, no sentido de atividades de passatempo, a ideia de haver um bloqueio no biopoder pode ser mantida.

(TEIVE, 2008). Além dos grupos escolares, instituições primárias, Lauro Muller e Silveira de Souza, criados respectivamente em 1912 no centro urbano e 1913 no bairro residencial burguês Praia de Fora (TEIVE; DALLABRIDA, 2011). Também havia outros locais de ensino primário na cidade, como as escolas isoladas, contudo, não receberam o investimento na produção do “cidadão moderno”, e, portanto, não existiam como uma “Escola da República” (TEIVE; DALLABRIDA, 2011).

Nesse sentido as práticas que criam experiência e pensamento, desenvolvidas pelo Ginásio Santa Catarina, instituição privada e católica, incidiram numa estética específica, a do corpo masculino e burguês. Portanto, o desejo de ser homem, expresso pela mãe de Sílvia não pode ser interpretado sem a força moral promovida pelo regime dos jesuítas. Ao tratar das práticas de educação do corpo desta instituição, único estabelecimento de ensino secundário na capital do Estado de Santa Catarina na Primeira República, há necessidade de lê-las a através do regime do pastorado. Local importante para desenvolver questões do biopoder na Cidade.

Foucault (2010a, p.186-217) apresenta em “Vigiar e Punir”, obra que trata das instituições de sequestro, um tipo de dispositivo de poder, o panóptico a partir de sua leitura em Bentham. Trata-se do olhar do poder disciplinar que atua sobre o “corpo-máquina”, uma força centrípeta que se volta para o interior do espaço. Por isso que a representação da torre central num espaço circular garante a técnica do poder onde o “olhar está alerta em toda parte”, e que se objetiva, numa “vigilância” apoiada num “sistema de registro permanente”, que permite “ver sem parar e reconhecer imediatamente” (FOUCAULT, 2010a, p.186-191). Portanto, seu sentido de “visibilidade é uma armadilha”, pois, a máquina panóptica dissocia “o par ver-ser visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto” (FOUCAULT, 2010a, p.186-191). Certamente essa tecnologia de poder se encontra no Ginásio Santa Catarina, sendo inclusive detalhada de forma original no trabalho de Dallabrida (2001, p.185-196).

Contudo, a questão que ainda fica é se no decorrer das reformas urbano sociais de Florianópolis, com toda a arte de governar orientada nos instrumentos familiares do governo, que aprofunda o pertencimento do território à população, a fabricação escolarizada dos cartões-postais ou mesmo das fotos que circulariam nos relatórios daqueles anos do ginásio, não pertenceriam a uma tecnologia mais específica de poder? Talvez, no momento de biopoder desbloqueado, o panoptismo se configurasse tanto na força centrípeta dos mecanismos disciplinares, quanto na força centrífuga das tecnologias de segurança. A tal torre do observatório do Ginásio Santa Catarina (FIGURA 2), construída propositalmente ou não, é produtora de “monumento” ao participar das representações daquele educandário na cidade. Mas há muito mais nessa emergente tecnologia biopolítica. Talvez uma maior consideração sobre o panoptismo seja necessária.

Não resta dúvida de que, o nosso olhar é um dos sentidos humanos mais desenvolvidos, e não é retórico o famoso dito sobre os olhos serem a *janela da alma*. Olhar enquadrado no motor dos desejos fabricados é questão de política da vida. Foucault (2010, p.186) procurou demonstrar a partir do modelo de Bentham, que, o “olhar está alerta em toda a parte”, inclusive naquele tipo de governo disciplinar, e, no entanto a própria disciplina é absorvida no biopoder. Então fotos, jornais, desfiles cívicos, produzem toda uma visualidade que opera como implantes na subjetividade humana. Mas, como tal *poder de ver* pode ser lido na composição entre controle e segurança da população através das normalidades? Qual o mecanismo de segurança possível para ler a produção de uma população?

Em 1975, Foucault (2010 de IV, p.156) é entrevistado, neste momento esclarece alguns pontos sobre o modelo “panóptico”, e aponta que nossa sociedade é muito “benthamiana”, visto que hospitais, escolas, casernas se parecem com a prisão. E, assim, o olhar do poder desaparece no sentido de se diluir na “infinita multiplicidade de seu único olhar”, e a “polícia” é “gêmea do Panóptico” (FOUCAULT, 2010e, p.156). E no ano seguinte, no curso “Segurança, Território, População”,

Foucault (2008, p. 419-487) desenvolve questões importantes sobre o mecanismo de segurança da “polícia”. Esta, uma tecnologia política, “regida por uma autoridade pública”, isto é, tipo de “poder político, como uma autoridade pública”, que se exerce sobre uma “espécie de sociedade humana” (FOUCAULT, 2008, p.420). Polícia não é a família, nem o convento, nem a escola, pois, “falta precisamente o caráter de autoridade pública que se exerceria” (FOUCAULT, 2008, p.421). Assim, essa autoridade pública vai, no decorrer do século XVII, “fazer as forças do Estado crescerem mantendo ao mesmo tempo a boa ordem desse Estado” (FOUCAULT, 2008, p.421). Parece que as características de uma sociedade de biopoder normalizada, se desenvolvem em conjunto com esta noção de polícia, que possibilita uma relação móvel, estável e controlável, entre a ordem interna do Estado e o crescimento de suas forças. Ora, obter prevenção, agir com certeza do sucesso e ser generalizável a toda população, são ações que se desenvolvem no mecanismo de segurança da polícia.

Polícia esta, que cuida da urbanização do território, tratando de fazer o território tornar-se uma cidade com suas questões. E assim, Foucault a partir da leitura de Delamare<sup>39</sup>, expõe os domínios da polícia: “a religião, os costumes, a saúde e os meios de subsistência, a tranquilidade pública, o cuidado com os edifícios, as praças e os caminhos, as ciências e as artes liberais, o comércio, as manufaturas e as artes mecânicas, os empregados domésticos e os operários, o teatro e os jogos”, e uma polícia que se ocupa com o teatro e os jogos trata dos “**aprazimentos da vida**” (FOUCAULT, 2008, p.450, grifos meus).

No recorte desta pesquisa, qual seria a única instituição com possibilidade de contemplar um tão amplo espectro de intervenção sobre a condição de existência da urbanidade da cidade de Florianópolis? O *Jornal O Dia*, que inicia suas atividades em 01 de janeiro de 1901, e as encerra em setembro de

---

<sup>39</sup> Trata-se da obra de Nicola Delamare, “*Traité de la Police*” publicado em Paris em 1705 (FOUCAULT, 2008, p.482).

1918, na ocasião da troca de comando da dirigência política do estado. Jornal da ala “laurista”, com suas principais lideranças Lauro Muller, um dos principais articuladores que trouxe os padres jesuítas para a cidade, ala que dominou o executivo catarinense entre 1898 e 1918, mesmo período de circulação do oficioso “O Dia”<sup>40</sup>. Mesmo que tal jornal apresentasse publicações das esferas legislativa e executiva, veiculasse notícias e crônicas de interesse do Partido Republicano Catarinense, cujo próprio título do impresso já denotava tal assertiva, “Órgão do Partido Republicano Catarinense”, este será como “autoridade pública” assumido daqui para frente como a *Polícia do PRC*.

Agora, mais um importante elemento do tempo do *não futebol*, acaba de ser montado. Uma específica dinâmica que se entrelaça, envolver questões entre a Escola da República e a Polícia do PRC, como concorrentes ao avanço do biopoder na cidade de Florianópolis. Nesse sentido, com destaque àquelas formas de educação do corpo, como jogos de futebol, piquenique, exercícios ginásticos, militares, e, como se percebe, as atividades escolarizadas de lazer. Portanto, há uma tecnologia que envolve “pastorado”, e a gêmea do panóptico, a “polícia”, que devem ser tratados rumo à integridade do PRC, uma arte de governar que visa conservar. Haveria melhor arranjo das forças, do que este jogo, que trabalha subjetividades através da busca da excitação e dos dispositivos de poder, que visam refratar em uma espécie da cidade? A busca da excitação na população da cidade de Florianópolis, inserida em tecnologias de poder, que fazem viver

---

<sup>40</sup> No jogo da “pax republicana”, a outra ala “hercilista” comandada por Hercílio Luz, José Boiteaux e pelos irmãos Victor e Adolfo Konder, restabeleceu-se no governo em 1918 permanecendo até a Revolução de 1930, período em que o jornal “República” volta a ser oficioso em 1918 quando assume o governo do estado Hercílio Luz. O jornal República foi criado logo após a proclamação da República quando Hercílio Luz esteve a frente do governo (1894-1898), mas, é interrompido como diário do governo enquanto a ala “laurista” se manteve na dirigência desse Estado (DALLABRIDA, 2001, p.79).

através do motor da ação, voltado aos “interesses para o indivíduo” e atividades com um “fim em si mesmo”.

Àqueles moços em destaque no início deste Ato <sup>41</sup>, mesmo antes do futebol acontecer no Ginásio Santa Catarina desde 1906, pertenciam à classe burguesa de Florianópolis, e provavelmente alguns deles ou seus filhos brincou ou mesmo fosse conhecido do garoto Sílvio. Portanto, não há nada de novo para contar sobre o início da história do *foot-ball* na cidade que seja tão diferente daquela tendência geral apresentada por Elias, ou seja, que o esporte bretão se inicia pelas distintas classes no país, e, no entanto, há muito para explorar sobre as estruturas e tecnologias de poder daquela sociedade florianopolitana. Dizer que o palco “estava repleto de espectadores” naquele primeiro jogo significa que daí em diante aquele jogo estava *montado* para ser dispositivo de poder para regularizar a vida da população.

A instituição Ginásio pode ser lida como um modelo ideal de libertação das tensões, e proporcionar alívio do estresse civilizatório para um nicho da população. E o *Jornal O Dia*, ao contribuir na visibilidade desta instituição, com suas ações de polícia, aumenta, portanto, a força do Estado. Uma produção do prazer de jogar bola, a uma parte da população, afinal de contas já reclamava La Boétie (2006,20-21), o fato de que, “aquele a quem o povo deu o Estado” não devesse ocupá-lo “para todo o sempre”, ao “transmitir aos filhos o poder que o povo lhes concedeu”. Por isso a República em Florianópolis não passará de jogo da conservação. Talvez, agora faça sentido tomar o desbloqueio do biopoder na cidade com os antecedentes – Proclamação da República, Revolução Federalista, e *pax republicana* do PRC – com os nascimentos de duas instituições concorrentes – o regime do pastorado do Ginásio Santa Catarina; e a ação de urbanização do jornal “O Dia”. Desbloqueio porque levaria ao avanço biopolítico na cidade. De todo modo, o futebol no Ginásio Santa Catarina, não nasce pronto para ser grande. O porta-estandarte republicano em Santa Catarina do público burguês masculino

---

<sup>41</sup> Cf. nota 21.

pode ser lido, amarrado, entrelaçado entre apoio e reconversão às ações de polícia do jornal “O Dia”.

Um passo à cena da dinâmica desta configuração, fundamental para amarrar as bases, que daí em diante, produziriam um novo homem numa parte da cidade de Florianópolis.

### CENA 3: CONFIGURAÇÃO ENTRE INSTITUIÇÕES DESLOCA *BELLE ÉPOQUE* EM FLORIANÓPOLIS

Era “mais ou menos em meados de janeiro de 1906”, quando dois padres receberam por telegrama o chamado para “partir de lá, realmente no meio da noite cheia de neblina, da chácara de São Leopoldo” (DIÁRIO DO PADRE..., 1906). Os termos em destaque constam nas primeiras linhas do Diário do Padre Prefeito, escrito a 13 de março de 1906. Início de uma história do momento republicano catarinense. No mesmo ano, a 15 de março, as portas do Ginásio Santa Catarina, educandário jesuítico de formação secundária, são abertas (GINÁSIO..., 1906, p.3).

Há uma série de acontecimentos em circularidade desde os tenros anos do ginásio pela cidade. Seleciono alguns destes exemplos, pois pretendo ao cruzar fontes evidenciar tipo de “configuração” no sentido que nos apresenta Elias (2008, p.140-145). Usos de uma noção para além das análises circunscritas às volições do plano individual que permite alargar relações de poder, ou “equilíbrio de poder” numa sociedade (ELIAS, 2008, p.184). Poder que fundamenta configuração, envolvido relacionalmente nas dependências que se formam entre indivíduos e grupos, afinal, uns dependem dos outros, e por isso mesmo tal condição relacional leva a um estado de voluntarismo que não é espontâneo, mas criado no estado interdependente da configuração.

Nessa perspectiva, intenta-se compreender como o regime do pastorado jesuítico compõe-se junto a uma “razão de

estado” do Partido Republicano Catarinense, que a partir das ações da Polícia do PRC, o *Jornal O Dia*, forma entre estas equipes dirigentes (políticos do governo e padres do educandário), como num jogo entre as partes, uma configuração com “entrançado flexível de tensões”, com necessária e prévia “interdependência dos jogadores” (ELIAS, 2008, p.142). Ao colocar em diálogo Elias e Foucault, percebo uma noção sobre processos de institucionalização a partir da associação entre o conjunto de jogadores que formam uma configuração. Até agora o termo “instituição” não havia sido tocado, e talvez, deva elaborá-lo.

Interpretar “O Dia” e Ginásio Santa Catarina, no sentido que Foucault atribui a “instituições”, o qual se refere a, “todo comportamento mais ou menos coercitivo, aprendido”, que sem enunciado “funciona como sistema de coerção”, logo, “todo o social não discursivo é a instituição” (FOUCAULT, 1986, p.247), é meu ponto de partida. Em verdade, Foucault não focaliza instituições, mas práticas institucionais ao longo de sua trajetória político filosófica. Na entrevista contida em “Microfísica do Poder”, ao elaborar sua noção de “dispositivo” como, todo um conjunto heterogêneo que engloba, “discursos, **instituições**, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantropias”, a “**natureza da relação que pode existir entre estes elementos heterogêneos**” e a própria formação do “dispositivo”, que, tem como “**função principal responder a uma urgência**” (FOUCAULT, 1986, p.244, grifos meus), entendo que este autor dá possibilidade de inscrever-se, no jogo das configurações eliasianas. Estas que ao serem estrategicamente postas em visibilidade, tornar-se-iam práticas cuja regularidade produziriam uma experiência, um pensamento, através da natureza da relação do dispositivo. Logo, institucionalizam no curso de uma produção artificializada, para conduzir um objeto naturalizado.

Como *dispositivo* é uma fusão entre método e objeto da descrição genealógica, não se trata de erro, mas talvez anacronismo, focar aqui uma questão como esta, que dá

importância a um processo de institucionalização, no jogo da configuração entre Ginásio e PRC, através de sua Polícia. Uma leitura no sentido de que, é no decorrer do processo de institucionalização do pastorado (Ginásio) e da polícia (Jornal O Dia), que estes na conjuntura social atuam como dispositivos do governo (PRC). Engrenagem de método que implica na atualização do objeto, quer dizer, o tempo do *não futebol*, agora passa a ser possível de ser desenvolvido (no Ato 2), após a dinâmica do jogo no equilíbrio do poder. Caminhar rumo à formação do “território” e da “população”, por onde as questões de passatempo e de esporte podem ser deslocadas, através da emergência do que proponho a analisar: apontamentos de um *ethos* (ética, estética e técnica).

Foucault (1986, p.245) já entendia que, “dispositivos” têm tipo de gênese, e a elabora através de “dois momentos essenciais”: 1. Dispositivo tem um “objetivo estratégico” e 2. Dispositivo é duplamente criado tanto pelo processo de “sobredeterminação funcional” no sentido de que cada objetivo terá efeito, desejado ou não, numa relação de ressonância ou de contradição com outros e exige rearticulação, espécie de reajustamento dos elementos heterogêneos que surgem dispersamente; quanto pelo perpétuo processo de “preenchimento estratégico”, no sentido de que os efeitos do dispositivo escapam à sua previsão, mas que, no decorrer do processo, tais efeitos são absorvidos em novas estratégias. Ora, dispositivo foucaultiano e configuração eliasiana dialogam, ambos estão inscritos em jogos de poder e se ligam a um estatuto de saber, e, talvez configuração seja aquela natureza da relação entre elementos heterogêneos do dispositivo. Portanto, são estratégias não planejadas, nem totalmente previstas, mas, que pela rede de interdependência – afetiva, econômica, política, saber, poder, institucional – tornam-se operadores de uma força no seio social o qual emergem. Por isso são importantes, e alargam questões sobre governo das condutas e padrões de sensibilidade de uma sociedade, através de pontos de ancoragem entre indivíduo em diversos níveis e de várias maneiras. Claro que, se não entendo “instituições” como algum ente acabado, e que, necessariamente passa por

investimentos, nascimento e desenvolvimento, também não é intenção desamararr todos os pontos de ancoragem, algo impossível e contraditório. De todo modo, ao tratar da importância de “instituições” que se institucionalizam no jogo das “configurações”, talvez seja esta minha saída nesta etapa do pensamento para enfrentar uma séria e difícil questão: processos que naturalizam o artifício da verdade. Ou, nos termos desta dissertação: a busca do corpo civilizado, necessariamente passa pelo processo de institucionalização destes dois dispositivos de poder (Jornal O Dia e Ginásio Santa Catarina), claro que são instituições, mas são também práticas, filosofias, filantropias, enfim, são formas de vida. Uma política da vida sobre corpos varonis, que, no curso da configuração, deslocará de fraca para forte tal *ethos* esportivo na cidade de Florianópolis.

Um trabalho sobre a formação de uma juventude burguesa nos primeiros anos da República em Florianópolis. E, como dissertado na Cena 1, em todas as sociedades sempre houve busca da excitação. Conforme problematiza Elias (1992b, p.95), uma sociedade que não oferece principalmente aos seus jovens, “oportunidades suficientes para a excitação agradável de uma luta que não exige, mas pode envolver, força e técnica corporal”, de certo modo, “pode, indevidamente, arriscar-se a entorpecer a vida de seus membros”, por, “não proporcionar corretivos complementares suficientes para as tensões não excitantes produzidas pelas rotinas regulares da vida social”. Talvez, Elias não estivesse tão distante de uma analítica nos termos de poder, mas desenvolver isto aqui não interessa. De fato, eu apenas preciso demonstrar àquela questão esboçada na Cena 1, que o jogo entre excitação nos usos do corpo no passatempo e dos dispositivos de poder podem estar submetidos às normalidades que inserem indivíduos numa sociedade. Normas que participam da criação de espaços de “fim em si mesmo” e espaços de pertencimento de sujeitos.

Em resumo, o que me interessa tratar aqui, enquanto desdobramento do problema, que envolve corpo e jogo de

futebol, nesta última Cena no tempo do *não futebol*<sup>42</sup>, é levantar discursos e práticas através de tecnologias cuja natureza da configuração responde a uma urgência. E ainda enquanto dispositivo de poder concorrem a um processo que, ao selecionar tipo de estabelecimento de imprensa e de educação, promovem suas institucionalizações. Nesta perspectiva, significa, portanto, compreender a produção e desenvolvimento de uma elite<sup>43</sup>, através da configuração entre *O Dia* e *Ginásio Santa Catarina* no conjunto de discursos, enunciados científicos, filosóficos, morais, filantrópicos que ao se institucionalizarem num momento, que eu torno agudo, atuam numa razão mais ou menos coercitiva de governar corpos. Os dispositivos – pastor e polícia – são pedagógicos por excelência. Antes, porém, partes de uma configuração que deslocará uma *Belle Époque* da Desterro para Florianópolis.

Segundo Dallabrida (2001, p.29), o Ginásio Santa Catarina estava inserido na “conjunção republicana pós-Revolução Federalista em Florianópolis e em Santa Catarina”. Tal conjunção, poderia ser refinada nos termos de uma *configuração de biopoder*, onde grupos de pessoas com interesses comuns no *equilíbrio de poder*, utilizam-se de questões sobre *fazer viver* de uma população? Aqueles fatos tratados como antecedentes, entre 1893 e 1894, na Cena 2, sobre a Revolução Federalista e Revolta da Armada, são os antecedentes na interdependência das equipes da autoridade pública na forma da

---

<sup>42</sup> Uma curva sem dúvida para fora do objeto, mas como um usuário de Foucault que evita tratar instituições (cultura escolar de um colégio), mas, processos institucionais formados no decurso dos pactos, alianças e tensões entre grupos que se privilegiam no poder que se instauram como práticas e dispositivos.

<sup>43</sup> Com a noção de elite não pretendo um estudo sobre teoria das elites. Apenas circunscrevo o termo “elite” a partir de sua etimologia do grego clássico, “*eligere*”, o qual denota “escolha, seleção de fora”. Nesse sentido assumir a produção das elites na dinâmica do jogo configuracional que se vincularia à visibilidade das práticas de passatempo e esporte em Florianópolis à burguesia que se consolidava.

polícia e dos pastores-jesuítas. Mas afinal de contas, quem são e do que tratam os pastores?

Foucault (2008, p.203) entende que toda organização da Igreja – dos abades aos bispos passando pelos padres – são pastores, de modo que, o poder religioso é, portanto, o poder pastoral. Um poder que se encarrega da gestão da vida, intervém no corpo e na alma através de suas práticas, intervenção permanente na condução cotidiana que se refere à vida, bens, riquezas, coisas da cidade, por isso, é um poder individualizante e totalizante (FOUCAULT, 2008, p.204). Qual projeto colonizador melhor para o momento pelo qual passava a cidade de Florianópolis, do que estabelecer como a Escola da República, o educandário jesuítico de ensino secundário, voltado ao público burguês e masculino? O PRC não se rebaixa aos afazeres cotidianos que contribuam à formação da população, como o ginasta, o pedagogo, o médico. Como Foucault (2008, p.195) entende, são estes quem irão ao lado de cada cidadão alimentar, tratar, aconselhar.

O poder pastoral é específico, estabelece cruzamento com o poder do político (PRC), tipo de configuração que também pode apresentar tensão, afinal de contas, as alianças entre estes poderes, o pastoral e o político são relacionais, de mútua dependência, “o rei continua sendo rei, e o pastor continua sendo o pastor (FOUCAULT, 2008, p.204-205). Assim é importante para análise do processo em curso em Florianópolis, relacionar o problema do pastorado, àquilo que já tratava Sevcenko (1998, p.7-48) sobre o desenvolvimento da civilização “dos belos tempos”, a partir da “segunda revolução industrial”, datada da passagem final do século XIX e primeiras décadas do século XX, que regenera cidade e cidadão de modo “tão completo e tão rápido”, num “processo dramático” que transformou hábitos, convicções e modos de percepção numa época conhecida como “*Belle Époque*”.

Assim, creio que desato mais um nó, o da ética, para referenciar o tipo de *ethos* oportunizado pelas atividades de passatempo e esporte. Busco compreender relações vinculadas às estratégias de saber-poder que participam da produção de um

*ethos* distinto na cidade de Desterro. Como apresenta Elias (2008, p.147-159), sobre problemas das ligações sociais, a interdependência das relações entre Ginásio-PRC pode ser lida pelos fenômenos que envolvem as “ligações afetivas” de uma cidade com forte tradição católica, e as “ligações políticas e econômicas”, no momento de biopoder que avança rumo à formação de um território com sua população. Ligações sociais, de interdependência, que serviria, portanto, a ambos os locais de saber-poder no processo de institucionalização da vida, através da configuração entre partes que jogam certo equilíbrio do poder.

Para estabelecer o jogo da configuração, necessitaria apontar prévias condições dos laços de interdependência entre seus jogadores. O *Jornal O Dia* anunciava no ano anterior ao início das aulas do Ginásio, 1905, o “contrato celebrado entre o Governo do Estado de Santa Catarina e a Sociedade Anônima ‘Padre Antônio Vieira’, para a fundação, na capital, de um Colégio de ensino secundário” (JORNAL O DIA, 1905). Mas, havia muito mais neste pacto celebrado entre elite dirigente do Partido Republicano e equipe dirigente do educandário jesuítico. Da parte da equipe jesuítica, elogios ao local da instalação do novo colégio, com destaque as “ótimas condições de salubridade do local” e para a “cooperação eficaz” dos executivos estadual e municipal (JORNAL O DIA, 1906a). E pelo jornal “O Dia”, porta-voz da dirigência política no Estado de Santa Catarina, palavras de que “o educandário representava a realidade de um projeto almejado há muito tempo pelo governo estadual” (JORNAL O DIA, 1906a).

Entendo que, a Cena 2, apontou questões de uma “razão de estado”, que se conserva na realização de estratégias como a da “*pax* republicana”. Não se pode desmembrar esta parte da história da cidade do que Dallabrida (2001, p.63-75) denomina de “reuropeização do catolicismo”. Trata-se de um momento de deslocamento do anterior, “catolicismo luso-brasileiro” para o “catolicismo romanizado”, gestado na Europa. Um tipo mais austero e conservador de catolicismo com a intenção de produzir mais fiéis – disciplinados e submissos à hierarquia eclesiástica. Nesse contexto, é que se insere o processo de romanização em

Florianópolis. Para Souza (2008, p.61-62), processo ligado a muitos desejos cuja trama remete invariavelmente aos anseios de “civilidade” e de “ser moderno”, de uma elite político-econômica. Para acelerar o processo de romanização o vigário da Igreja Matriz de Florianópolis, Francisco Xavier Topp, um articulador e líder deste processo que, desde 1895, atraía e congregava ordens católicas femininas e masculinas europeias pela cidade. Irmãs da Divina Providência em 1898; Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus em 1903; Companhia de Jesus em 1905; Ordem de São Francisco em 1908 (DALLABRIDA, 2001, p. 67).

E assim, em 19 de março de 1908 pela *Bula Quum Sactissimus Dominus Noster* de Pio X, o Estado de Santa Catarina é contemplado com sua própria Diocese (SOUZA, 2008, p.66). Processo de romanização do catolicismo florianopolitano trata-se, sobretudo, da remodelação das condutas, dos sentimentos através da produção de processos que subjetivam indivíduos nesta sociedade em curso. Ação pastoral, que zela pelo rebanho e nos espaços de educação como o Ginásio Santa Catarina, seria por excelência, *locus* para arranjo das forças para civilizar no belo tempo, o tipo de personalidade social que se inventava pela cidade de Florianópolis. Estratégias para afastar das antigas práticas e representações de Desterro, inclusive as de passatempo de sua população.

Aqui reside uma questão importante, a da formação dos costumes como práticas do dispositivo do pastorado, que atua no controle das paixões. Foucault (2008, p.234-239) entende que, a relação de obediência entre o pastor e a ovelha, seu rebanho, é de “obediência integral”, tipo de “relação de servidão integral”, mas, sem uma finalidade específica, quer dizer, obedecer para alcançar um estado de obediência. Trata-se um processo de renúncia à vontade própria, tipo de humildade no sentido de se submeter à ordem. Mas o que me interessa, no regime do pastorado, é que, o único fim da obediência é mortificar sua vontade: produção da *apátheia*, ausência de paixão. Não seria isso que Elias observa no processo do agradável descontrole das emoções sob controle? Quer dizer, um tipo específico de poder que individualiza nos

pontos de criação do “eu”, que torna através da servidão integral, a direção de consciência rumo ao controle de si através da relação de dependência? Ora, no regime do pastorado cristão o que se trabalha é a renúncia aos prazeres do corpo através de práticas de obediência generalizada. Técnicas normalizadoras de observação, vigilância, e direção a todo instante, que capturam como dispositivo a busca da excitação e conduzem corpos rumo a um padrão de comportamento e moral. Norma(lidade) que previne desvios, é generalizável à população, logo, de sucesso total a um *ethos*, que se civiliza através de um grupo que coloniza um saber do corpo.

Um período de *Belle Époque* florianopolitana como um conjunto de técnicas do pastorado, se compõe a um novo padrão moral e científico-tecnológico na cidade. Nas palavras de Sevcenko (1998, p.9), sobre tal revolução que se consolida no final do século XIX a partir da Europa, há “um impacto decisivo sobre o controle das moléstias, a natalidade e o prolongamento da vida”. Mas aqui, em Florianópolis, o avanço é inicial, e, no entanto, sem inclusão do regime do pastorado as condições seriam de outro tipo. Nesse sentido destaco o deslocamento da oferta do ensino ginásial público e gratuito para o privado e estadual jesuítico, a formação de um “novo clero católico europeizado”, como algumas das ações dos dirigentes do PRC em exercício, com vistas a contribuir com um tipo de institucionalização da vida. Configuração que não apaga as tensões das ligações sociais.

Era um sábado, 31 de março de 1906, quando o pastor relata sobre a participação na procissão do Senhor dos Passos que, “um grande número de externos se juntou aos internos”, ressaltando o bom comportamento dos rapazes (DIÁRIO DO PADRE..., 1906). Já em 2 de junho de 1918, na procissão do “corpo de Deus” após hora do almoço, 10h45 houve saída rumo à matriz na procissão, pensava o pastor que, “no sol pudessem pôr o chapéu, mas vieram logo reclamações, por tanto mandei-lhes [que] o tirassem” (DIÁRIO DO PADRE..., 1918). A tensão entre ambos os relatos, ajuda a sustentar que a ação do pastor na composição com as forças da cidade, é antes de tudo, voltada ao

bem-estar do seu rebanho. Ainda assim, pode-se perceber nessas andanças pela cidade, tipo de técnica que conduz consciência, isto é, o ato de caminhar pela cidade, sempre conduzido pelo pastor, diretor da consciência, denota tentativa de ancoragem do vínculo de dependência entre pastor e rebanho. Conforme outras linhas que o Diário do Padre Prefeito de 1906 apresenta, “diversos pais tinham pedido que seus filhos fossem preparados ao exame do ingresso” (DIÁRIO DO PADRE..., 1906). Mesmo que não fosse uma multidão à espera de vaga no colégio, o fato é que há movimentos importantes no desenvolvimento civilizatório da cidade. Algumas considerações sobre polícia, este mecanismo de segurança que se desenvolvia na cidade de Florianópolis.

A polícia que serve ao bom uso das forças do Estado, da *pax republicana* do PRC se ocupa, segundo Foucault (2008, p.433-435) do que os homens fazem, quer dizer, uma polícia que participa das atividades desse homem, que deve se constituir como elemento do desenvolvimento das forças do “Estado”, a polícia deve “zelar para que as pessoas possam efetivamente manter a vida que o nascimento lhes deu”, logo, a polícia trata das necessidades da vida (FOUCAULT, 2008, p.437). Que os indivíduos que fazem a população não fiquem ociosos, por isso que dos objetos da polícia inserem-se os da circulação na cidade, depois a saúde, os viventes, os objetos de primeira necessidade como a alimentação, doenças, e a própria população (FOUCAULT, 2008, p.437). Ora, se a polícia trata da coexistência dos homens, espécie de sociabilidade, num domínio que “vai do viver ao mais que viver”, então a polícia trata da felicidade, este “mais que viver dos indivíduos”, o que deve ser incluído na rede do estado, da razão do estado: “fazer da felicidade dos homens a utilidade do Estado, fazer da felicidade dos homens a própria força do Estado” (FOUCAULT, 2008, p.438-439). Encontro no *Policia! O Dia*, notícias que se relacionam a demografia sanitária, os casos de doença na cidade de Florianópolis, propagandas das iniciais indústrias da cidade, mas há mais entre os objetivos desta autoridade pública do PRC.

No ano de 1915, em data estrategicamente calculada (15 de novembro) este jornal anunciava “com o intuito de satisfazer

as legítimas exigências do público e para tornar a nossa folha digna do Partido de que é órgão na imprensa” sua “feição moderna e atraente” (JORNAL O DIA, 1915a). De fato, este oficioso jornal desde então, apresentaria seções como “arte culinária”, “O Dia *Sportivo*”, além das notícias da região, país e mundo apresentadas à população. Seções do mais que viver à população letrada da cidade.

Figura 3 – Edição Comemorativa da Imprensa Catarinense (11/08/1911)



Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina

Nessa edição, o jornal comemorava os 80 anos da “Imprensa Catharinense”, pois segundo o mesmo “a imprensa é a companheira inseparável do progresso, a sua mais fecunda propulsora, a sua mola mais poderosa” cuja “projeção sobre o futuro para inquirirmos dos destinos que temos a trabalhar, das pelejas pacíficas em que as transformações sociais nos hão de empenhar”, imprensa catarinense que “simboliza o nosso próprio adiantamento, porque é nela que se vêm refletir, como num claro e límpido espelho, todas as nossas [...] mais fundas e caras esperanças”, reverbera “o progredimento das nossas inteligências, a nossa cultura científica e artística, as nossas aspirações morais e o nosso progredimento material, econômico, industrial e agrícola” (JORNAL O DIA, 1911)<sup>44</sup>. Força da autoridade de polícia nas questões do mais que viver a um nicho da população (letrada). Tecnologia de biopoder, ao trazer uma série de questões sobre fazer viver. Gera comentários, controla, produz o controlado, seleciona, organiza e distribui com vistas a dominar o aleatório (FOUCAULT, 2010c, p.8-9).

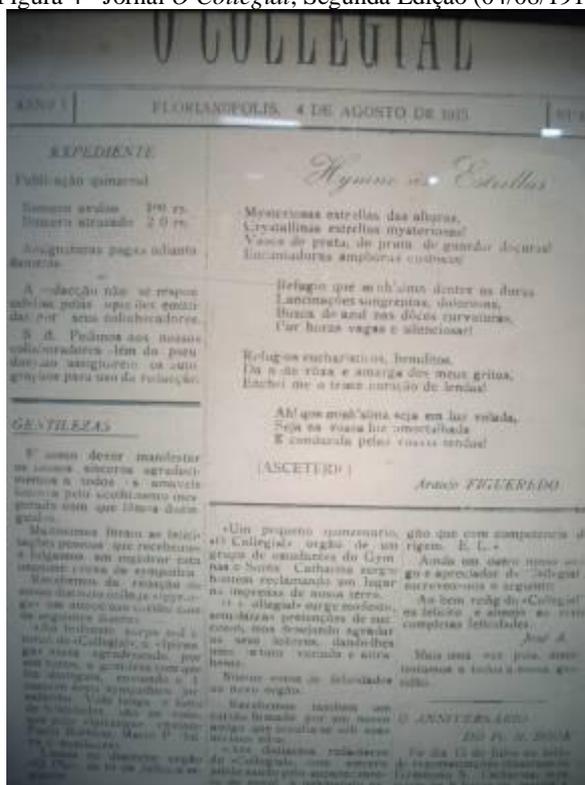
Portanto, a polícia através do jornal “O Dia”, é um olhar que produz, e se reproduz, a partir das quimeras de um progresso forjado pelos ditos das arquiteturas das palavras criadas em forma de discurso. Uma das chaves da obediência do sujeito ocidental moderno no desdobramento, ou tentativa, da resposta à questão “Quem sou eu?” a partir de si mesmo quando se trata da colocação de minha verdade em discurso, pode ser lido como a composição entre “direção” e “exame” de consciência, conduzidos pelos pastores do Ginásio jesuíta? Quer dizer, na virtude da obediência no educandário, a ética do pastorado atua como motor de ação permanente rumo à conduta de uma juventude burguesa e masculina? “Direção de consciência” que não é circunstancial, traz seu diretor da consciência, o padre-pastor, uma ação permanente; e nesta, desenrola-se o “exame”, no sentido de aumentar o vínculo de dependência, aprofundar a obediência visto que o que se examina é a consciência, “para

---

<sup>44</sup> Segundo o editorial desta edição do jornal *O Dia*, a data se refere a criação do primeiro jornal, o “Catharinense”, em 11 de agosto de 1831.

poder ir dizer ao diretor o que você fez, o que você é, o que sentiu, as tentações a que foi submetido, os maus pensamentos que deixou em si, ou seja, é para melhor marcar, para ancorar melhor ainda, a relação de dependência ao outro que se faz o exame da consciência” (FOUCAULT, 2008, p.240-241). Eis que surgem as palavras que garantem o aprofundamento de uma relação de dependência através de uma técnica de circulação, transferência cujo espelhamento dos produtos da cidade, as palavras em forma de tinta do jornal, refrata na verdade oculta, interior e secreta da identificação entre sujeitos.

Figura 4 - Jornal *O Collegial*, Segunda Edição (04/08/1915)



Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Parece que as palavras criadas, meses antes da reforma estética já citada do Jornal O Dia, apresentam a tentativa de uma resposta a, *Quem são os ginasianos?* Apresentavam, pois o seu jornal, “O Collegial”, independente do tempo de duração, o que importa saber é que, as edições que disponho em forma e conteúdo parecem atender aos ideais propostos de ser reflexo, “como num claro e límpido espelho” e da “projeção sobre o futuro”, daqueles ditos comemorativos na ocasião da comemoração dos 80 anos da Imprensa (JORNAL O DIA, 1911). Podem ser lidas como tipo de uma reprodução discursiva dos locais de saber-poder, que no processo de institucionalização, vão se consolidando enquanto elites eleitas dos discursos de uma cidade. Mas, também as leio como prática do exame de consciência, não pela confissão ao pastor, mas, pela sujeição de um indivíduo que se identifica, toma a si uma verdade, que passa a ser interior. Uma configuração entre autoridade pública e pastores na cidade de Florianópolis, que vão gerenciando marcas e pertencimento a uma parte daquela sociedade, ou nos termos de uma *Belle Époque*, uma bela parte da cidade.

Uma imprensa pacífica no dito de “O Dia” em 1911, que acrescentava sobre a utilidade de comemorar a imprensa, “porque consagra uma homenagem aos que em tempos se entregaram à tarefa de guiar às multidões na conquista do bem-estar e da felicidade”, então, “apoiar o jornalismo, é apoiar o próprio progresso social” (JORNAL O DIA, 1911). Apoio, anos depois expresso pelo policial “O Dia”, ao comentar o nascimento de “O Collegial”, denota ação da polícia para fortalecer o estado no jogo das (re)conversões simbólicas materiais. Mas, tratada como técnica pastoral, o exame de consciência é certo ao formar tipo de verdade de si, do indivíduo, nas práticas de obediência. Ou, este seria o modo como se responde *Quem somos nós, ginasianos?* É que trazia o periódico diário elaborado pelo rebanho do pastorado, na seção “Gentilezas”, agradecimentos daqueles que notaram a presença, e, como retribuição, escrito a tintas, consta a informação de que, “lemos no distinto órgão ‘O Dia’, de 16 de julho, o seguinte:”

Um pequeno quinzenário, ‘O Collegial’, órgão de um grupo de estudantes do Gymnasio Santa Catharina surgiu ontem reclamando um lugar na imprensa da nossa terra. ‘O Collegial’ surge modesto, sem largas pretensões de sucesso, mas desejando **agradar** os seus leitores, dando-lhes uma leitura variada e atraente (JORNAL O COLLEGIAL, 1915a).

Jogo dos elogios, entre elementos das partes em configuração, ao passo que é exame de consciência, ao aprofundar pertencimento daqueles que cada vez mais se vinculam em laços de dependência. *Agradar*, verbo que adjetiva as pretensões de escrever e fazer ser visto, na prática do exame de consciência, que, faz parte dos instrumentos da direção de consciência, mede sua progressão sobre a via da perfeição. Interessante destacar que, das cinco edições que possuo, há sempre um editorial que solicita uso de pseudônimo pelos colaboradores<sup>45</sup>. Talvez seja mesmo a prática de escrever no diário que circularia em partes da cidade, uma prática de exame, para afunilar dependência daqueles que se vinculam em algum nível, na relação pastor-rebanho-ovelha<sup>46</sup>. Com o ocultamento dos nomes, apenas aqueles que produzem o diário sabem quem você é, quer dizer, ocultar os nomes serviria para “melhor marcar, para ancorar melhor ainda a relação de dependência ao outro” (FOUCAULT, 2008, p. 241). Modelo pastoral que certamente

---

<sup>45</sup> Estas edições são referentes aos dias 15 de julho, n.1; 4 de agosto, n.2; 19 de agosto, n.3; 19 de setembro, n.4; e 24 de outubro, n.5; todas do ano de 1915, cuja primeira página destacava o tal editorial sobre manter nomes dos colaboradores em pseudônimo (JORNAL O COLLEGIAL, 1915b; a; c; d; e).

<sup>46</sup> Neste trabalho, evidente-mente, os padres do Ginásio são lidos como pastores; mas pela cidade há um sem número de indivíduos e grupos que vão, progressivamente, no avanço de biopoder, atuar como pastor: ginasta, professor, engenheiro, todos exceto um, o político, aqui, os ligados ao PRC.

não se encontra apenas num dado educandário. No jornal “O Dia”, várias de suas crônicas são assinadas apenas por iniciais, o mesmo encontro no “Collegial”. E na prática do exame de consciência há mais, pois, “O Collegial” tem seções que espelham o policial “O Dia” como “Expediente”; “Gentilezas”; crônicas; notas do Brasil e Mundo na seção “Imprensa”; “Noticiário” da cidade; “Anúncios” de venda, tal qual o órgão policial, sempre ao final do periódico. *Agradar*, verbo que objetiva o outro, através da individualização que o marca, produz sua verdade interior, na prática do exame da consciência, que em suma, não deixa de ser uma permanente direção de consciência, durante toda a vida. Aqui, no tempo de vida do “Collegial”, pode ser lido como prática de subjetividade, construtora de uma verdade sobre si através da relação dependente de obediência.

Há uma ligação entre tecnologias de poder que potencializa a produção de verdades e subjetividades. Locais que, no decorrer de sua institucionalização, aprofundam a certeza de suas ações, normalização da sociedade visto que vão atuando progressivamente a uma população, e cada vez, com resultados previsíveis, *optimum* que deve ser alcançado. De todo modo, há um processo de institucionalização de locais de poder na razão de estado conservatória. Portanto, adere ao projeto republicano, cuja ampla circularidade de notícias pelo impresso do governo, intenta promover o referido educandário de ensino (DALLABRIDA, 2001, p.38-52; SOUZA, 2005, p.39-49). E assim, jornal e colégio iam se transformando em instituições da Cidade.

A configuração entre aliados continua numa série de acontecimentos. No Diário do Padre Prefeito de 1906, consta primeira menção do Jornal O Dia. Era 26 de setembro, uma quarta-feira, e na passeata cívica com música militar e lampiões, sobre a inauguração de um porto ao sul da cidade, percorria-se no trajeto pelo palácio do governo e em seguida a redação do referido jornal. Retornavam, enfim, ao colégio às 20:30h (DIÁRIO DO PADRE..., 1906). E no Diário do Padre Prefeito de 1907, consta que após a missa de 21 de junho, dia do padroeiro dos jovens, santo São Luiz Gonzaga, ou “Aloísio”, ocorre

apresentação científico musical, onde “tudo deu muito certo” (DIÁRIO DO PADRE..., 1907). Neste Diário há colagem da matéria publicada no jornal “O Dia”, dois dias depois da dita festa católica do patrono da juventude. No relato do periódico, na primeira página, “Ginásio Santa Catarina. Festa de ante-ontem”, com destaques para a “mocidade estudiosa” numa festa que, “como prevíamos” foi “muito concorrida e brilhante, pelo correto desempenho que os alunos deram aos 20 números do bem organizado programa” (JORNAL O DIA, 1907). Entre músicas, declamações e encenações, marcaram presença na festa além dos alunos internos, alunos externos, diretores e professores do educandário, personalidades da esfera pública nas figuras do “ajudante de ordens” que, representou o governador e o secretário-geral do Estado. Aqui, sustenta a afirmação de Foucault (2010, de IV, p.365), de que o “papel do político” é o de “tecer a tela sólida para a cidade”, aquele que associa diferentes virtudes. Ainda neste ano, o Diário do Padre Prefeito, aponta a 16 de maio a retribuição da visita que, o então governador Gustavo Richard, fez ao padre diretor, “motivo para o cancelamento da última aula” (DIÁRIO DO PADRE PREFEITO..., 1907). Práticas configuracionais entre o jogo entre as equipes que se equilibram no poder.

Da parte da dirigência política, cuidados à “teia sólida” pela cidade, e, da parte da equipe dos pastores jesuítas, exemplos de práticas da “direção de consciência” e de “exame de consciência”. Conduzir entre “palácio do governo” e jornal-policia naquilo que Foucault (2010e, p.368-369) trata como a constituição de um “laço permanente: a ovelha não se deixava conduzir com o fim único de ultrapassar vitoriosamente alguma passagem perigosa; ela se deixava conduzir a cada instante”. No exemplo, a prática de percorrer os locais do PRC – palácio e jornal – cultivava uma consciência de si, marca identidade no artifício da sociabilidade, e assim, a experiência e o pensamento formados através da condução nestes locais de poder, nada mais são do que a razão de estado conservatória, e generalizada. E o que seriam as festas, e todo tipo de ação do pastorado do Ginásio, senão tipo de exame? Quer dizer, uma festa “concorrida e

brilhante” de uma “mocidade estudiosa” não seria o resultado, tipo de exame, de *abrir-se ao seu pastor*, pois, ao exercer brilhantemente uma ação pública e elogiosa, era este um modo de **“medir sua progressão sobre a via de perfeição”** (FOUCAULT, 2010e, p.369, grifos meus).

Nos últimos dias do ano de 1915, o jornal “O Dia”, recebe o relatório do Ginásio “relativo ao ano escolar que andou”, contendo “bem escrita crônica das principais ocorrências da vida ginásial fora das aulas” e presta agradecimentos “à diretoria do Ginásio” “pela oferta do apreciado livro”, com reiterados votos de prosperidade (JORNAL O DIA, 1915b). Até aqui apresento exemplos de algumas das estratégias rumo a institucionalização do educandário jesuítico e da dirigência do PRC. Mais, certamente me faria perder na curva do *não futebol*.

Se para nascer, enquanto instituição que será absorvida como dispositivo de poder, leva-se tempo, estratégias referentes ao cidadão e sua cidade republicana ganhariam força na produção dos ditos e práticas entre pastor-polícia. Espécie de aceleração, demarcada na série de imagens, discursos, valores e práticas que já percorriam as principais cidades brasileiras, Rio de Janeiro e São Paulo, a exemplo do que mostra a historiografia das primeiras décadas republicana descrita em Sevckenko (1998) sobre a irradiante cidade carioca. No fundo, trata-se sempre de uma maquinaria da razão de estado conservatória, mediante estratégias e configuração para fazer um nicho da cidade entrar na crista da onda de se modernizar.

Há, portanto, toda uma arte de governar a cidade por meio de tecnologias de poder que se desenvolvem no decorrer do jogo estabelecido pela configuração entre o Jornal e o Colégio. Equilíbrio de poder, num jogo entre as partes operadas por sucessivas escolhas. Matérias e crônicas selecionadas em destaque nos altos da primeira página do policial jornal, operam nos termos de Elias (2008. p.190), na transformação de grupos privilegiados “revestindo-se este tipo de elite de grandes oportunidades de poder”. Institucionalização das elites que se utilizam dos saberes sobre a população (condução e produção), e tornar-se-iam dispositivo de poder na Cidade. Atuariam

pedagogicamente na escolarização dos corpos, quando uma avalanche de notícias e crônicas sobre o futebol invadem as páginas do periódico da Cidade.

Como último exemplo da prévia interdependência configuracional entre PRC-Ginásio, destaca-se carta de 22 de maio de 1905, do padre Francisco Topp, como já citado, importante precursor da Diocese de Florianópolis e do movimento de “reuropeização católica” na cidade. Atua mais uma vez como um indivíduo na sociedade, quando este pergunta ao superior alemão sobre a possibilidade de ser aberto um colégio na capital de Santa Catarina. Escrita em alemão, relata que o local era, “próximo do centro, com vastos campos para jogos, espaço para plantações e edifícios, localização sadia e arejada”, afastado dos barulhos “perturbadores das artérias principais” (SOUZA, 2005, p.44-45). Meses depois, a 4 de novembro de 1905 assinava-se o contrato entre PRC-Ginásio. Trata-se daquele terreno da foto do Ginásio (FIGURA 2), que antes das construções do colégio, era de propriedade da família do Cel. Vidal Ramos, cujo filho Nereu, obtivera em 1904 o bacharelado no Ginásio Conceição, instituição da mesma Sociedade Padre Vieira, mas, em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul (DALLABRIDA, 2001, p.50-51). O espaço da então chácara da família do Cel. Vidal Ramos, com mais de cinco hectares, foi comprado pela Companhia de Jesus por 27 contos de réis, dois dias depois após a assinatura do contrato com o Governo do Estado em 1905 (DALLABRIDA, p.58; PICK, p. 26). Inaugurava-se com o Ginásio, um momento que contribuiria em deslocar através do “projeto almejado”, tipo de ensino secundário com suas práticas corporais, representações daquela Desterro da Cena 1 para uma republicana Florianópolis, cujo palco, espero ter armado para entrar no *tempo do futebol*.

Volto ao garoto, um dos protagonistas deste Ato 1 de nascer. Este se reerguia perante os ciclos de violência da vida, fazia quatro meses que seu pai morrera, e Sílvio no primeiro natal sem aquela presença, recebe uma bola de futebol, “era aquilo mesmo que ele queria ganhar” (BARBOSA, 1972, p.82). Após o almoço de natal, Sílvio “convocou a gurizada” para um jogo com a nova bola, “no pasto do convento dos Franciscanos, defronte à

casa dos tios [na recém-aberta avenida Rio Branco]. O menino jogou sempre muito mal, mas **tinha raça. Esforçava-se** a não mais poder” (BARBOSA, 1979, p.82-82, grifos meus).

Ora, nas memórias do autor-garoto indícios de uma alteração da sensibilidade corporal, quer dizer, aquelas atividades de lazer de uma distinta classe que não parecia ser muito do gosto daquela classe abastada de Desterro. Deslocamentos para uma outra *Belle Époque*. Antes, a excitação apenas em ver oficiais da marinha se exercitarem, e agora, o prazer também seria obtido mediante outras atividades de lazer. Construções republicanas entre seus recém dispositivos de poder – polícia e pastorado do Ginásio – participam alterando as sensibilidades e excitação de toda uma população, iniciada com a camada burguesa da cidade.

Uma forte atuação da ética do pastorado, de direção e exame de consciência, participaria como modo de vida, sentir e conduzir num processo ampliado de mudança de personalidade social. Ética de que, “o homem como verdadeiro sujeito”, seria virtuoso por ser trabalhador, não ser preguiçoso (FOUCAULT, 2008, p.432). O que interessava aos príncipes de Maquiavel, aos soberanos de La Boétie, e aos políticos do PRC. Ora, refrata na racionalidade de uma nova estética corporal. Assim, parece que as questões “Quem sou eu?”; “Quem somos nós?”; através das práticas de passatempo e de esporte, podem ser enfim desenvolvidas no enredo de cultura da cidade. Que venham os jogos e o *foot-ball* da moderna Florianópolis!

**ATO 2 DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL DO  
GINÁSIO NA CIDADE**

El deporte es una gran institución moderna metida en el molde ancestral del espectáculo. ¿Por qué? ¿Por qué hay que amar el deporte? [...] todo lo que le sucede al jugador también le sucede al espectador. Pero mientras que en el teatro el espectador solo es un mirón, en el deporte es un actor. [...] hay en el hombre unas fuerzas, unos conflictos, unas alegrías y unas angustias; el deporte las expresa, las libera, las quema [...]. En el deporte, el hombre vive el combate fatal de la vida [...] reducido a sus formas, liberado de sus efectos, de sus peligros y sus verguenzas: há perdido su carácter nocivo, pero no su esplendor ni su sentido. ¿Qué es el deporte? El deporte responde com outra pregunta: ¿quién es el mejor? Pero a esta pregunta de los antiguos duelos, el deporte le da un sentido nuevo, pues aquí la excelência del hombre tan solo se busca respecto a las coisas. ¿Quién es el mejor de los hombres para vencer la resistência de las cosas, la inmovilidad de la naturaleza? ¿Quién es el mejor para trabajar el mundo y dárselo a los hombres...a todos los hombres? Esto es lo que nos dice el deporte (BARTHES, 2008, p.71-75).

As palavras de Barthes são importantes para perseguir os fios do novelo do Ato de nascer. Quer dizer, essa grande instituição chamada esporte, importante fenômeno da modernidade provavelmente deste e certamente do século que passou, deve continuamente ser deslocada<sup>47</sup>. Documentos de

---

<sup>47</sup> Como reflete Vaz (2001) o fenômeno estudado nas Ciências do Esporte, Educação Física, é cada vez mais tematizado nas disciplinas das Ciências Humanas.

todo tipo, imagens e palavras, enfim, todo material que alargue este espetáculo alargará seus atores. Para Barthes um espetáculo de segurança “reducido a sus formas, liberado de sus efectos, de sus peligros y sus verguenzas”, que perde sua nocividade mas não seu esplendor e sentido, pois o esporte carrega a noção desde os gregos antigos de vitória sobre o corpo, mas, num sentido novo, o homem busca respeito sobre as coisas ao superar “la resistencia de las cosas, la inmovilidad de la naturaleza”. Mas quê coisas? Qual respeito? Qual imobilidade da natureza? Talvez seja necessário para interpretar Barthes organizar partes de uma história do esporte através do governo do corpo, aqui, a partir do Ginásio Santa Catarina.

A entrada no *tempo do futebol* é minha contribuição em não confundir tese com objeto, quer dizer, as questões trabalhadas ao longo do Ato 1, retomam, aqui, em forma de analítica, o objeto futebol. Contrastar usos do corpo no esporte na Desterro de Cabral (Cena 1), compreender na emergência do PRC como o tipo de configuração entre uma autoridade pública e uma Escola da República atuam como protagonista nesse novo sentido de homem que Barthes aponta, e que é, nesta dissertação, tratado como analítica em termos de *ethos*. Desenvolvo no Ato 2, tipo de ação moral que será enquadrada como *normal* numa sociedade em avanço de biopoder e assim, atua através de toda uma rede de saber-poder, nos processos de *subjetivação*. Usos do corpo nas atividades de passatempo, importante tema para alargar a compreensão de uma juventude burguesa e masculina em formação. Deixo que o garoto evidencie a importância desta afirmação.

No jogo daquela tarde, ao perceber que as **meninas** de seu Elpídio Fragoso estavam à janela, **esmerou-se nas jogadas** infelizes e sempre desacertadas. Não contendo um drible de Altamiro, passando a ameaçar o gol, mal guardado pelo Zeca Fragoso, não teve dúvida: - vibrou no adversário violenta canelada, acabando a partida em violenta pancadaria. Houve intervenção

dos maiores: - Sílvio, **futebol é brincadeira** e tu vens para o campo como **galo inglês** que vai para a rinha. Fora de campo. [Sílvio diz] - Eu vou para fora de campo, Jaime, porque tu és o juiz e mandas nesta merda, mas que és juiz ladrão, és, e que estás doido porque não deixei teu irmão varar o gol, estás! [o juiz diz:] - fora de campo, anda, guri cachorro, senão te arrebento. Cobrada a penalidade, Altamiro marcou o tento da vitória. Sílvio estava arrasado. Maldita bola! Aquele presente era coisa de Jaime, com certeza, um sonso safado, mas eles me pagam é no campo do Anita. Joguei mal, porque não conheço bem o campo, - justificava-se, mentindo mentalmente (BARBOSA, 1979, p.85, grifos meus).

Há a formação de uma juventude, uma pedagogia dos corpos. Nesse sentido, a ética e técnica jesuítica dos pastores do *Ginásio* que, por sua vez, está relacionada às ações do “mais que viver” da polícia do Jornal O Dia, desembocando na mudança do corpo através de dispositivos de poder e do jogo das configurações. A técnica jesuítica também se relaciona ao dispositivo pastoral com suas tecnologias de direção e exame de consciência, o que não deixa de objetificar o corpo. Mas, para não confundir, utilizarei “técnicas corporais” quando trato da “técnica como meio propriamente dito, fundamental para o esporte e para várias de nossas atividades cotidianas” (VAZ, 2001, p.87). Embora seja importante, não é meu objetivo aqui detalhar as técnicas corporais, no sentido de como se utilizava o corpo para este ou aquele jogo, o que seria nos dizeres de Mauss (2003, p.401-22), uma descrição pura e simples que revela como homens e sociedades se servem de seus corpos. No entanto, tenho clareza de que tais técnicas corporais nada seriam sem a marcação constante (no corpo e na alma), de um dispositivo de poder como o poder pastoral, cuja técnica e ética se relacionam a uma técnica

corporal. Então, quando uso a expressão *técnicas corporais*, trato especificamente do uso do corpo como meio, através de uma atividade de esporte com características de passatempo. *Usos dos corpos que se relacionam ao processo de obediência*.

O verdadeiro escândalo é o do abuso da obediência. Técnicas corporais sempre foram desenvolvidas nas sociedades humanas, mas, em nossa hodierna sociedade (em processo de mundialização para Elias e de biopolítica para Foucault) tem papel fundante na formação das subjetividades (VAZ, 2001, p.91). Há uma intencionalidade que se impõe num conjunto de técnicas que se relacionam com a destreza ou adestramento, numa palavra, eficácia, que marca corpos dessa juventude, burguesa e masculina em formação. Mas qual conjunto de técnicas se relaciona com eficiência? Coadunado com Mauss (2003, p.404) penso que se cada sociedade estabelece tipo de uso do corpo, atos que “se impõem de fora”. Em Florianópolis, os eleitos, aquela elite que procurei apontar nos aspectos de sua institucionalização (Cena 3), é quem adestrará, evidenciará *normas civilizatórias de dever ser*.

Portanto, o desenvolvimento do futebol do Ginásio na Cidade, é minha contribuição em forma de analítica sobre aspectos do (meu) *ethos* contemporâneo. Afinal de contas, como Sílvio, naquela São Vicente da década de 1990, também sentia-me um “galo”, quando jogava o *jogo* da excitação. Era apenas uma “brincadeira”, trocar passes, “esmerar-se nas jogadas” e querer ser o *cara* (da minha mãe, do meu pai, das meninas, do espetáculo) e marcar o tento da vitória. Brincadeira que é coisa séria, quando as técnicas corporais resultantes dos dispositivos de poder atuam numa espécie de domínio sobre (meu) corpo. Assim, como destaquei ao longo deste texto, passatempos não deveriam ser lidos apenas como “fim em si mesmo”, quando se revela neste, entre jogos e estratégias, relação de poder. Ora, as técnicas corporais não têm apenas um “fim em si mesmo” (VAZ, 2001, p.95). Há uma virtude a ser suspensa nos processos de formação desse *ethos*, para Foucault (2010g, p.270), a partir dos gregos, tratam-se dos hábitos, porte, modo de caminhar. Há uma

produção de verdade do sujeito que marcará o início do esporte na cidade de Florianópolis.

Assim, entre as partes deste enredo de cultura, um jogo para levantar qual a verdade. Na Cena 4, como um anteparo ao processo de desenvolvimento do futebol, trato de um inventário das práticas de passatempo no Ginásio Santa Catarina. Se ainda não havia deixado claro, agora formalizo minha escolha nesta dissertação. Não era intenção minha esmiuçar um estabelecimento como o Colégio Catarinense. Tratar de uma cultura escolar, como se esta não estivesse em configuração permanente com o “estado” das coisas de uma cidade. Por isso, tal qual Foucault (2008 p.157), este trabalho, talvez genealógico, passa pela instituição “a fim de tentar encontrar, detrás dela e mais globalmente [...] tecnologia de poder”. O Colégio Catarinense é apenas o *locus* da analítica do poder pastoral, certamente esta tecnologia atravessa tal estabelecimento. A vigilância epistemológica me auxilia em alcançar um juízo de valor mais distanciado sobre os padres jesuítas, no que as memórias de Cabral também me servem.

**Logo que entrei para o Ginásio dei**, entre tantos companheiros, **expansão ao meu gênio alegre e chamei assim, sobre mim, a cólera dos filhos de Loyola, meu educadores...mas eu não contava só com algozes**. Tive também amigos, e destes guardo o nome do bom Padre Jorge, do Reitor, o Padre Beck e do velhinho Padre Shuller [...]. **Eram educadores: compreendiam o temperamento de cada um e encaminhavam para o bem as ações dos seus educandos**. Os outros ... [padres] se soubessem os sentimentos que me despertam... (SOUZA, 1993, p.21, grifos meus).

Nesse sentido, a Cena 4 trabalha mais questões do pastorado, arma-se, como num contraste a Desterro do século

XIX, apresentando condições para realização de um jogo como passatempo a um nicho da população da cidade. Afunilar, demonstrar através do pastorado dos padres do Ginásio Santa Catarina uma imbricação entre ética e técnica na mudança da estética corporal. Adentrando a Cena 5, é a vez de, a partir do que Elias denomina de “esportivização”, evidenciar processo pelo qual o esporte se desenvolve numa sociedade. Mas, reelaborado como analítica do poder. Em Florianópolis trata-se daquela configuração entre pastor e polícia, apresentada na Cena 2 e tratada na Cena 3. Agora, revela-se como necessário aquele entrelaçado na configuração, *Ginásio-PRC* através do “O Dia”, para compreender, o por quê e o como o *foot-ball* desenvolve-se na cidade. Enfim, na Cena 6 trato de uma leitura dos usos do corpo neste esporte, através da técnica pastoral, cuja moral jesuítica com sua ética e técnica, funciona como motor de ação daqueles desejos, daquela vontade controlada em forma de *páthos*, conjurado, pelas práticas de obediência. A vontade voltada para si mesma, por isso, torna-se *apátheia*, vontade que renuncia a si mesma e não pára de construir essa renúncia. Uma tecnologia pastoral cujas ações tratam da ausência de paixão, e que ajuda a compreender melhor tal, “descontrole controlado das emoções”, que Elias trata ao longo de sua teoria do processo civilizador, para ler passatempos como o futebol. Seja nos termos de personalidade social ou de *ethos*, ambos frutos da relação interdependente entre pastoral e polícia, com vistas a exercer, “um trabalho de si sobre si mesmo”, de modo a se tornar “belo, honroso, respeitável, memorável e que possa servir de exemplo” (FOUCAULT, 2010g, p.270), exemplo do novo homem na cidade de Florianópolis.



#### CENA 4: INVENTÁRIO DAS PRÁTICAS DE PASSATEMPO DO GINÁSIO

Uma quarta-feira, 28 de março de 1906, fazia pouco mais de duas semanas que o Ginásio Santa Catarina oficialmente abriu suas portas. Consta no Diário do Padre Prefeito que após a chuva, houve jogos em separado e pela primeira vez os meninos maiores jogam futebol e os pequenos realizam outros jogos (DIÁRIO DO PADRE PREFEITO..., 1906). Daí em diante, há todo um desenvolvimento de atividades das mais diversas que envolvem passatempo. Tanto aquelas que tratam Elias e Dunning (1992a, 108-109; 1992b, p.148-149), de "jogo e ou mimética", quanto as de esporte com características de passatempo (ELIAS e DUNNING, 1992b, p.178-185). Quer dizer, canto, teatro, saídas do colégio, longas caminhadas, banhos de mar, demonstração de ginástica, partidas de futebol e marchas militares pelos cantos da cidade, participam da vida íntima e da vida pública deste educandário de ensino secundário dirigido por padres jesuítas alemães. Há alguma razão prática nestas atividades? Um olhar para o secular manual da Ordem Jesuíta, cuja primeira versão data de 1599, ajuda a problematizar tal questão.

Os mestres educarão os moços que foram confiados à formação da Companhia de Jesus, de forma que eles possam ir aprendendo, juntamente com as letras, também os **costumes próprios do bom cristão**. Portanto, quer durante as lições (se for proporcionada a ocasião), quer fora delas, será sempre intenção do mestre **dispor dos ânimos juvenis para o serviço de Deus e o amor das virtudes que lhe são gratas** (RATIO STUDIORUM...2009, p.171., grifos meus)

Há uma razão que governa corpos e almas, onde ânimos são cuidadosamente tratados. Qual razão? Para Pick (1979, p.66), o sentido de *mens sana in corpore sano* no educandário, seria

aquele segundo o qual o jovem, “para manter seus ideais, devia saber dominar o corpo”. Como se domina um corpo? Talvez ajude tratar do ambiente disciplinar do Ginásio jesuíta em Florianópolis, já trabalhado em Dallabrida (2001), e, agora expandido para as técnicas do pastorado. Ações que se pautam numa tradição cristã, onde o pastor se mantém a frente de seu rebanho com vistas a alimentá-lo, tratá-lo, reuni-lo, enfim, guiá-lo pois, é o problema “à vida dos indivíduos” as estratégias do pastor (FOUCAULT, 2010f, p.364-366).

Nesse sentido, entendo que a disciplina faz parte do pastorado, um poder que age nos polos, individualizante e totalizante, no sentido de sujeitar o indivíduo a obediência. Ética e técnica do pastorado em dominar o corpo, auxiliam-me no deslocamento das ideias de Elias, de que, numa sociedade altamente regulada, haveria o aumento das atividades de passatempo, como antídoto ao veneno da rotina altamente regulada das normas (civilizatórias) do dever ser. Significa que empreender atividades que dispõem dos ânimos juvenis, próprias do bom cristão, à luz de uma diversidade de atividades de passatempo, é ação pastoral. Quais atividades caracterizam técnica e ética neste ambiente de educação secundária e masculina burguesa na cidade de Florianópolis?

No estudo que Pick realiza com vistas a mostrar a atuação dos jesuítas na educação catarinense através do Colégio Catarinense ao longo das décadas de 1910 a 1970, há referência a diversos tipos dessas atividades no colégio. Como pingue-pongue, tênis, basquete, bandeira, *bat-bet*, barra, vôlei, damas, dominó, xadrez, moinho, bilhar, bocha, futebol de campo, futebol de salão, aulas de educação física e de ginástica e passeios, sempre alternados com os períodos de estudo (PICK, 1979, p. 66). Aqui inicia uma questão que envolve adestramento do corpo e controle da vontade. Tais atividades recreativas desenvolvidas no Ginásio serviriam aos ânimos juvenis, contanto que não interferissem na rotina escolar. Mas, aqui há a problemática de opor “trabalho” e “tempo livre”, brevemente apresentada na Cena 1. Ora, para tratar da eficiência do pastorado do Ginásio, através das atividades de passatempo e superar a polarização “trabalho” e

“tempo livre”, organizo um inventário discutindo as atividades de educação do corpo no âmbito dos passatempos.

O que significa dominar o corpo por meio das práticas de passatempo? O ambiente do Ginásio era um *locus* onde havia toda uma tecnologia em torno de vigiar, incitar e punir os alunos (DALLABRIDA, 2001, p.145-218)<sup>48</sup>. Como aponta Foucault (2010a, p.31), os “escolares, os colonizados”, são postos numa maquinaria de produção e controle durante sua permanência. Em um ambiente de excessivo controle, como o acima descrito, gera-se tipos de tensão e estresse a partir do ritmo cotidiano. No Ginásio a rotina ocupava diversos *tempos livres*, dormitório, refeitório, aulas, jogos e passeios, controle de tudo. Posições de trabalho assumidas: padre diretor, prefeito dos internos, prefeito dos externos, irmão enfermeiro, irmão cozinheiro (DIÁRIO DO PADRE..., 1906) são extensível a todos. Alguns alunos se tornavam vigias, uma técnica de controle que ampliava o olhar do poder. A construção da tabela (1) se efetua a partir dos relatórios, iniciando o inventário das atividades que envolvem jogo ou mimese, e esporte no Ginásio Santa Catarina entre 1906 a 1918.

---

<sup>48</sup> Trata-se da leitura de Dallabrida (2001) sobre as tecnologias disciplinares no colégio jesuítico, a partir e principalmente da obra de Foucault “Vigiar e Punir”.

Tabela 1- Atividades de jogos e de esporte no Ginásio (1906-1918)

<b>Atividade</b>	<b>Jogos</b>	<b>Esporte</b>	<b>Ano</b>
<i>Foot-ball</i>	X		1906
Musica	X		1906
Piquenique	X		1906
<i>Bat-bet</i>	X		1907
Barra	X		1907
Teatro	X		1907
Ginástica	X		1909
Bandeira	X		1909
Cinema	X		1912
Marcha Militar		X	1909
<i>Foot-ball</i>		X	1910
Ginástica		X	1913

Fonte produção do próprio autor

Esta tabela (1) apresenta atividades pelo *ano* em que iniciam, além de conter as colunas de *jogos (ou miméticas)* e *esporte*. Algumas atividades possuem ambas as marcações como jogos e esporte. A intenção é partir das indicações do problema do lazer, através dos jogos e do esporte em Elias e Dunning, retomando-as nos âmbitos das técnicas do pastorado desenvolvidas no Ginásio Santa Catarina. Um possível desenlaço do nó do jogo, entre busca da excitação e dispositivos de poder, que venho perseguindo. É importante deixar claro, que este inventário não opõe jogos e esporte, mas, se objetiva a tratar da técnica e ética de seu desenvolvimento. Como se percebe, as atividades organizadas como esporte, no curso do tempo iniciam-se depois dos jogos, servindo como anteparo à introdução do processo de esportivização na cidade, tratado na próxima Cena (5).

Conforme se observa neste quadro, nove atividades se enquadram como jogos ou miméticas. O lazer, de modo geral, seria aquela ampla categoria que contempla diversas atividades humanas em sociedade, já apontadas na Cena 1. Elias e Dunning (1992a, p.101-185), entendem que mais atividades de passatempo

serão desenvolvidas numa sociedade, quanto mais forte esta exercer controle sobre sua população. Nesse sentido, as diversas atividades de jogos ou miméticas no Ginásio Santa Catarina, atuariam de variadas formas para alívio do ambiente escolar de alta tensão disciplinar, através do prazer e da excitação criadas. Quanto mais controlado um ambiente, maior a necessidade de excitação emocional como antídoto da própria rotina<sup>49</sup>. E, no entanto, espaços são orientados para passatempo, não são autômatos, por isso se evidenciam processos de normalização sobre controle de si. Norma que adestra, tanto proibindo e permitindo, quanto criando desvios numa curva que estabelece o ideal, logo, refrata sobre sua população, previne e é eficaz.

Talvez, as variadas formas de jogos, que derivam do fenômeno que trata do avanço do biopoder em Florianópolis, possam ser reatualizadas nos dispositivos do pastorado. Quer dizer, a formação de uma população conduzida entre normas do dever ser civilizatórias possam ser tratadas naquele tipo de poder que trata da condução do rebanho. A partir de Elias, no curso civilizatório, vão se apreendendo normas e condutas disciplinares, adestradas, que vão permitir um *descontrole controlado das emoções* em meio ao movimento ampliado da sociedade. Mas não discuto controle das emoções no sentido que tratam Elias e Dunning (1992a, p.103), onde a regulação psíquica, através da excitação, trata de um tipo de controle, que, “em parte”, “já não se encontra sob o seu domínio”, quer dizer, “tornou-se, de certo modo, automático”. Em parte “automático” por que o processo civilizador em Elias é não planejado, o que é certamente útil para superar dicotomias e avançar numa relação de interdependência. Entretanto, há uma outra parte do “automático” que o sociólogo não trata, e, aqui trato com a analítica foucaultiana.

O nível em que o pastor exerce sua ação não pode produzir costumes a partir do controle das paixões? Aquela ausência, nos termos de *ápathos*, trabalho de renúncia a si

---

<sup>49</sup> Para Elias (1992, p.115), “rotina” se refere ao controle social e individual dos sentimentos.

mesmo, fruto da relação de dependência pastor-ovelha-rebanho, conjurada por práticas de obediência pura e total. *Páthos*, como ausência de paixão, obtida pelas práticas de obediência, uma vontade “de conduta unitária, conduta altamente valorizada e que tem o essencial da sua razão de ser nela mesma”, logo, uma obediência que produz vontade nela mesma, e por isso, obedecer se torna virtuosidade (FOUCAULT, 2008, p.230-233). Penso que, assim se recoloca, o agradável descontrolo das emoções sob controlo, ao menos, como analítica de poder.

Como se elabora na Cena 2, o que desejavam soberanos, príncipes e políticos (hodiernos) não foi sempre estabelecer homens não preguiçosos, que tornariam possível a permanência no local de poder, através das demandas da sua produção enquanto território? Homens, sujeitos de toda espécie, cujo tipo de trabalho asseguraria a conservação de uma razão de estado. Há, portanto, no jogo dos dispositivos que avançam o biopoder na cidade de Florianópolis, a necessidade de produção de divertimento, busca da excitação, através de técnicas específicas de grupos colonizadores, que se utilizam da vontade, que renuncia a si mesmo, fruto da relação de dependência, e a recoloca sob o agradável da busca da excitação nos jogos de passatempo. Uma possível atuação, no nível do pastorado, do axioma *mens sana in corpore sano*. Domino meu corpo, porque antes, práticas de obediência fizeram de mim vontade de ser conduzido. Portanto, o que de novo se tem que seja distinto daquilo que La Boétie (2006, p.35) vai apontar como o surgimento dos passatempos, “estratagemas” de regulação da população, que não se deseja “levantar a espada”, que se funda “bordéis, tabernas e jogos públicos” e se publica “decreto que os obriga a frequentá-los”? Decreto este que acalmou aquele povo.

E aqui, no Ginásio Santa Catarina, não causa estranhamento que tantas linhas fossem preenchidas nos Diários dos Padres Prefeitos com relatos de uma atividade de jogo como os piqueniques? Tal atividade contempla saídas do colégio geralmente entreterendo os alunos com banhos de mar, rio ou lagoa, com alimentação, realizados como grandes passeios junto à natureza da Ilha de Santa Catarina. Tipo de liberdade regulada,

vigiada, incitada através das tecnologias do poder pastoral, que disciplina indivíduo e regula população. No Diário do Padre Prefeito (1906) a 17 de março, sábado, destaca-se que alguns dos alunos não obedeceram para sair da água, e como castigo não puderam participar do próximo banho de mar. Lazer como livre fruir é quimera do sujeito moderno emancipado. No jogo entre disciplina e regulação das condutas, nascia em Florianópolis, o ser civilizado que vai aprendendo a conter seus impulsos, seja nas rotinas ou nas pausas oferecidas. Eis que surge a figura 5:

Figura 5 – *Pic-nic* no mar Grosso da Lagoa (27.09.1920)



Fonte: Acervo Fotográfico do Colégio Catarinense

Figura que dentre outros olhares, permite focar, aproximar, como um diretor de consciência ao fundo, entre arrebentação, crianças sem camiseta, que, certamente, fizeram algum uso do

corpo no sentido de “técnica corporal” para chegar, junto ao pastor, ao “*pic-nic* no mar grosso da lagoa”,<sup>50</sup>.

Nestas atividades de divertimento, não há *excessivo* controle das emoções, mas, um *descontrole controlado* das emoções. Como? Tratam-se de usos do tempo e do espaço distintos daquelas do uso cotidiano das rotinas do trabalho escolar. Como bem apresentam Elias e Dunning, no lazer há certo afrouxamento do rígido controle da vida, e, logo, sobre a excitação. Algo que Elias (1992b, p.96-97) entende ser uma necessidade humana ao passo que se torna alívio do estresse provocado pelas tensões que podem surgir se as operações de controle lutarem, temporária ou permanentemente, contra os impulsos, e os impulsos contra os controles. Os padres jesuítas já entendiam desse mecanismo psíquico, esse efeito de alívio do estresse da civilização, visto que “um dia por semana, pelo menos, será destinado ao descanso” (RATIO...2009, p.78). Afinal de contas, desde o século XVI os jesuítas são formados nos “colégios e universidades – pra que os **nossos se possam aí formar convenientemente, tanto na doutrina como nos restantes saberes que concorrem para o auxílio das almas**” (RATIO..., 2009, p.80, grifos meus).

Na condução do rebanho, os pastores incorporam características da disciplina, como o olhar de vigia dos padres, que acompanhava seu rebanho nestas práticas de passatempo. Consta no Diário do Padre de 1907 que, a 7 de março, “antes do passeio, a fileira se compôs de forma miserável. Por isso, após o passeio: direto para o estudo. Deixei os malandros somente ir à latrina” (DIÁRIO DO PADRE..., 1907). Práticas pastorais que se utilizam das normas do dever ser civilizatórias nas técnicas de formação da consciência.

O que interessa é destacar que, atividades como piquenique podem ser consideradas como de jogo ou mimética, tipo de lazer, pela oportunidade de gerar outras tensões, cujo efeito de alívio da atividade é devido à necessidade de busca do

---

<sup>50</sup> Não há certeza, mas o termo “lagoa”, provavelmente se refere à atual praia da Barra da Lagoa, localizada no leste da Ilha de Santa Catarina.

prazer, uma necessidade humana para Elias. Mas, são oportunizadas no ambiente que as ativa, não ocorrem naturalmente, e sim, como artifício daqueles que se utilizam da produção da emoção nos passatempos de modo que, através do permanente controle do corpo e da alma, aprofunda processo de obediência. Dispositivo de poder que dirige condutas através de grandes passeios, quase sempre com banhos de mar e alimentação, com intenso contato à natureza, tipo de atividade mimética e de força que irá, no desenvolvimento de sua regularidade, apresentar mudança de estética corporal no centro burguês da Ilha de Santa Catarina.

Conforme publicizava o relatório de 1914, marchas do piquenique são higiênicas pelo **corpo forte** que desenvolvem e afastam toda forma de preguiça escolar, enquanto os banhos de mar são “salubérrimos e deliciosos” (GINÁSIO..., 1914, p.18, grifo meu). Nesse sentido, a figura 5 apresenta tipo de higiene que contemplada este passatempo, envolve mar e corpo e corresponde a práticas pastorais cuja atuação corresponde a um ideal, curva normalizadora que incidirá no tipo de *ethos* daquela população.

Higiene do corpo que é pedagogicamente conduzido, pelos pastores, através das práticas virtuosas da salubridade dos banhos de mar da traquinagem mimética; e pelos trabalhos corporais, através do nado e das longas e cansáveis caminhadas pela cidade, seus morros, lagoas, mares, vão tornando práticas que regulam estética distinta daquela mocidade fina de Desterro apontada por Cabral (1972, p.215), que “não expunha músculos que não tinha, nem fôlego capaz que se levantava às 10 horas do dia, que preferia as práticas do soneto, do namoro [...] temendo apanhar vento e expor-se ao sol”. Se “quem remava era o pessoal de pegar duro” na Desterro de Cabral, agora, na parte burguesa da Ilha de Santa Catarina, há uma nova prática em visibilidade. Algo que fará o corpo ser corrigido, trabalhado, exercitado, onde a natação vai prolongar teses higienistas do final do século XVIII, que levam a práticas como a natação. Nos termos de Vigarello e Holt (2008, p.403-404), “nadar é ir de encontro a um meio, lutar contra um elemento, enfrentar uma hostilidade”, mas o banho, é

mais “uma luta contra uma temperatura e um ambiente, [e] menos um exercício para o vigor dos músculos”. Não foram encontrados nos Relatórios, e nos Diários dos Padres, algo como um mar calmo, tipo de piscina, ao menos quando tais narrativas (Relatórios e Diário) apresentavam maiores detalhes das atividades. Ao contrário, o encontro destes corpos se dava no *picnic* no mar grosso, o que é endossado por Vigarello e Holt; mas, sobre a natação, através da prática do piquenique, não ser lida como tipo de exercício para os músculos, é uma questão que não resolvo aqui. Apenas aponto que, se a atividade do nado não o fosse desde o início da instalação do Ginásio na cidade, 1906, uma atividade de exercício físico, certamente, como se verá, logo seria, principalmente quando se constata uma atividade como a ginástica se desenvolvendo além dos muros do colégio. De volta ao pastorado.

Na condução das consciências, os padres-pastores cuja atuação não se distância dos acordos da “reuropeização católica”, pelos entrecruzamentos da cidade, conduzem seu rebanho entre “costumes próprios do bom cristão” (RATIO...,2009, 171). Costumes cuja técnica da direção de consciência exerce tanto na “ordem no recreio” no qual os padres teriam que atuar de modo a “não consentir” armas, “gente ociosa, nem correrias nem gritos”, nada que possa “perturbar a ordem do recreio” (RATIO...2009, p.166). Quanto “fora delas”, no sentido de “dispor dos ânimos juvenis” (RATIO..., 2009, p.171). E assim, no primeiro piquenique que se tem notícia, “não se pôde exercer controle, devido ao mato existente” (DIÁRIO DO PADRE..., 1906). Ainda sobre este primeiro piquenique, relata o jornal “O Dia” (JORNAL O DIA, 1906c), que em seu cavalo “tomou a direção da excursão o padre Schuller”. Portanto, ânimos, cuidadosamente criados na relação de obediência entre seu povo e o pastorado.

Afinal, na recém-criada e pactuada república florianopolitana, haveria ainda necessidade de fomentar seus cidadãos não preguiçosos, verdadeiros homens. Qual melhor dispositivo de poder do que aquele que age tanto no corpo-máquina, quanto na espécie da população? Para melhor explicitar o jogo entre excitação e dispositivos de poder, trata-se das

características comuns dos jogos ou mimese: sociabilidade, mobilidade e imaginação. Talvez contribua articular elementos civilizatórios do aporte eliasiano, e analítica de poder foucaultiano, aos propósitos de evidenciar ética e técnica pastoral.

Sociabilidade para Elias e Dunning (1992b, p.178-185), trata-se de um elemento de prazer que se refere ao sentimento agradável de estar em companhia dos outros sem o peso da obrigação ou do dever desta companhia. A possibilidade de contato entre pessoas e o próprio movimento corporal, evidenciam questões civilizatórias, como a não violência do cavalheirismo entre as partes que participam das atividades de passatempo, como as de lazer. Mobilidade do corpo, decorrentes de atividades que demandam uso da força muscular, também fazem parte das atividades de jogo ou miméticas, evidenciando mudança de sensibilidade. Ainda sobre as características de jogos, Elias e Dunning apontam que, mimeticamente atividades de lazer tendem a resolver tensões dos ambientes de trabalho por meio do efeito catártico, algo já trabalhado na Cena 1. A questão da imaginação, refere-se à mimese aristotélica, que contempla a ideia de repetição e catarse por meio da simulação (imaginação) de ações, que geram sentimentos diversos que são vivenciados na vida ordinária (amor, ódio), e que ao serem experienciados (imitados) como passatempo, tendem a oferecer prazeres agradáveis.

Sociabilidade, mobilidade e mimese podem compor efeitos das técnicas pastoral? Acredita-se que sim, tomadas no todo daquele conjunto que contempla enunciados, discursos, proposições filosóficas e morais, que se relacionam e estão associados a uma urgência. Havia em curso uma “higiene do corpo” no processo de mundialização, ou de biopoder, iniciado pelos países europeus, e cuja apropriação pelo regime do pastorado do Ginásio serviria aos propósitos do novo cidadão de Florianópolis. Para Soares (2006, p.75-85), a higiene do corpo pode ser traduzida na demonstração das energias físicas que concorrem ao ideal do homem moderno. Higiene do corpo, que se torna tipo de norma civilizatória quando enunciados e rede de saber-poder ligam-se a toda uma produção das atividades que as

inscrevem. O prazer de apenas ver, o qual relatava Cabral na cena 1, desloca-se gradativamente para o prazer de fazer.

Segundo Dallabrida (2001, p.165-166), a incitação pela emulação era tradicional na cultura escolar jesuítica. Ao final dos relatórios, há a seção “Prêmios no procedimento do ano escolar” que, além de contemplar disciplinas do currículo (matemática, história), também incluíam música, ginástica, barra (envolvendo uso de força muscular), bandeira (tipo de mimese que envolve competição entre grupos), jogos de taco (*bat-bet*) e futebol. Neste sentido, estas atividades que premiavam, contribuíam com o caráter mimético da competição entre os escolares, além de divulgar estes passatempos pelos cantos da cidade. O que importava aos pastores era que seu rebanho não se perdesse. Os padres professores sabiam da importância dessas bem compassadas pausas nos recreios. Há um desvio momentâneo pela tensão da recreação para posterior continuidade à condição de trabalho escolar. Mas, não deveria ser lida como pausa produtiva. Como elabora Elias e Dunning (1992a, p.130, grifos dos autores), não é suficiente “confiar nas hipóteses em termos de **libertação das tensões** ou **recuperação do trabalho**”. O que já havia destacado na Introdução e Cena 1. As atividades de passatempo em si, produzem elementos de tensão, mesmo que em repetição, imaginariamente, a uma atividade que se exerce no ritmo da vida, em trabalho administrado. Assim, não se liberta tensões, e logo, o efeito de alívio ocorre pela produção da tensão da atividade em si, tensão “desenvolvida pelo próprio fato de lazer” (ELIAS; DUNNING, 1992a, p.130). Ninguém sabe o tipo de “fadiga” ou de “tensão” que o trabalho produz, nem como atividades de lazer fornecem relaxamento, trata-se, enfim, de “hipótese cega” (ELIAS; DUNNING, 1992b, p.141). Como não se recupera trabalho algum na busca da excitação nas atividades de passatempo, seria mais efetivo nas atividades de uso do tempo livre (no repouso), dar uma volta, descontrair com uma conversa qualquer, ou mesmo assistir sem participar nem produzir excitação mimética, de alguma peça de teatro ou esporte (ELIAS; DUNNING, 1992a, p.108; 130). A noção mimética, a partir de Aristóteles, na leitura de Elias e Dunning (1992a, p.123-126), é

uma experiência humana que traz em si “efeito catártico das fortes paixões despertadas pela representação e como tal difundido com prazer”, o que leva à perda do “ferrão”, estas atividades representadas, por confundirem-se como “espécie de prazer”.

Relaciona-se e aproxima-se com dispositivos de poder, tal interpretação elisiana, contribui na formação do território e de uma população. Assim, compreende-se o que significa passatempo “como fenômeno social por direito próprio” (ELIAS; DUNNING, 1992b, p.141). O poder pastoral que zela pelo seu rebanho e por cada ovelha, não precisaria de qualquer uso de “ferrão”, visto que, com paciência saberia fazer uso dos corpos nas atividades de jogos ou miméticas, a fim de conduzi-los pela cidade. Interessante notar que, Elias e Dunning (1992a, p.122) entendem que a Igreja cristã absorveu a noção Aristotélica de que o prazer sob uma forma comparativamente moderada, proporcionada pelos fatos miméticos, pode ter um efeito curativo, mas, sem o elemento do entusiasmo, da excitação produzida pela música e pelo drama, nenhuma catarse é possível. Porém, esta ideia se distancia dos elementos encontrados nesta investigação, ao menos no início do século XX no Ginásio Santa Catarina. Então, como retomar em forma de analítica, esta economia específica voltada para a obediência, no âmbito das atividades de passatempo como jogos (miméticos) e esporte? Eis que os pastores do distinto colégio masculino e burguês ajudam a desatar este nó. Trata-se da ética do pastorado no Ginásio Santa Catarina, cuja intenção se revela na sua “pedagogia da vontade”.

A **pedagogia da vontade**, honra o ginásio, pois o coloca em **alto relevo o valor real** do método educativo da instituição: **atender também à formação das forças volitivas**. Aí fica também, por prova cabal da superioridade da educação dada segundo as normas do cristianismo, todo o magistral discurso do esclarecido, animar a mocidade à subjugação da **lei do menor**

**esforço no mundo moral**  
(GINÁSIO...1912, p.8, grifos do autor).

Uma ética do pastor exercida pela pedagogia da vontade, que através da formação das forças volitivas, pode ajudar no entrave entre, controle de si das emoções do jogo e a virtude da obediência. Trechos encontrados nas páginas do policial “O Dia”, no ano anterior, na ocasião da colação de grau da turma de formandos do Ginásio, no discurso apresentado por Dom João Becker:

A educação deve aperfeiçoar o homem, mas o homem não é só entendimento. **Dois são suas faculdades principais: o entendimento e a vontade.** A educação deve ilustrar o entendimento, formar o caráter e cultivar as faculdades afetivas. [...] **Superioridade relativa da vontade.** Mas, srs. quando simultaneamente, a vontade não for fortalecida com a saudável disciplina, que forma o caráter forte e intransigente na observância do dever, e o coração não for adestrado para amar a virtude e repelir o erro e o vício, teremos então a paródia da brilhante antítese de um célebre poeta francês ‘abrir escolas’ é ‘abrir cadeias’ [...] Admirável é a ciência; superior, porém, é a nobreza, é a elevação da virtude, por ser mais sutil e necessária à coletividade. [...] **Lei do menor esforço** [...] **todas as flutuações da saúde física, é o instrumento das nossas volições** [...] **é natural que a vontade se sinta oprimida pelo peso da matéria, e pela fadiga resultante do trabalho nervoso. Além disso, às vezes amontinham-se no coração as paixões e estabelece-se uma luta como entre dois homens.** [...] Eis a causa próxima da lei do menor esforço. **Só**

**aquele que lutar contra essa tendência e sobre ela triunfar, será um homem útil a si e à sociedade a que pertence.** Mas, para ser vitorioso nessa luta, é preciso que a educação dirija à vontade, a regule e fortifique, formando o caráter por meio da disciplina (BECKER, 1911a, grifos meus).

Momento de festa, o que para Serpa (1997, p.32), não deixa de ser atuação da política devocional da Igreja romanizada. Momento este, que aprofundava o espetáculo cujo centro era mesmo o clero eclesiástico, afinal, há um discurso para aproximar sujeitos a enunciados. Becker, que tomou posse em 12 de outubro, como bispo da diocese de Florianópolis, recém criada neste ano, pronunciava palavras, apresentadas na autoridade pública do PRC, “O Dia”, e talvez, apenas resumidas, no que têm de seu essencial, no relatório do Ginásio, no ano seguinte. Em 15 de dezembro de 1911, prossegue discurso de Dom João Becker:

Disposições habituais. Na ordem moral, o aperfeiçoamento da vontade [...] produz gradualmente na vontade, disposições habituais que se **chamam virtudes; alentam a energia da vontade e facilitam a expansão de sua atividade.** [...] As virtudes morais são principalmente em número de quatro: a **temperança que modera as paixões, os sentidos e a imaginação;** a fortaleza que estimula a debilidade [...] em presença de obstáculos; a justiça, que normaliza as relações entre os homens; a prudência, que nos ensina a empregar [...] os meios que pomos em obras para realizar o fim de cuja realizações somos incumbidos. Auxiliada por estas virtudes, a vontade está na melhor situação possível para querer, por um modo soberano e constante o verdadeiro fim da natureza humana e os

meios conducentes a ele. Meios para alcançar essas disposições. **Como a vontade pode obter essas disposições? Pela educação moral!** [...] Apraz-me, por isso, apresentar-vos, jovens amigos, o meu sincero parabéns, porque a educação que aqui recebestes, é um penhor da vossa felicidade (BECKER, 1911b, grifos meus).

E, de volta aos ditos do Relatório, do ano posterior, dissipam-se as dúvidas, de que qualquer excitação, (daquelas produzidas pelas atividades de passatempo no âmbito dos jogos (miméticos e do esporte), não são mais, passíveis de serem ignoradas. Agora incluídas no regime do pastorado, orientadas nessa ética da pedagogia da vontade.

**Côncios também da grande influencia que sobre a educação física e moral da juventude exercem os jogos de movimento, deram-lhes os prefeitos a devida importância** proporcionando aos alunos vários jogos como futebol, bat-bet, bandeira, barra, assalto etc **e insistiram sempre, para que todos os alunos neles tomassem par com o devido entusiasmo e empenho** (GINÁSIO...1912, p. 5, grifos meus ).

Sendo assim, as práticas de obediência também se orientam, no pastorado do Ginásio, através da *pedagogia da vontade*, o *páthos*, ou seja, a *ausência das paixões*. Práticas de obediência através do estabelecimento da vontade voltada para si, e, por isso, *apátheia*, renúncia de si. Percebo práticas de educação do corpo, no âmbito das atividades de jogos (miméticos) e esporte, através da direção e exame de consciência. Uma leitura inspirada em Foucault, utilizando-se de suas aulas como ferramentas do pensar (ora torcendo-o, ora fazendo-o ranger), como uma leitura possível, a que se refere ao material que tenho

para analisar. De todo modo, nada nasce livre, há usos intencionais do tempo livre, que atuam pedagogicamente, na conjunção entre busca da excitação e produção da obediência total. Dispositivo de poder, que desenvolve a questão da educação das crianças, faz parte da intervenção do pastorado, que atua no **“problema pedagógico”** de **“como conduzir as crianças, como conduzi-las até o ponto em que sejam úteis à cidade, conduzi-las até o ponto em que poderão construir sua salvação, conduzi-las até o ponto em que saberão se conduzir por conta própria”**, trata-se, sobretudo, da **“instituição das crianças”** (FOUCAULT, 2008, p.308-310, grifos meus).

Além dos jogos citados, as sessões de cinema, de teatro e aulas de música, engendravam atividades de passatempo no Ginásio. Sobre “tragédias e comédias”, indicava o secular manual que seus temas “deverão ser em latim e muito raras – será sacro e piedoso”, também “não haverá vestes nem personagens femininas” (*RATIO STUDIORUM...*2009, p.84). No relatório de 1917, na festa de S. Luiz, padroeiro da juventude cristã, os alunos internos representaram com ótimo êxito a tragédia em 5 atos (GINÁSIO...1917, p.16). Nada diferente das sessões de cinema, “novidade bem aceita dos alunos”, desde 1912 donde suas exibições cinematográficas visavam “toda moralidade, instrução e recreio” (GINÁSIO...1912, p.10). Como exclamava na crônica de 1916, “belíssimas” fitas foram passadas no cinema do Círculo Católico (GINÁSIO...1916, p. 15). Sobre música, diversas eram as opções, constando desde o primeiro ano aulas de canto, piano, violino, pistão e flauta (GINÁSIO...1906, p.28). Através de um corpo ocupado, mente em silêncio, e regime da volição, da obediência integral, ia se desenvolvendo adjunto às outras atividades com características miméticas.

Resta neste inventário, apresentar as atividades de passatempo, que sustento como esporte. A principal função do esporte moderno, a produção da “excitação prazerosa” e “socialmente construtiva”, que cria oportunidades de sociabilidade, auto-controle e identidade (DUNNING, 2008). Mas, enquanto não trato de deslocar tais questões na Cena 5 através do futebol, aqui, contraste com a Cena 1. Na Desterro,

apresentada por Cabral, não havia força suficiente para o esporte como hoje o reconhecemos. Talvez atividades que envolvem jogo ou mimese, o qual apresentavam algumas das características de sociabilidade, imaginação, mas aquela grã fina gente de uma *Belle Époque*, no relato do médico-historiador, não era muito de fazer força. A partir destes fragmentos pode-se pensar em atividades *pré-esportivas*, o que não deixa de ser importante, sendo realizadas pela distinta elite daquela época. Esporte, no sentido das atividades de passatempo, que passaria a ser organizado, regulamentado e com formação de público. Elias e Dunning refletem a ausência destas características do esporte moderno nas sociedades ainda em processo civilizador pré-industriais na perspectiva da teoria do processo civilizador. Aqui, em Florianópolis, fico com a política da vida, que, através do regime da pedagogia da vontade do pastorado do Ginásio, tratou de dar um passo adiante, na ordem do progresso republicano.

Na Desterro de Cabral (1972, p.195-244), o pré-esporte (turfe, remo e tiro-ao-alvo) carecia de momentos de maior visibilidade nos jornais, não denotavam usos do corpo com força muscular, e tampouco, organização de um espaço para poder ver, como público, a formação do espetáculo. No ano de 1910 a 13 de maio, o batalhão do Ginásio percorreu diversas ruas da capital, provocando a admiração e os aplausos de todos por seu “porte garboso e marcha correta e elegante” (GINÁSIO...1910, p.6). Vestidos com seu elogioso fardamento caqui-verde por autoridades e pessoas da cidade (DIÁRIO DO PADRE..., 1918). Na direção de consciência, marchas são alternadas em apresentar os virtuosos alunos, e a volição de competir com adversários, a exemplo da marcha de 7 de setembro de 1910. O Batalhão Ginásial percorre ruas da região da cidade e após a marcha compete com o Tiro Brasileiro de Florianópolis, “em alvo individual com 30 m de distância”, disputa vencida pelo Tiro Brasileiro, diferentemente da competição de marcha, na qual o Batalhão do Ginásio vence após percorrer um trajeto em uma hora e cinquenta e dois minutos (GINÁSIO...,1910, p.10). Portanto, conforme a figura 6 representa, a cidade já respirava aspectos do esporte moderno, na formação do espetáculo

competitivo, nas marchas militares, seja pelo uso do corpo na força física, seja na mimese de atuar entre seus elementos, isto é, os ginásianos que, tomariam “par com o devido entusiasmo e empenho” (GINÁSIO...1912, p.5), na composição da Escola da República. Uma ética que promove através do uso do corpo esta atividade, “a temperança que modera as paixões, os sentidos e a imaginação”, (BECKER, 1911b), estas, virtudes a serem empreitadas na *apátheia* dos corpos.

Figura 6 – Batalhão Ginásial em marcha (01.09.1918)



Fonte: Acervo Fotográfico do Colégio Catarinense

Pastorado que fixa a identidade do homem moderno e ocidental, na medida em que o pastor o sujeita a uma rede de obediências, inculca uma verdade, um dogma no “momento mesmo em que lhe extorque o segredo da sua verdade interior” (FOUCAULT, 2008, p.310). “Quem sou eu?": *Sou do Batalhão*. “Quem sou eu?": *Exercito-me no Batalhão*. Mas, também causa efeitos àqueles que não são salvos pelos pastores do Ginásio, e, no entanto, há um estranho compasso do efeito da condução do

rebanho no próprio processo de formação da cidade, talvez, um tipo de admiração.

Mas não é só nas evoluções que admiramos a ordem e habilidade dos nossos jovens ginásianos! [...] **sustentados nos músculos** dos mais robustos, formavam brilhantíssimas figuras variadas, semelhantes às pirâmides do Egito, mas ondulantes, como se, solapadas por tremores sísmicos, quisessem **imitar os gigantes escarcéus do mar tempestuoso**. Seguiam-se outros **exercícios na barra fixa onde os jovens se distinguem pela sua agilidade artística e desenvolvimento muscular fora do comum** (GINÁSIO...1916, p.22, grifos meus).

Na formação do público que vê e sente, através da oportunidade de sociabilidade, há, como um espelhamento, imagem e semelhança do novo homem, admiração da evolução do desenvolvimento da força muscular. Portanto, se em Desterro eram fracos os dispositivos de poder que atuavam no *ethos* esportivo, agora, com o poder pastoral, tal *ethos* se fortalece. Criam-se oportunidades de identidade, “sujeição, interioridade”, processo de subjetivação no qual “é preciso tornar-se sujeito para se tornar indivíduo” (FOUCAULT, 2008, p.310). Sujeito não preguiçoso, adestrado, numa sociedade de indivíduos. Afinal de contas, o que é a técnica do exame de consciência senão a marcação do que você se tornou? Contemplar jovens habilidosos, no ritual de uma festa, numa demonstração de ginástica, não é tipo de apreciação do exame de consciência daqueles que formam o rebanho? Tipo de técnica que extrai uma verdade, que liga o sujeito na dependência da relação daquele que o dirige, por isso, sujeição. Mas, quem dirige quem neste momento da cidade? Se fez sentido apontamentos sobre o processo de institucionalização

desta Escola da República (CENA 3), então, talvez haja ecos pela cidade das ações dos pastores sobre os corpos de seu rebanho. Mas, não passa de conjectura, alguma digressão. O que cabe neste momento, é alargar a noção de que técnicas corporais não tem um fim em si mesmas a partir do sujeito liberto, são antes, desenvolvidas para melhor ancorar a relação de dependência entre o pastor que dirige, observa, a cada instante, a conduta integral de cada ovelha, de todo o rebanho, “*omnes et singulatim*”, uma arte de governar todos e um.

As marchas militares que compõem o quadro das atividades de esporte com características de passatempo, a ginástica e *foot-ball* são atividades que oscilam entre jogo e esporte. Com isso deixo claro que nem a ginástica, que a partir de 1913, quando se torna obrigatória, contrata-se “professor idôneo” e se adquire amplo material para sua prática<sup>51</sup>, e nem os jogos de *foot-ball*, que a partir de 1910 após incorporação das regras do jogo<sup>52</sup> se realiza “a primeira partida desse jogo esportivo” na capital de Santa Catarina, deixam também de se situar como atividades meramente recreativas. Importa é perceber, seu desenvolvimento no uso do corpo físico e da formação de público e repercussão na imprensa. Este espetáculo, esse ritual marcadamente pastoral, desenvolvido também através das festas da ginástica e do *foot-ball*.

Em 1914, no pavilhão central do colégio, demonstração de aparelhos e exercícios ginásticos. Práticas cuja regularidade, participaria da formação da experiência e pensamento e uma parte da população, poder de fazer ver e sentir, entre famílias e autoridades eclesiásticas e civis. Forma-se uma “ilustre reunião

---

<sup>51</sup> Alguns aparelhos foram comprados da fábrica alemã, conforme consta no relatório de 1913, pela “conceituada casa Osvaldo Faber, de Leipzig” e outras “peças foram fabricadas aqui mesmo por hábeis artífices” (GINÁSIO...1913, p.17).

<sup>52</sup> Para a realização da primeira partida precisou que um moço do Rio de Janeiro tivesse “a gentileza de ensaia-los diferentes vezes”, visto que os ginasianos não estavam “bem familiarizados com todas as regras desse belo jogo” (GINÁSIO...1910, p.7).

de espectadores” que aplaudem os ginastas com suas “evoluções e difíceis trabalhos acrobáticos” (GINÁSIO...1914, p.19). Segundo Pereira (2000, p.44) o axioma de *mens sana in corpore sano* atua na “tarefa nobre de formar uma nação sadia e forte”. Concorre à perspectiva higienista que, incide reformar a população física e moralmente através do “espírito de disciplina, decisão, iniciativa, solidariedade e abnegação” (PEREIRA, 2000, p.52). Conforme reflete Sevckenko (2001, p.106-7), nossa condição de desenvolvimento de esporte não é daquela no qual os gregos antigos tratavam de envolver, força e habilidade física, celebrada na *Panathenaia* em Atenas, uma virtuosidade espiritual, tipo de comunhão ritualística com a energia sagrada. O axioma da mente sadia num corpo sadio, precisa ser interpretado nas práticas de uma sociedade. Composição entre traços neoclássicos de um corpo, que se *musculariza* e ganha destreza de movimentos, e que através da repercussão do “triumfo da ética do trabalho protestante” e da “aproximação entre a cultura da aristocracia e a da classe média”, na Grã-Bretanha vitoriana culminou na produção de uma estética do corpo, cujos membros da elite, encontravam-se no esporte amador como “gentlemen-amateurs-amadores” (VIGARELLO; HOLT, 2008, p.420). Então, a ética jesuítica, fruto das técnicas do pastorado, é traçada a partir dos aspectos de uma aristocracia no esporte? Mas o público do Ginásio, conforme demonstra Dallabrida (2001), não era formado por uma burguesia em consolidação? Estas questões serão recolocadas nas últimas Cenas (5 e 6). Aqui, apenas reflito o quanto nada nasce pronto, leva-se tempo para produção de práticas que se estabelecem como sociais, sejam as de jogo (miméticas) ou de esportes. No início, tudo difícil, em 24 de maio de 1906 o padre prefeito desabafa no Diário sobre a falta de um “real recreio”, o que seria “grande sacrifício para nós, mas nós o fizemos de bom grado”, como reza o lema da ordem jesuítica, *ad maiorem Dei gloriam* – para a maior honra de Deus (DIÁRIO DO PADRE..., 1906).

## CENA 5: ESPORTIVIZAÇÃO DO FUTEBOL NA CIDADE

O jogo de futebol teve este ano **animação extraordinária** (GINÁSIO..., 1910, grifos meus).

No jogo de *foot-ball*, este ano, parece que **prevaleceu a prática do esporte fácil ao emprenho de adestrar** as turmas para provas de sua força (GINÁSIO..., 1915, grifos meus).

Dentre as práticas que envolvem tipo de educação do corpo no educandário jesuíta, o *foot-ball* é objeto privilegiado para compreender a formação de um *ethos* do corpo na cidade. Este jogo era praticado no colégio desde sua abertura, como mostra o Diário do Padre Prefeito. Tintas escritas em alemão no Diário do Padre Prefeito (1906) versam sobre a primeira bola recebida por aluno interno a 28 de março. A prática já era referida a partir do segundo relatório, na seção “Prêmios no procedimento do ano escolar”, que além de contemplar disciplinas do currículo (matemática, história), também incluía música, ginástica, barra, e jogos de taco, bandeira e futebol (GINÁSIO...1907, p.36-38). E na Cena anterior (4), assinaiei o *foot-ball* tanto na coluna de jogo, quanto de esporte, um certo anacronismo, que aqui será mais bem elaborado, afinal, as atividades de esporte e de jogo possuem similaridades.

Para Santos Neto (2002 , p.15-19), o colégio jesuíta fundado em 1861, o São Luís da cidade de Itu, foi um dos introdutores do futebol no Brasil, sendo que desde 1880 já apresentava no rol das atividades recreativas o jogo. Entretanto, tal atividade de passatempo até 1887, quando padres e alunos jogavam juntos, era praticada como uma espécie de “bate bolão”, e só em 1894, quando assume um reitor conhecedor da história e regras do futebol, é que “o futebol deixou de ser uma brincadeira de chutes na parede e se aproximou do jogo que conhecemos” (SANTOS NETO, 2002, p.19-22). Santos Neto (2002, p.23-30)

continua sua leitura histórica sobre a introdução do jogo no referido colégio jesuítico, entende que, não era objetivo dos educadores promover o esporte competitivo, o que muda quando o futebol sai dos colégios, tornando-se mais difundido o conhecimento e a observância das regras do jogo. O que Santos-Neto (2002, p.29-35) intenta, é derrubar um mito fundador, como o de Charles Miller, aquele que participa ativamente do primeiro jogo que se tinha notícia em “14 de abril de 1894”. Ora, o que este autor intenta não seria trocar um mito? Sai Charles Miller e entra os jesuítas do colégio São Luís?

Entendo que algo parecido, mas nunca igual, também ocorria no Ginásio Santa Catarina, trata-se do tal “bate bolão”. Até 1910, o jogo era “restrito aos muros do Ginásio, sem, no entanto seguir as regras oficiais”, quer dizer, “os alunos se divertiam chutando a bola a esmo e correndo atrás dela no pátio do colégio” (DIÁRIO CATARINENSE, 1998).

Assim surge o jogo monumento de 1910, não sendo necessário reapresentar as tintas do jogo, daquela primeira partida oficial na cidade de Florianópolis, jogo ocorrido seis anos depois daqueles relatos esparsos, sobre a fundação de algum time em jornais da cidade. A partir deste jogo, que certamente contém elementos do acaso, visto que a composição do time que enfrentaria os ginásianos era formado por grupo de advogados paulistas e cariocas, que na ocasião estavam pela cidade para prestar um concurso, e, aproveitando-se deste, convidaram o Ginásio para um jogo que, segundo consta, não era familiar aos alunos.

Algumas questões que surgem, apontam saídas. Por que o Ginásio foi o local escolhido?<sup>53</sup> Na visibilidade de um momento inaugural da republicana Florianópolis, haveria outro local melhor para tal promoção do que a Escola Secundária Masculina da República? Jogo das configurações, que certamente, prossegue, e assim se dá a realização da “primeira partida desse jogo esportivo” na cidade (GINÁSIO...1910, p.8). Um jogo

---

<sup>53</sup> Local não no sentido físico, visto que esta primeira partida realizou-se no Campo do Manejo; local na perspectiva de lócus de saber-poder.

efetuado num *território* “repleto de espectadores”, que, “depois de renhido combate, coube a vitória aos alunos do Ginásio, que venceram com 2 *goals* contra 1” (GINÁSIO...1910, p.8).

E há um espaço, entre 1910 e 1915, no qual o jogo não ocorria (partida de futebol, paixão nacional, apresentada na introdução deste enredo de cultura). Na pesquisa junto às fontes, entre leituras e negativas de acesso, não posso apresentar este espaço a partir de fatos históricos. Busco então, a construção do corpo civilizado numa cidade em progressiva reforma, avanço do biopoder, através de uma *arte de governar*. A “pedagogia da vontade” será aqui fundamental, para tomar em forma de analítica, a leitura de Elias (1992a, p.187-221) sobre o a “gênese do esporte”, e o que ele denomina de “esportivização”.

Para Elias (1992a, p.189), a formação do esporte moderno, tal qual o entendemos, com nível de regulamentação e uniformidade, surge, na Grã-Bretanha, a partir dos “polimorfos jogos populares”, transformados em “futebol” ou “*soccer*”, a partir de meados de 1863. Esporte que contém aquelas características do passatempo mimético, tratadas nas Cenas 1 e 4. O próprio sociólogo alemão entende uma forte associação entre, a transformação dos jogos populares para o futebol ou “*association football*”, abreviatura do termo “*soccer*”, na estrutura da sociedade inglesa do século XIX. Um autor que buscou uma teoria sintetizadora, como o processo civilizador, logicamente, esforçou-se para fundamentá-la também na leitura das atividades esportivas. Elias (1994a, 1994b), que trabalha na perspectiva do desenvolvimento das sensibilidades, observa que, padrões de maior controle se estabelecem no longo decurso do tempo. Portanto, intenta relacionar a regulação pulsional do esporte e desenvolvimento do que denomina “Sociedades-Estado”, no sentido de que há vínculo nas características do esporte moderno. Quer dizer, como “Sociedades-Estado” que se preparam para competição com outras “Sociedades-Estado”, o esporte passa a ser altamente regulamentado, possuir uniformidade das regras. Este deslocamento permite, que o jogo como esporte, seja praticado em lugares distintos, rompendo, de certo modo, o caráter restrito dos jogos populares, isto é, de suas tradições

locais. Assim, o que Elias (1992a, p.192) denomina de “esportivização”, trata-se do desenvolvimento mais ampliado, no curso do processo civilizador, onde há interdependência entre a transformação de uma ocupação específica do lazer como o esporte moderno, e a transformação global das “Sociedades-Estado”, por isso, formação de uma “autoconsciência” mais controlada, cujo nível de violência física socialmente permitida também se torna mais controlada. Ou seja, há uma espécie de pacificação da sociedade em processo de mundialização no qual os esportes seriam um exemplo.

Ao retomar o processo de “esportivização”, trabalharei com a tecnologia da pedagogia da vontade, para poder fazer usos de Elias através da analítica do poder. Uma técnica que busca “atender também à formação das forças volitivas” (GINÁSIO...1912, p.8), precisa aprender, antes, os usos do corpo no jogo de futebol. Quer dizer, como trabalhar a renúncia a si, sob forma de *ápathos*, sem o devido saber do que uma atividade como o futebol pode ocasionar ao corpo? E, no entanto, o jogo já era praticado desde a abertura do educandário jesuítico em Florianópolis. Quem é o pastor? Não se trata daquele que conduz e examina consciência, numa relação que, progressivamente se torna aprofundada de obediência? Ora, aqui há uma explicação, talvez, para incluir o acaso daqueles moços que vieram prestar concurso na cidade de Florianópolis.

O futebol, antes de ter uma “animação extraordinária”, deveria ser conduzido, de tal forma sob a vigilância e direção do pastorado, que suas regras haviam de ser cotidianamente alimentadas, aprender entre tantas práticas de direção de consciência, de um modo a assegurar a salvação do rebanho no pasto de um jogo de *foot-ball* (GINÁSIO...1910, p.8). *Omnis et singulatim*, na arte de governar do Ginásio Santa Catarina, trata-se de aprender as regras do jogo de tal forma, que a utilização destas no palco montado do espetáculo, sejam apenas uma espécie de exame de direção de consciência. O virtuoso, neste caso, é caracterizado pela demonstração da obediência no jogo público, com formação de espectadores. Não se trata da vitória de 2 x 1 frente ao selecionado paulista e carioca de advogados.

Trata-se de, no exame do jogo, apresentar as condutas, os modos de ser ao diretor de consciência.

Regime do pastorado, que agora, salva os indivíduos neste mundo, participando permanentemente da vida ampliada da sociedade. Apresentado com clareza, que a curva no tempo do *não futebol*, trata de articular, organizar, talvez atrapalhar, sob a forma do jogo das configurações, relações entre os pastores do Ginásio e PRC. Há certamente momentos na cidade, importantes a estes que velam seu rebanho. Uma cidade, que em avanço de biopoder, necessitaria formar os meios para que as virtudes de obediência, no caso do jogo, se deslocasse para forma do esporte. Meios que “**normaliza** as relações entre os homens” (BECKER, 1911b, grifos meus). Meios, artifícios para produzir um dado natural como uma população. Eis que surge a figura 8 para ser (des)monumentalizada.

Figura 7 – Construção do Campo de foot-ball do Ginásio Santa Catarina (1913-1915)



Fonte: Acervo Fotográfico do Colégio Catarinense

O jogo de “*foot-ball*” ficou um tanto parado, nas palavras de Machado (2000, p.25), a evolução do futebol “chegou a ser um pouco mais lenta que a esperada”. Não creio que seja esta uma leitura digna do pastorado. Afinal, se havia a necessidade de um jogo ser apropriado nas tecnologias deste poder, após sua primeira realização, e, antes da finalização do tal “território” para formar uma “população”, o rebanho foi sendo conduzido pelos entrecruzamentos da cidade de Florianópolis. Apresento uma tabela (2), sobre o desenvolvimento das crônicas deste jogo nos relatórios do Colégio, que já classifico como esporte, quer dizer, tratam-se daquelas partidas realizadas perante uma assistência, seja entre os times Internos Vs. Externos, seja com outros times da cidade, e que evidencia competição, utilizando as regras do jogo.

Tabela 2: Jogos de foot-ball nos Relatórios do Ginásio  
(1906 a 1918)

<b>Ano</b>	<b>Jogos</b>	<b>Ocasião/ Local</b>	<b>Placar</b>
1910	Ginásio Vs. Moços RJ/SP	Concurso/ Campo do Manejo	2X1
1911	-	-	-
1912	-	-	-
1913	Internos Vs. Externos	Campo do S.C. Garibaldi	-
1914	Ginásio Vs. C.S. Florianópolis	Campo do C.S. Florianópolis	-
1915	Internos Vs. Externos	Inauguração Campo Ginásio	Não ocorreu
1916	Internos Vs. Externos	Campo Ginásio	Vitória Internos
1916	Internos Vs. Club Palmeiras	Campo Ginásio	Vitória Internos
1916	Internos Vs. C.S. Florianópolis	Campo Ginásio	Vitória Internos
1916	Internos Vs. C.S. Florianópolis	Campo Ginásio	Vitória Internos
1917	Ginásio Vs. Team navio-escola	Chegada do navio/ Campo Ginásio	1x1
1917	Ginásio Vs. Club Palmeiras	-	-
1917	Ginásio Vs. Tiro 40	-	-
1918	Internos Vs. Externos	Campo do Ginásio	1x2
1918	Internos Vs. Externos	Campo do Ginásio	5x1
1918	Internos Vs. Externos	Campo do Ginásio	7x1
1918	Internos Vs. Externos	Campo do Ginásio	2x2

Fonte: produção do próprio autor

Diferentemente do que aponta Santos-Neto (2002, p.23), de que não era objetivo dos educadores jesuíticos do colégio de Itú promover o jogo competitivo, aqui, o regime do pastorado do Ginásio Santa Catarina fazia uso dos corpos no esporte “côncios também da grande influência que sobre a educação física e moral da juventude exercem os jogos de movimento” (GINÁSIO...1912, p.5). Se, no estado de São Paulo, o jogo para se tornar esporte precisou sair dos colégios e ser difundido à sociedade (SANTO-NETO, 2002, p.30), aqui, na dinâmica da configuração em andamento, pastores-PRC, a visibilidade e desenvolvimento da tal diversão certamente passaria pelo território do Ginásio.

E, entre 1911 e 1912, ausência de informações. Porém, lacunas não preenchidas pelos monumentos não impede que meu pensamento aconteça. Quer dizer, enquanto o campo do Ginásio (FIGURA 7), que inicia sua construção em 1913 e a termina em 1915 (GINÁSIO...1913, p.20; GINÁSIO...1915, p.14), não ficava pronto, qual motivo haveria para preencher “memórias enquadradas”, aquelas que se tornam oficiais pelos usos intencionais dos suportes tecnológicos da palavra e imagem? Então, seria este o tempo do *não futebol do Ginásio*, nos termos do esporte. Esta ausência não poderia ser, enquanto prática para o esporte, aspectos das técnicas de obediência no suporte pastoral de vigilância, esquadramento do tempo e aprendizado do tempo do jogo? Atividade marcada, como técnica de direção de consciência, nos corpos daquele rebanho, ainda sem pasto, mas, ainda assim, orientados dentro de seus muros nas técnicas de obediência. Então, o *não tempo*, sempre pode significar um *tempo* do que vai acontecer em termos de visibilidade.

Em 1913, “tomou-se a peito regrar de novo o jogo de *foot-ball*, e por meio de amudados ensaios, trouxeram-se os partidos de prontidão para **provas eventuais de sua força** (GINÁSIO..., 1913, p.18, grifos meus). Iniciada uma leitura anacrônica desta dissertação, este Relatório parece sugerir em suas tintas que o jogo não estivesse sendo praticado no colégio. Mas, está lá, o futebol como item avaliado no pastorado, nas seções “Prêmios no procedimento do ano escolar”, tanto em

1911 (GINÁSIO...1911, p.46-7), quanto em 1912 (GINÁSIO..., 1912, p.41-42). Mesmos anos em que há ausência, *o não do futebol* no Ginásio. Talvez encarado como uma prática do passatempo no âmbito do jogo mimético, afinal de contas não se exclui que ambas, futebol como “bate bolão”, futebol como esporte, integravam atividades de passatempo no regime do pastorado, cujas ações se voltam sempre, à salvação do seu rebanho<sup>54</sup>.

Eis que um grito, a mim, do documento aparece. No Relatório de 1913, consta nas linhas sobre “ginástica e jogos atléticos”, que “tem merecido sempre particulares desvelos à Diretoria do Ginásio à educação física dos alunos” (GINÁSIO...1913, p.17)<sup>55</sup>. Assim como aparece no Relatório de 1911, na tal seção meritocrática um termo, “*Foot-ball Club Catharinense*”, organizado em 2 times, que empataram com 57 *goals*. Esclareço que, ao ler os Relatórios, o “*foot-ball*” tratado como “pontos”, faz parte da técnica pastoral de “exame de consciência”, marca os corpos do rebanho fora das características do esporte. Talvez, sustenta-se, que, em contraposição, quando nos Relatórios aparecem o “*foot-ball*” tratado como “*goals*”, trata-se de uma técnica do pastorado que usa os saberes dos usos do corpo, agora no esporte. Ética pastoral que havia organizado uma “Diretoria do Ginásio à educação física dos alunos” (GINÁSIO..., 1913, p.17). Diretoria que usa da técnica da “direção de consciência”, tipo de controle de si, na formação do “*Foot-ball Club Catharinense*”. Não deixa de denotar também, a imagem de si, que, a Escola Masculina Burguesa, deixava transparecer no dito monumento. Afinal de contas o time, enunciado com o nome do Estado (*Foot-ball*

---

<sup>54</sup> Aqui, certamente haveria espaço para elaborar no regime do pastorado o passatempo no âmbito dos jogos miméticos, algo esboçado na Cena 4, mas aqui, nestes Cenas 5 e 6, o espaço se destina em construir a questão do futebol enquanto esporte.

<sup>55</sup> Importante destacar que esta “educação física” se trata tanto da ginástica quanto do futebol, aqui, apenas trato do jogo de início bretão.

Club Catharinense), refrata componente simbólico desta Escola da República em ser porta-estandarte em Santa Catarina através do esporte.

E assim, nos anos de 1913 e 1914, nas crônicas dos Relatórios, aparecem apontamentos da sociabilidade do esporte. Em 1914, tintas do monumento apresentam a construção da vida pública do Ginásio através das oportunidades do esporte. Nos dizeres de Foucault (2008, p.310), poder pastoral que fomenta “identidade, sujeição, interioridade”, processo de subjetivação no qual “é preciso tornar-se sujeito para se tornar indivíduo” (FOUCAULT, 2008, p.310). Identidade formada através da “direção de consciência”, que “absolutamente permanente”, participa do jogo das configurações<sup>56</sup> alargadas.

Com bastante frequência foram os alunos ao campo do *Club Sportivo* Florianopolitano medir forças com os jogadores deste. Pendeu a vitória nos certames ora para este ora para aquele lado. [...] **Houve decidido gosto pelo jogo, como bem mostrava a constante vontade de ressarcir alguma perda, a adoção de uniforme, e o empenho de tirar bonitos retratos de cada partido** (GINÁSIO..., 1914, p.19).

Daquela cada vez mais distante Desterro, necessária importância em não perder, de vista, suas formas pré-esportivas, o esporte moderno avançava entre a “adoção de uniforme e o empenho de tirar bonitos retratos de cada partido” (GINÁSIO...1914, p.19). Para Elias (1992b, p.73-74), o esporte

---

<sup>56</sup> Configurações no sentido eliasiano. Interessante destacar que Foucault (2008, p. 220) sabe da importância de relacionar este poder pastoral com a sociedade, na “série de interferências e interligações”, o que poderia confundir “com um poder político”, mas, o pensador apenas assinala “alguns traços que foram desenhados, desde o início, na prática e na reflexão que sempre acompanhou a prática pastoral”.

assim como jogo (mimese), renova emocionalmente através do “equilíbrio entre os esforços e as pressões da vida ordinária, com as suas lutas a sério, os perigos, os riscos e os seus constrangimentos”. No entanto, “a natureza e a função destas formas de restrição são facilmente mal compreendidas” (ELIAS, 1992b, p.74). Não é pausa produtiva para trabalhar mais, nem libertação das tensões de uma sociedade mais regulada. Há então, uma regulação de outro tipo, afinal, os padres do Ginásio já estavam “côncios também da grande influência que sobre a educação física e moral da juventude exercem os jogos de movimento” (GINÁSIO...1912, p.5). Tanto é, que, conduziram o rebanho através destas atividades, na “organização e disciplina dos partidos”, daquela expressão mimética do esporte, de “que haviam de entrar em luta”, o qual “foi muito cuidada no Ginásio. Sobretudo depois que nos fundos esteve suficientemente adiantada a terraplanagem para o novo campo, não se poupavam os alunos a ensaios, na expectativa de desafios” (GINÁSIO...1914, p.19).

Ora, preparar o “meio”, o campo do Ginásio, ao passo que se alimentava sua “população” através do efetivo efeito da vontade de “lutar” no próximo desafio. Pastorado que insistia “sempre, para que todos os alunos neles tomassem par com o devido entusiasmo e empenho” (GINÁSIO...1912, p. 5). Direção de consciência que, através dos efeitos agradáveis da busca da excitação do esporte, produz essa prática de obediência, chamada *páthos*. Assim a pedagogia da vontade dos pastores do Ginásio se orienta no fortalecimento da “vontade”, que “forma o caráter forte e intransigente na observância do dever”, por isso, há “superioridade relativa da vontade” (BECKER, 1911b). Uma prática de obediência que produz vontade de jogar. Prevalecendo assim, “no jogo de *foot-ball*”, a “prática do desporto fácil ao empenho de adestrar as turmas para provas de sua força” (GINÁSIO...1915, p.14). Futebol, numa leitura analítica do processo de esportivização, tornar-se-ia dispositivo de poder pela cidade.

A partir disto, observa-se, na leitura diacrônica da tabela 2, forte incremento deste esporte, a partir da inauguração do “vasto campo aparelhado no próprio perímetro do Ginásio”, em 1915, onde “chegou-se a combinar um solene encontro entre jogadores do internado e do externato”, contudo um “aguaceiro desaba e afugenta a todos”, impedindo a tal prometida inauguração (GINÁSIO...1915, p.14). Também, em 1 de abril, no qual devido a chuva “nenhum dos dois ou três *matches* combinados” foram realizados (DIÁRIO DO PADRE..., 1918). Intempéries que não atrapalham o arranjo das forças no equilíbrio do poder que vão intensificar o esporte na vida da cidade.

De todo modo, a partir da inauguração do “meio”, (o campo do Ginásio), a população já poderia ser incluída neste nascimento do *foot-ball*, este, como dispositivo do poder. Nas crônicas do monumento, então, uma enxurrada de notícias sobre o tal jogo, que se esportivizava, aparecem. Aqui, os passos do *tempo do não futebol* se tornam úteis, acompanhando a dinâmica configuracional, entre pastores do Ginásio e autoridade pública do policial “O Dia”, rumo aos aprazimentos da vida de uma parte, seleta e burguesa da cidade de Florianópolis.

Em 1915, como Polícia da Cidade, o Jornal O Dia anunciava “com o intuito de satisfazer as legítimas exigências do público e para tornar a nossa folha digna do Partido de que é órgão na imprensa”, início da seção “O Dia *Sportivo*” (JORNAL O DIA, 1915a). Neste ano de 1915, surge uma reportagem, “como prova de que dia a dia o *foot-ball* vai ganhando terreno em nosso Estado, conquistando as simpatias de nossos jovens conterrâneos” (JORNAL O DIA, 1915c). O dito jornal apresentava notícia sobre os times “mais importantes do Estado”, e, embora o próprio jornal antecipe críticas ao destacar que, a “breve notícia” “não é completa”, faltariam dados dos times menores do Estado, são destacadas 16 as “sociedades esportivas” (JORNAL O DIA, 1915c). Três de Joinville, duas de Itajaí e de Tijucas, Laguna; uma em Blumenau, Brusque, Canoinhas, São Francisco, (uma cidade é ilegível); e ao final do texto consta que a capital do Estado possuía dois times, o Florianópolis F.C. e *Sport Club* Palmeiras (JORNAL O DIA, 1915c). Há um

estranhamento no fato de que o Ginásio não figura entre os times “mais importantes do Estado”.

Mas, neste ano, inaugurava o campo do Ginásio, até então, pouca visibilidade deste, enquanto *time de foot-ball no esporte*, havia nos ditos de seu monumento-relatório. Se, na Desterro apontada por Cabral, havia pouca força para as características do esporte moderno (organização, regulamentação, imprensa esportiva), em Florianópolis, o regime do pastorado cuidava, alimentava, tratava do rebanho, para que, no momento oportuno, surgisse este perante a cidade. Afinal de contas a “pedagogia da vontade” não seria corretamente exercida como arte de governar do Ginásio, caso não tivesse correto trato com o “coração”, que deveria ser “adestrado para amar a virtude e repelir o erro e o vício” (BECKER, 1911b). Talvez, o esporte de *foot-ball* aparece ainda *fraco* nos entrecruzamentos pela cidade, por não haver necessidade de “direção de consciência”, *fraco* porque o “meio” ainda não existia. Artificio do “meio” para melhor conduzir sua população. E, no entrançado jogo das configurações, as relações entre equipes no equilíbrio do poder, não pode ser deixada de lado. Dinâmicas, entre adversários ou aliados. De todo modo, tudo sempre muda a favor das atividades conservatórias do estado. Pois, no avanço do biopoder, é preciso “manipular”, “suscitar”, é preciso “facilitar”, assim como “deixar fazer” em forma de gestão da vida (FOUCAULT, 2008, p.474), no âmbito dos usos do corpo no esporte à população. Ora, a Polícia da Cidade, iria, em momento certo, fazer aparecer o time que não existia, e que, passaria a ocupar, *dia após dia*, as páginas dessa autoridade em forma de jornal.

Assim, prossigo no jogo entre as partes. O policial “O Dia”, no ano de 1916, é especial nesse tipo de configuração. O Ginásio completava um decênio de atividades, não sendo poucas as notas e crônicas relativas ao educandário jesuíta nas páginas, (geralmente em destaque) do jornal. Mas a polícia trata de assuntos mais ampliados, não se volta apenas à formação do estado, evoca uma das escolas da república. No final do ano anterior a seção “O Dia *Sportivo*” iniciava o concurso “qual é o melhor *foot-baller* desta capital?” (JORNAL O DIA, 1915d).

Interessante notar que, as explicações e incitação à população sobre tal concurso, seguiam-se do relato de “*match*” de *foot-ball* entre os “*teams*” “Germania e Aliado”, um jogo “bastante disputado” “perante uma fraca concorrência” (JORNAL O DIA, 1915d). Parece que o concurso poderia contribuir em divulgar o esporte. Programado para durar até meados de janeiro, se estendeu até o último dia daquele mês, e, na divulgação dos resultados, dois “*foot-baller*” eram alunos e um era egresso do Ginásio (JORNAL O DIA, 1916a). Destaco os *alunos externos*, “formados na turma de 1916”, Floriano Pereira da Silva e Celso Ramos, respectivamente, o campeão do concurso e o quarto mais votado (COLÉGIO CATARINENSE, 2005, p.18-19). Algumas questões importantes sobre a esportivização na cidade.

Vigarello (2009, p.202-203) apresenta, numa época próxima à qual trabalho, uma conclusão de dois franceses que publicam em 1913: “A mania dos esportes arrasta toda a juventude, que lê com paixão as folhas esportivas”. Ora, na Cena 1, apresento comentários de que os jornais eram econômicos sobre notas esportivas, e da leitura a partir de Cabral, de fato, naquela sociedade imperial do século XIX, sob o julgo do príncipe, não parece haver uma juventude que “lê com paixão as folhas esportivas”. E, ainda assim, nas palavras do garoto Silvio, **“a sociedade catarinense da época era o reflexo das precárias condições** econômicas da província, na simplicidade quase patriarcal ainda, **de suas motivações**” (BARBOSA, 1979, p.30, grifos meus). E, na Cena 2, tratada como antecedência e concorrência, há fatos, pactos, enfim, um regime na sociedade que vai, principalmente orientado pela *pax republicana*, possibilitar a alteração de alguma ordem (do discurso) de um povo que ainda, carecia de “precárias condições [...] de suas motivações” (BARBOSA, 1979, p.30).

Nesse sentido, o nascer de uma “mania dos esportes” numa juventude, seria interessante, às práticas do PRC, que, no processo de transição para Florianópolis, necessita gerir deslocamento de povo, aquele que atrapalha a formação desse “sujeito-objeto coletivo que é a população” (FOUCAULT, 2008, p.57), a novos imperativos, éticos, estéticos e técnicos, o que

busco, na forma de *ethos*. Para Sevcenko (1998, p.568-581), há na “civilização esportiva” da *Belle Époque*, um tipo de “ética do ativismo do corpo físico” que envolve limpeza, saúde e beleza como realização plena do destino humano. Mas, beleza, saúde e limpeza ainda são insipientes, no *ethos* esportivo na cidade. O que me importa apenas, é a ideia de que essa tal “civilização esportiva”, também se refere ao torcedor, aquele que “não é um espectador passivo, ele incorpora os lances da disputa na sua própria estrutura física e vai reproduzindo em seu corpo, na vibração de seus sentidos”, músculos e nervos “como se ele mesmo estivesse na arena” (SEVCENKO, 1998, p.579).

Então, publicizar, intensificar uma dinâmica que promove o esporte seria interessante para deslocar precárias condições de motivações de uma massa em processo de população. Eis que me salta a figura 7, que mesmo tímida, a estrutura de assento é direta no mato do Ginásio, há indício de um processo de espetáculo. Interessante notar que há apenas homens, o título da figura, “apreciando o jogo”<sup>57</sup>, é cópia literal do que encontrei em um álbum, sem datação exata, mas certamente, do recorte desta investigação. De todo modo, há aqui, uma agradável presença de público, em forma de torcedor para animar, acompanhar, enfim, motivar-se na assistência de assistir a um jogo. Eis o início do espetáculo do esporte moderno, chamado futebol.

---

<sup>57</sup> Outro destaque, é que me salta aos olhos que esta fotografia seja lida como monumento, do tipo, “olhem para a câmara”, que registrarei este fato. Mas, sempre há um destes desordeiros, que ignora ordens, parece que fuma seu “cigarrinho”, pouco se importa com a figuração.



Figura 8 – Apreciando o jogo no Campo do Ginásio [191?]



Fonte: Acervo Fotográfico do Colégio Catarinense

Nesse sentido, produzir espetáculo contribui em sustentar ligações, sociabilidade, enfim, consolidar um regime do “mais viver” através do estabelecimento de uma “identidade” que interessa, aqui, ao regime da “*pax republicana*” do PRC. Sevcenko chama atenção para as febres esportivas no Rio de Janeiro do remo e do futebol, respectivamente, primeira e segunda, sendo que, esta “se tornou ainda mais intensa do que as regatas” (SEVCENKO, 1998, p.581). Elias (1992, p.46) entende que, no esporte moderno, suas características começam nas classes inglesas, (aristocracia e nobreza), que, desde sempre apresentaram além do esforço físico, formação de espectadores. Sobre este último, interessa pensar a partir de Elias (1992b, p.46-48), na produção da relação tensão-excitação, através das relações com o clímax do jogo, isto é, prolonga-se a satisfação do prazer

de ver entre espectadores tanto ao antecipar quanto ao prolongar, como numa “sedução”, o ato de ver um jogo. Certas ou não, utilizo, mas não elaboro, estas explicações que envolvem noções como “sublimação” e “psique”. Interessa a noção do clima do jogo, na formação do público, para tratar do avanço do biopoder na cidade. Usos do prazer de ver, em relação ao aumento da produção do público, que, por sua vez, veiculam imperativos do novo cidadão, que assim, contribuem na formação de sua população. Trata-se em suma, de uma arte de governar, que sempre se reelabora nas questões: como, por quem, até que ponto, com que fim e por quais métodos (FOUCAULT, 2008, p.119)?

E, de volta ao pastorado, entendo melhor, relações, talvez de tensão, da configuração entre pastores do Ginásio e polícia do PRC. Assunto sobre os premiados meninos do Ginásio, que venceram o concurso esportivo do jornal “O Dia”, “qual é o melhor *foot-baller* desta capital?” (JORNAL O DIA, 1915b). Interessante destacar que, nos relatórios precedentes, estes alunos, não constam, nas seções “Prêmios no procedimento do ano escolar”, aquele momento que pode ser lido como incitamento disciplinar, produz e emula indivíduos, ao passo que, como técnica do pastorado, pode ser lido no sentido de que os conduziria à salvação, pela direção permanente de consciência, que marca indivíduos na relação de dependência ao outro, afinal, há toda uma produção naquele ano escolar, que coloca, tira e promete “pontos de progresso”, por isso mesmo, se torna prática de obediência ao produzir uma conduta voluntária, altamente valorizada e que acaba tendo sua razão essencial de ser nela mesma. Ora, não seria esta, uma das leituras para traduzir o lema “*Virtus et scientia*”? Lema da prática da obediência, grafado em letras estilizadas em cada contracapa, às vezes, em páginas, especialmente marcadas. Então, o que significa tal ausência, dos nomes destes meninos, antes, ou após, a “vitória”, perante o público esportivo em formação da cidade?

Destaco a importância de trazer o *não*, novamente *como questão*. Por que, estes alunos premiados pelo concurso no jornal, autoridade pública da razão de estado, que intentava promover o esporte, não aparecem nas linhas daquelas seções, daquele tipo de

técnica pastoral dos Relatórios<sup>58</sup>? Não faria sentido no âmbito do pastorado, na formação de um *verdadeiro time*, apresentar os nomes, na exposição do monumento que marca (os Relatórios), àqueles “vitoriosos” do concurso esportivo? Afinal, estes não pertenciam ao modelo pastoral? Estes “vitoriosos” nas ruas da cidade, por que, não interessariam, como marcação de modelo de conduta na direção de consciência do Diretor de consciência, o padre-pastor-jesuíta? Por enquanto, tal questão fica em suspensão. De todo modo, a partir daquele concurso esportivo, aumentam as notícias sobre o jogo na cidade.

Com frases de efeito como, “sem alarde nos mantemos” e “cumprimos simplesmente o nosso dever”, a autoridade pública em forma de Polícia do PRC, reabre, a 26 de abril, a seção “O Dia *Sportivo*” (JORNAL O DIA, 1916b). Numa espécie de editorial sobre o esporte na capital relato de que ainda muito devia ser feito para desenvolver o jogo na cidade. Uma temporada *sportiva* encerrada por “falta de assunto” no ano anterior. Esperava-se naquele corrente ano “que ela seja melhor”, o que “dependerá da animação do nosso meio *sportivo*”. E, assim, informava a possível abertura da temporada *sportiva*, entre os *teams* do Florianópolis e do Ginásio, caso estes aceitem o convite daqueles ao jogo (JORNAL O DIA, 1916b). No mesmo dia e ao lado da seção “O Dia *Sportivo*” consta a matéria “Educação física esportiva”, trata-se da reprodução de uma matéria veiculada no “Jornal do Brazil” e reflete sobre a questão esportiva à nova geração.

A questão da educação física parece a muitos, e, principalmente à maioria dos nossos intelectuais, um caso secundário que não está nas condições de merecer a atenção dos espíritos que pairam sobranceiramente nas altas regiões do pensamento. No entanto, nada mais falso.

---

<sup>58</sup> Ao pesquisar nas últimas páginas dos Relatórios, não encontro nem Floriano Pereira da Silva, nem Celso Ramos, tanto anos antes, quanto no ano de suas formaturas, na seção que premiava os alunos destaques do *foot-ball*.

**A educação física é a fonte inesgotável de uma beleza nova**, cujas másculas vibrações, nós brasileiros, imbuídos de antiguidade, ainda não quisemos sentir. [...] **Asseveramos que da educação física do nosso povo dependem o futuro e a grandeza de nosso país.** O reino do romantismo passou. **Estamos na época das grandes atividades, que reclamam do homem moderno, a maior soma de resistência física, de coragem e de energia.** [...] Ainda não se fez oficialmente pela educação física nacional, a não ser, por um descargo de consciência, incluir no regime das raras escolas públicas um programa falho e rudimentar de ginástica que nunca se pratica. E como poderia ser ele praticado quando **as nossas escolas públicas do sexo masculino são regidas por senhoras de hábitos sedentários que professam uma religiosa aversão a todos os preceitos higiênicos de uma educação física? Será nessas escolas que nossos filhos aprenderão a ser homens?** [...] Quem quiser [...] observe a hora da saída, os nossos colegiais e verificará então, com profunda mágoa, a pobreza física dos nossos homens de amanhã. [...] É preciso que **o governo [...] unido a imprensa e a todos os brasileiros, colaborar na tarefa regeneradora.** [...] **A educação física e esportiva levará ao espírito da nossa mocidade** as noções claras, positivas de uma **nova auroral concepção de vida** e da beleza em ação, inculcando-lhe as virtudes severas que deve possuir todo o **homem integralmente forte: - a coragem física e moral, a disciplina, o sangue frio, a abnegação, o heroísmo e a**

**solidariedade** (JORNAL O DIA, 1916b, grifos meus).

Este editorial é particularmente importante, para tratar, como anteparo, da última Cena (6). Lembro que havia armado uma questão, a elaborar. Na Cena 1, Cabral (1972, p.215) ironiza “uma certa mocidade, que não expunha músculos que não tinha, nem fôlego capaz que se levantava às 10 horas do dia, que preferia as práticas do soneto, do namoro [...] temendo apanhar vento e expor-se ao sol”, enfim, uma elite da *Belle Époque* oitocentista, como àqueles que foram, numa regata de remo, *ver mas não fazer força*. E, desde a Cena 4, demonstro que, usos do corpo agora se respaldam no progressivo trabalho sob a musculatura do corpo, ao menos, há seu início. Retomo as questões, a partir da epígrafe deste Ato (2), deixadas por Barthes: **¿Quién es el mejor para trabajar el mundo y dárselo a los hombres...a todos los hombres? Esto es lo que nos dice el deporte** (BARTHES, 2008, p.71-75, grifos meus). Há necessidade de destaque destas palavras, pois, na gerência da vida, do mais que viver, a utilização do esporte aqui, em Florianópolis, lido a partir do regime do pastorado em interdependência com o Policial O Dia, me permite, evitar dicotomias. Quer dizer, marcar termos *ou* como “burguesia”, aquela clientela, de fato, em consolidação do Ginásio, *ou* “aristocracia”, àquela aproximação ocorrida na Grã-Bretanha vitoriana, onde membros da elite encontravam-se no esporte amador, como “gentlemen-amateurs-amadores” (VIGARELLO e HOLT, 2008, p.420), não me parecem boas saídas.

Então, em vez de elaborar, abandono tal problema, afinal, a questão central deste Ato 2, o do *tempo do futebol*, é o tipo de *ethos*, tratado nas normalidades de uma sociedade, que cria novos súditos ao regime conservatório do estado. Práticas de obediência cuja ética (jesuítica) no espírito de um tempo (capitalista) contribui com “o governo [...] unido a imprensa e a todos os brasileiros, colaborar na tarefa regeneradora. [...] A educação física e esportiva levará ao espírito da nossa mocidade as noções claras, positivas de uma nova auroral concepção de

vida e da beleza em ação [...]” (JORNAL O DIA, 1916b). Editorial que trata da “educação física”, “educação moral”, “educação do corpo”.

Ora, qual o valor da palavra? Reescrevo a questão. O que há por trás, ou na exterioridade dos discursos? Na produção de seus sentidos, nos significados das palavras? Nas práticas que produzem um pensamento, uma experiência? Na força moral, que sobre mim, me torna obediente? Palavras são, sempre, um vazio a espera de tradução. Assim, no lugar das “senhoras de hábitos sedentários que professam uma religiosa aversão a todos os preceitos higiênicos de uma educação física” (JORNAL O DIA, 1916b), *entra*, o Ginásio Santa Catarina, instituição secundária privada, masculina, de público burguês. No lugar de “será nessas escolas que nossos filhos aprenderão a ser homens?”, *entra*, o palco montado, entre os pastores e a polícia.

Conforme destaca Pereira (2000, p.42) o “valor e a necessidade da educação física” dissemina “a higienização do corpo do indivíduo” através do desenvolvimento da “força muscular” tido como “importante elemento de uma nação”. E, ao finalizar esta Cena 5, já não tenho tanta certeza se, a exemplo da análise de Pereira, sobre o *foot-ball* no Rio de Janeiro, aqui, em Florianópolis sua consolidação também foi “resultado de um longo processo” (PEREIRA, 2000, p.24). De todo modo, entro na Cena 6, para demonstrar, como cumpriria o dever “O Dia *Sportivo*” na tarefa “regeneradora” que “reclama o homem moderno” de resistência física, coragem e energia, ainda insipientes no Brasil do início do século XX, ao movimentar as partidas entre *teams* da capital, destaque aos do Ginásio.

Portanto, no lugar de a “profunda mágoa, a pobreza física dos nossos homens de amanhã” (JORNAL O DIA, 1916b), *entra*, o poder pastoral. No lugar de a “época das grandes atividades, que reclamam do homem moderno, a maior soma de resistência física, de coragem e de energia” (JORNAL O DIA, 1916b), *entram*, o total de 592 internos, 213 semipensionistas e 1411 externos, que no decorrer de 10 anos, percorreram os corredores, pátios e momentos de excitação num dos *lôcus* de poder pastoral (GINÁSIO...1916, p.68).

## CENA 6: ARTES DE JOGAR FOOT-BALL: O CLÁSSICO INTERNOS Vs EXTERNOS

**Não poupamos esforços nem sacrifícios para não desmerecer a eximia honra de *gymnasio* equiparado.** Os resultados obtidos foram publicados em sessão solenne no salão nobre perante o corpo docente e discente de dois em dois mezes (GINÁSIO...1918, p.10, grifos meus).

Se o *Sport de foot-ball* floresceu muito neste anno, devemos-lo em grande parte a uns jogadores do Externato [...] que soube[ram] reanimar o seu 1º team a enfrentar o excellent 1º team do Internato. Nos quatro matches solennes notava-as numerosa e selecta assistência: varias bandas musicaes, gentilmente cedidas, deram maior brilho a estas luctas amigáveis, mas encarniçadas. Eis os resultados: Internato 1 X 2 Externato; Internato 5 X 1 Externato; internato 7 X Externato 1; Internato 2 X 2 Externato [...] *Virtus et Scientia*.(GINÁSIO...,1918, p.9-10, grifos do autor).

A Cena 6 se incube de apresentar o quadro final, do tipo de *ethos* futebolístico, engendrada pela maquinaria de poder. Tratar como uma “escolha voluntária” se torna, através das técnicas pastorais em configuração com recursos policiaes, tipo de *natureza* viável para conjugação do *foot-ball*, como dispositivo de poder. Um mecanismo que, vai participar da razão de estado através da identidade deste “homem moderno”, “soma de resistência fisica, coragem e de energia”, enfim, “virtudes severas que deve possuir todo o homem forte” (JORNAL O DIA, 1916b).

Nesse sentido desenvolvo aquilo que considero como o *clássico Internos Vs. Externos*, arranjo que, entendo,

potencializou a emergência do futebol como dispositivo de poder. Se, no início do ano de 1916 o editorial da autoridade pública – “O Dia” – criticava a assistência junto aos jogos, indícios apontam uma mudança em desenvolvimento, pois “perante regular concorrência encontraram-se domingo as equipes do Florianópolis e do Ginásio” (JORNAL O DIA, 1916b). O processo de esportivização em marcha encontrava seu eco. Nos altos da primeira página, a 11 de maio de 1916, ocorria a entrega da medalha ao vencedor do “concurso *sportivo*”, o ginasião e “simpático *foot-baller* Floriano Silva”. Como declarava o jornal “folgamos assim em contribuir, embora modestamente, para o progresso do nosso meio *sportivo*” (JORNAL O DIA, 1916c). No mesmo mês, a 15 de março, nota rápida anunciava que o “*foot-ball*, o *Sport* do pé, tem popularizado rapidamente uma porção de rapazes” (JORNAL O DIA, 1916d).

Estes mesmos meninos, que se tornam “monumento”, participando das memórias oficiais nas páginas deste jornal. O que denota, o quão não planejada, é uma atividade como esta, o futebol como esporte. E, no entanto, é fundamental compreender poder(es) que fundamenta(m) toda uma configuração. O que Foucault (2008, p.397) também já apontava, quando entende que o verdadeiro problema da nova razão da arte de governar, não seria apenas a conservação do Estado numa ordem geral, mas a conservação de certa relação de forças. Por isso, conservar, manter e desenvolver só fazem sentido, a mim, inseridos no equilíbrio do poder que circula numa sociedade entre estratégias, saberes, poderes e suas ambiguidades.

Estratégias de um jornal que como monumento visa preencher espaços da história institucionalizando o Ginásio e os usos de um jogo junto a população. Promover “concurso *sportivo*” e ampliar notícias relativas ao jogo. Talvez tenham os editores esportivos de “O Dia” aprendidos com os padres jesuítas a docilização de uma arte de governar. Cabe lembrar tanto das ações que premiavam os melhores nas festas escolares quanto do recebimento dos relatórios do colégio pelo jornal. Na seção final destes relatórios-monumentos o anúncio dos premiados alunos do ano escolar, além das crônicas sobre estas ações disciplinares da

feira escolar. Disciplina, absorvida nas técnicas pastorais dos padres jesuítas do Ginásio, que aqui, leio estes momentos de “feira escolar” como prolongamento da rede de dependências entre pastor-ovelha-rebanho, tipo de direção de consciência através da visibilidade de uma feira. Prática de obediência em querer ser bem colocado no ranking, receber méritos, logo, obediência que produz vontade nela mesma, por isso virtuosidade, por isso agora a salvação agora se faz neste, e não mais no outro mundo. Aprender e fazer, nos outros espaços da cidade, práticas de salvação de um povo a se tornar população. E assim, naquele 11 de maio, destaca o jornal a respeito da realização do “concurso *sportivo*” e a entrega da medalha ao melhor “*foot-baller*” “premiando o mérito em um, fazemo-lo nascer em outros” (JORNAL O DIA, 1916c). Claro, só faz sentido de ser uma prática apreendida, tomando este jornal como polícia, aquela que cuida dos jogos e dos aprazimentos da vida e da urbanização do território.

Dois dias depois daquela edição que trata da “questão da educação física” (JORNAL O DIA, 1916b) aparecia na seção “O Dia *Sportivo*” a organização no Ginásio Santa Catarina de “um campeonato interno” entre os *teams* do internato e do externato. Assim, em 28 de abril, a visibilidade “[d]este campeonato, o primeiro que é instituído neste útil estabelecimento de ensino, promete ser interessante, visto a **rivalidade *sportiva* existente entre as duas divisões**” (JORNAL O DIA, 1916e, grifos meus). Que tipo de rivalidade? Aquela que carrega mimeticamente num jogo, o que há de melhor no “homem moderno”: coragem física e moral, disciplina, sangue frio, abnegação, heroísmo e solidariedade (JORNAL O DIA, 1916b)? Emerge, a partir do *clássico Internos Vs. Externos*, possibilidade de fechar esta história, do *ethos* futebolístico em Florianópolis.

Em agosto do mesmo ano reporta-se esta autoridade pública, ao confronto entre os times do Florianópolis e do Ginásio sendo que “quem tivesse ido” “para assistir ao encontro das *sympathicas elevens*” “teria de lá voltado com a melhor e mais agradável impressão”, um jogo desenvolvido entre “elogios e admirações entusiastas” no qual “via-se ao redor do campo

toda uma mocidade ansiosa e palpitante que corria para assistir a encontro tão esperado e tão interessante” (JORNAL O DIA, 1916f). No jogo, um espaço reservado para as famílias com “numerosas senhoritas” “emprestando ao local graça e encanto incontáveis” (JORNAL O DIA, 1916f).

Este processo de espetáculo, formação de *público* e *meio*, é importante para pensar algumas características do pastorado. Naquela leitura de Moheau, Foucault (2008, p.30) já destacava que os soberanos, através de “instituições sutis” ao aprenderem que “do costume resulta certas ações” que formam “caráter e os espíritos”, então de fato, investimento, estratégias para fazer desenvolver o esporte moderno em Florianópolis, contribuiriam na razão de estado, que “tira partido desses meios para matizar [,] à vontade [,] os costumes e o espírito da nação”. E assim, senhoritas, mocidade ansiosa e palpitante, famílias também iam participando, como sujeito-objeto, da sua formação enquanto população. Era isso o que queria expressar quando esboçava na Cena 1 aquele jogo que captura busca da excitação sob a forma das normalizações de um dispositivo de poder.

Dispositivo fortalecido através de seus efeitos na sociedade. Se, na reportagem do ano anterior, o time do Ginásio não era citado como uma das sociedades esportivas de destaque no Estado, no decorrer do ano de 1916, ano de seu decênio, há uma inversão. Destaques e diversas notícias apresentam os ginásianos no desenvolvimento do futebol, como esporte, na cidade. Em 27 de setembro o time jesuíta termina A “peleja” com a “honrosa vitória” por 4 x 1 (JORNAL O DIA, 1916g). E, ao final do jogo, uma ação incomum nas narrações das outras partidas, os ginásianos ofereciam aos jogadores do Florianópolis “um copo de cerveja e doces” donde o representante do time agradeceu a gentileza e fez “votos para que essa amizade que até agora tem reinado entre as duas sociedades continuasse sempre e terminou erguendo ‘hurrahs’ ao Ginásio” (JORNAL O DIA 27, 1916g). A referida edição do jornal finalizava a matéria parabenizando ao diretor e os alunos da instituição.

Interessante notar que o regime do pastorado se caracteriza, também, nesta economia de verdade, que insere, que

marca o sujeito, onde “o pastor tem de conhecer o que acontece na sua comunidade”, trata-se, de ser esta, uma arte de governar que faz “regras de comportamento”. (FOUCAULT, 2008, p.364). Regra de se aproveitar do controle da paixão do esporte, e assim, estabelecer uma conduta unitária, valorizada, cujo essencial reside nela mesma. Regra expressa na sociabilidade da “gentileza” de, ao final do jogo, oferecer “um copo de cerveja e doces” (JORNAL O DIA 27, 1916g). Aspectos do *gentleman*, de cuidado do pastor para com o rebanho da cidade. Em verdade, não deixa de ser uma *direção de consciência*, visto que após o renhido embate, este tipo de *terceiro tempo* apontava, utilizando-se das normas civilizatórias daquela distinta sociedade, o uso da calma e elegância no autocontrole de si, após a produção da excitação do jogo.

Na edição de fevereiro de 1918 o Policial O Dia destaca, na sua primeira página, a fotografia-panóptica<sup>59</sup> do Ginásio, este, que acabara de ser equiparado junto ao Ginásio D. Pedro II, da então capital fluminense. Deslocamentos de nome, que também devem ser lidos no jogo das configurações. Passava então a ser “Ginásio Catarinense”, “equiparado por decisão unânime” junto ao Conselho Superior do Ensino (JORNAL O DIA, 1918a). Descrevia ainda a autoridade Policial O Dia, que tal “equiparação [...] é um ato de justiça ao acreditado estabelecimento de ensino, belamente organizado, não só sob o ponto de vista intelectual, como material, [que] vem encherde uma legítima satisfação às famílias catarinenses, que vêm nele uma grande esperança para a educação e cultivo de seus filhos” (JORNAL O DIA, 1918a). Uma conquista que ainda repercutiria como monumento.

E assim, numa outra notícia, meses depois, nota sobre o “*match* de abertura da temporada *sportiva* de 1918, entre o

---

<sup>59</sup> Como tratei antes, Foucault mesmo diz ser a polícia a gêmea do Panóptico, aquele sistema que dissocia o par ver sem ser visto. Aqui, retomo, mas inserido na experiência do “mais que viver” da polícia do O Dia, afinal de contas, agora, não interessa marcar corpos e indivíduos, mas promover ordem interna, e crescimento nas forças do Estado, aqui, o PRC.

primeiro *team* dos internos e o primeiro *team* dos externos” (JORNAL O DIA, 14, 1918b). Nos altos da primeira página deste jornal, notícias sobre a festa de 12 de abril em comemoração a “equiparação deste estabelecimento de ensino ao Ginásio D. Pedro II” no qual os “alunos organizaram uma festa que constaria de um excelente *pic-nic* à Trindade”, mas que “devido ao **mau tempo que reinou pela manhã**, resolveram fazer esta festa tão justa, no próprio pátio do Ginásio” (JORNAL O DIA, 1918b, grifos meus). No entanto, as práticas de obediência atuando através das normalidades do pastorado, corrigia a virada do *tempo*, esta *natureza* que aqui, apareceria como sendo dominada. É que, “por uma decisão inesperada, ficou assentado que, para **preencher o tempo que então estava muito bom**, se deveria fazer uma marcha forçada em volta do Morro da Cruz” (JORNAL O DIA, 1918b, grifos meus). E do tempo da natureza, aquela coisa que o homem intenta dominar, passo à quimera do tempo livre e da ilusão da pausa produtiva. Se antes, tratava da quimera do tempo livre e da ilusão da pausa produtiva, sem localização nas práticas do pastorado do Ginásio, na Introdução do Enredo, e em partes dos Atos 1 e 2, eis que agora ela surge:

às 9h30 da manhã um **disciplinado batalhão** composto de 150 alunos, acompanhado de corneta e do rufar de tambor, partiu alegremente e garbosamente, em direção ao morro pela rua Esteves Junior. Passando pelo Palácio do Governo, parou para **saudar**, s.exa, o Sr. General Felipe Schmidt, **governador do Estado**, que **tanto se empenhou para a equiparação do Ginásio**. Meia hora depois do meio dia já estava de volta o garboso batalhão, que entrou no pátio por entre vivas e canções, com a mesma alegria e disposição com que saiu (JORNAL O DIA, 1918b, grifos meus).

Conservar, manter, desenvolver uma dinâmica das forças nesta nova racionalidade chamada biopoder, inscrita nas práticas que se referem à população, ao território e toda sua segurança. Pastores que cuidam, zelam, sempre e antes de tudo, o rebanho o qual lhes foi entregue. Polícia que trata de aumentar, reforçar, não alterar a ordem interna do Estado. Enfim, parece que, este ano, o da mudança do nome de Ginásio Santa Catarina para Ginásio Catarinense, também reflete no aumento da produção do mais que viver através da nova experiência do esporte.

Após a saída do “disciplinado batalhão” é oferecido um “excelente almoço” e depois de algum descanso “os diversos *teams* de *foot-ball* de internos e externos que atualmente se acham em animado desafio pelo campeonato de 1918, fizeram vários *trainings*” de modo que **“reinou grande contentamento nos espíritos dos alunos durante todos os outros divertimentos que lhes foram proporcionados”** e, se o “tempo o permitir, realizar-se-á às 9h30 da manhã o *match* de abertura da temporada *sportiva* de 1918, entre o primeiro *team* dos internos e o primeiro *team* dos externos” (JORNAL O DIA, 1918b, grifos meus).

O elogio da disciplina, pode tratar-se em variada perspectiva do *elogio da obediência*. Quer dizer, práticas que normalizam o corpo do rebanho, por aqueles que, previnem a “lei do menor esforço”, atuam através dos usos dos corpos, “todas as flutuações da saúde física”, o “instrumento das [...] volições” (BECKER, 1911b). Técnica pastoral que atinge a “fadiga resultante do trabalho”, decorrido pelos turnos de um dia de trabalho, afinal de contas, saiam cedo pelas ruas da cidade, almoçavam e treinavam à espera do próximo jogo. Cadê a tal pausa neste ritmo de volição? Técnica pastoral que se relaciona a uma *técnica corporal*, pois, através da *direção de consciência* não há mais *fim em si mesmo* possível de ser tratado numa prática de caminhar pela cidade, que faz usos do corpo, enquanto esta se relacionar à relação de dependência, que produz obediência total. “Pedagogia da vontade” aqui se expressa na ética jesuítica, que serve como motor de ação dos desejos, daquela vontade controlada em forma de *páthos*, que “reuniu grande contentamento nos espíritos dos alunos durante todos os outros

divertimentos que lhes foram proporcionados” (JORNAL O DIA, 1918b). Práticas de obediência, essa vontade voltada para si mesma, que transformam o caminhar pela cidade, o almoçar e os treinos, o permanente trabalho (do pastor) de transformar uma vontade de conduta altamente valorizada, no essencial de si mesma, e, por isso, torna-se *apátheia*, vontade que renuncia a si mesma e não para de construir tal renúncia. *Eis o elogio da obediência*.

Quimera do tempo livre e ilusão da pausa produtiva, que orienta o único dia descanso deste rebanho, geralmente, aos domingos. Levantar às 5:45h; rezar às 6:30h – há opção para os não católicos: estudar; café às 7h; Missa às 8h; Recreio até estudo às 9:45h; Recreio às 10:15h; Almoço às 11:30; Estudo às 13h; Recreio às 14h; Estudo às 15h; Jantar às 16h; Estudo às 17:30h; Benção no café às 18:30h; Estudo às 19:45; Deitar, aos menores, às 20:15h, aos maiores, às 20:30h (DIARIO DO PADRE..., 1918). Domingo esquadrinhado, no tempo e espaço é domingo de descanso? Jogos de futebol como esporte, geralmente aos domingos. E, preparavam-se, “depois de algum repouso os diversos *teams* dos internos e externos que atualmente se acham em animado desafio pelo campeonato de 1918, fizeram vários *trainings*” (JORNAL O DIA, 1918b).

Um dia antes do referido jogo de 14 de abril de 1918, o Policial O Dia apresentava comentários sobre o jogo “Internos Vs. Externos”, prolongamento do clímax, daquela agradável sensação do prazer do jogo, esportivização, ao noticiar que “depois de uma série de animados *trainings*, realizar-se-á amanhã no esplêndido *ground* do Ginásio Catarinense um *match* interessantíssimo entre os valentes primeiro *teams* do Internato e do Externato do mesmo Ginásio”, um encontro com público no qual “foram distribuídos convites às famílias dos alunos, devendo a festa desportiva da esforçada rapaziada do Ginásio Catarinense ser verdadeiramente magnífica” (JORNAL O DIA, 1918c).

Conforme constam nas tintas do Diário do Padre Prefeito Geral (1918) em 14 de abril, um domingo, a “abertura da temporada esportiva” inicia-se às 9:30h “com a banda da polícia, tenda, bancos, convites pessoais, muitas meninas, Senhor Bispo,

representante do gov., comandante Schmidt [...] Externos ganharam 2:1”. Ao final da contendo “almoço com cerveja para os jogadores todos depois dos demais internos. **Ótima impressão na cidade pelos bons modos dos jogadores.**” (DIÁRIO DO PADRE..., 1918, grifos meus). De fato, dois dias depois, na autoridade pública “O Dia”, há relato da “Festa do Ginásio Catarinense” com “grande afluência de famílias e alunos” no encontro entre os times Internos Vs. Externos (JORNAL O DIA, 1918d). O Diário do Padre (1918) reflete uma dinâmica no equilíbrio do poder. O jornal apresenta o jogo como “uma festa que abriu magnificamente a temporada desportiva” daquele ano “e veio evidenciar as excelentes condições dos valentes ‘*sportmann*’ dos dois partidos que desenvolveram belíssimo jogo”, vitória do “Externado por 2 *goals* a 1” (JORNAL O DIA, 1918d). Para promover ainda mais o jogo e o colégio, a esportivização se dava como numa suspensão da narrativa de como ocorreu o “belíssimo jogo”, embora, ao final da notícia o jornal apresenta o resultado final: Externato 2 x 1 Internato (JORNAL O DIA, 1918d). E assim, finalmente, a 18 de abril, 4 dias após o jogo de domingo, a edição do “O Dia” apresenta o “*match*”, o clássico entre Internos Vs. Externos:

Como sempre, Florianópolis nunca deixou de mostrar a sua simpatia pelo Sport. Temos como exemplo o ‘*match*’ de football [...] pelos **valerosos sportmen do Ginásio Catarinense**, o qual sempre zelam não só pela educação moral, intelectual e cívica, como também pela educação física de seus alunos [...] Observou-se então excelente resultado obtido pelos jovens jogadores durante todo o ‘*match*’ que sem desânimo e com uma **sublime resistência souberam alcançar uma gloriosa vitória no Sport**. O jogo correu muitíssimo bem, notando-se grande disciplina. Teve como resultado a vitória da abertura do campeonato de 1918, pelo

primeiro 'team' dos externos por dois goals contra 1. [...] **Os internos não desanimaram e trabalharam sempre, mas chegada a hora de terminado o 'match', o juiz deu o sinal, ficando a vitória para os externos de 2 x 1.** [...] Durante todo o tempo do jogo tocou a excelente banda da Força Pública. Ao meio dia foi oferecido aos jogadores excelente almoço (JORNAL O DIA, 1918e, grifos meus).

Se naquela Desterro descrita por Cabral (1972, p.195-244), a mocidade não parecia ser muito do gosto de usar o corpo como exibição de sua força, aqui, um forte deslocamento com as práticas, criadoras de pensamento e experiência, no Ginásio Santa Catarina. Elias (1992a, p.208-210) aponta a importância política da imagem corporal nas cidades da Grécia antiga, o que chama de "*ethos* guerreiro". Trata-se daquela imagem corporal do "guerreiro forte e habilidoso", guerreiro que "representa um papel dominante", de tal modo que, determina a "formação da imagem pública de um homem" (ELIAS, 1992a, p.208-210). Mas, também aponta o sociólogo alemão na sua análise sobre a dinâmica do esporte moderno, que na Grã-Bretanha, é o "*ethos* amador", cujo componente principal se orienta pela prática dos "esportes por divertimento", o "*fair play*", a "aderência voluntária às regras e a participação desprovida de qualquer interesse pecuniário", o "essencial" destas práticas de "combates simulados" (ELIAS, 1992c, p.311-312).

Assim, o que aqui se apresenta, no corpo que se desenvolve através do dispositivo futebol inscrito no poder pastoral do Ginásio, seria uma espécie de síntese entre o "*ethos* guerreiro" e "*ethos* amador"? Algo que, parece ser a saída de Sevcenko (1998, p.575-576), para referir aquela "civilização esportiva", onde, as características do cavalheirismo, da imparcialidade e da lealdade foram sintetizados na expressão "*sportmanship*", e que são apropriados pela burguesia nos termos da "competitividade" e do "imperativo da vitória". Mas, se recuso

a tratar este público burguês do Ginásio através de dicotomias entre o “aristocrata”, o “amador”, o “guerreiro” e o “burguês”, como resolvo esta importante questão? Através da analítica do poder pastoral, não para responder, mas, deslocar, desviar, esquecer as territorialidades das palavras.

Na conjuntura da cidade de Florianópolis, certamente os pastores do Ginásio conheciam o que acontecia na sua comunidade, uma cidade em reforma da vida, “reuropeização católica”, avanço do biopoder, consolidação da sociedade burguesa como elite nos espaços da cidade, enfim, toda uma série de correlações que, serviriam aos pastores, nas regras de comportamento através do esporte. Uma arte de governar que, não se orientava, a meu ver, no espelhamento que Elias (1992c, p.321) relaciona entre o aumento das pressões nas “sociedades urbanas industriais” e o aumento da participação nos esportes “com seriedade”. O pastor é aquele que alimenta, trata, cuida, zela, enfim, trata de dirigir a consciência do seu rebanho, que, sem o uso do ferrão, se orienta, pelo seu objetivo essencial, o da sua salvação no tipo de cidade que se desenvolvia. Uma sociedade que se capitalizava, com vistas a aumentar riqueza, circulação material e de pessoas, em partes, problematizada na Cena 2. Mas, o pastor, os padres jesuítas do Ginásio não cuidavam da cidade, mas do rebanho dos alunos. O seu poder atua sobre o movimento destes na cidade, e não o inverso, da cidade com todas as suas contradições, sobre aqueles. Não que o poder pastoral não seja contraditório, aliás, o é, visto que o pastor faz tudo tanto pela “totalidade do rebanho”, quanto para “cada uma das ovelhas do rebanho”, por isso, “*Omnes et singulatim*”, um e todos. Por isso, ainda mais, que é um tipo de poder “individualizante” (FOUCAULT, 2010f, p.357-360), age sobre “indivíduos dispersos”, que só passam a existir, enquanto rebanho, ou ovelha, na presença do pastor. Ação cotidiana na salvação de sua prole na cidade.

Ora, agora faz todo o sentido, o *ethos* futebolístico na cidade de Florianópolis, ser a dos “valorosos *sportmen* do Ginásio Catarinense”, cujas lutas mimetizam, através da “sublime resistência” de seus corpos, os louros de “alcançar uma gloriosa

vitória no *Sport*”, neste caso, vitória dos “Externos de 2 x 1” (JORNAL O DIA, 1918e). Mas, “os internos não desanimaram e trabalharam sempre”, embora ao final do “*match*”, vitória ao adversário. É possível, sustentar alguma preferência para este ou aquele *team* do Ginásio? No secular manual da Companhia de Jesus, há determinação de que “**Só os melhores alunos farão as disputas. Nas disputas públicas** só deverão tomar parte os alunos mais doutos. Os restantes façam-nas em privado até ficarem de tal modo preparados que já não pareça indignos desse papel” (RATIO STUDIORUM...2009, p.106, grifos meus).

Um poder pastoral que “individualizante” qual seja, não ignora as conjunturas da cidade, uma remodelação das condutas nos termos das ações do catolicismo romanizado. Então, talvez seja sustentável que o time do Internato fosse o eleito, ao menos, neste momento da cidade que precisa formar sua população. Algo, confirmado em partes, nas tintas do Diário do Padre em 1918, quando destaca a trama para formar um time entre Internos e Externos: “O meu plano de formar um *team* combinado de externos e internos para representar o ginásio não surtiu efeito: rivalidade e o fato de pertencerem vários alunos aos diversos *clubs*” (DIARIO DO PADRE..., 1918). Seria interessante ao tipo de poder individualizante que haja disseminação em outros espaços, em outros “*clubs*” de suas ovelhas? Por qual time jogavam aqueles premiados alunos externos do Ginásio, recebedores das medalhas naquela concurso esportivo (Cena 5)? Práticas de obediências precisam de garantias para a marcação do modelo de conduta, ou, nas palavras daquele mesmo sujeito<sup>60</sup>, que detalha a ética do pastorado do Ginásio, palavras de que a “Igreja é uma sociedade desigual, em que uns ensinam e os outros ouvem, estes mandam e aqueles obedecem” (SERPA, 1997, p.27). Talvez, aqueles vitoriosos do concurso do jornal,

---

<sup>60</sup> Sujeito, porque também foi sujeitoado, sujeito, porque não me interessa apontar nomes, mas evidenciar processos. Em todo caso, trata-se da “Carta Pastoral: o clero e a sua missão moderna”, escrita em 1912, de Dom João Becker. Carta que coincide com a tinta que pinta a “pedagogia da vontade” do Relatório do Ginásio.

esquecidos nos relatórios do Ginásio, por jogar em outros times da cidade não merecessem mesmo o prêmio, ou melhor, não marcariam com suas condutas de jogar em outras equipes, modelo ideal para dar visibilidade no regime deste pastorado. Não seriam, portanto, os melhores alunos a fazer as disputas públicas (RATIO STUDIORUM...2009, p.106).

Este ano os **nossos players** dedicaram-se com um **ardor verdadeiramente hercúleo ao tão celebrado jogo do foot-ball!** Veio-lhes logo a vontadezinha de medir as forças com os **esforçados teams dos Externos**. Os **pobres Externos levaram uma derrota que ecoou por todo o Estado** Embriagados por tais sucessos **desafiaram as valentes e formidáveis equipes do Palmeiras e Florianópolis que foram batidas uma após outra pelos detemidos ginasianos enterrando assim a fama, ao menos por este ano, dos terríveis adversários**. O *Club* Florianopolis por sua vez quis desempatar a primeira partida e reconquistar os louros passados desafiando os nossos entusiasmados foot-ballers. Não o tivessem feito! Pois apesar dos ataques violentos e repetidos assaltos desesperados tiveram que abandonar o *ground* com uma derrota que trataram de afogar numa **deliciosa cervejinha gentilmente oferecida pelo p. Reitor**. **Acalmaram-se os ânimos e separaram-se em paz após uns brindes calorosos trocados entre os respectivos sportmen**. (GINÁSIO, 1916, p.22, grifos meus).

Entendo que há, agora, traços fundamentais aqui, que contornam a tal

**“nova auroral concepção de vida e da beleza em ação, incutindo-lhes as virtudes severas que deve possuir todo o homem integralmente forte: - a coragem física e moral, a disciplina, o sangue frio, a abnegação, o heroísmo e a solidariedade”** (JORNAL O DIA, 1916b, grifos meus).

Entre “ótima impressão na cidade pelos bons modos dos jogadores” (DIÁRIO DO PADRE..., 1918); momentos de terceiro tempo como cervejinha, e almoço após as partidas, “gentilmente oferecida pelo p. Reitor”, o qual “acalmaram os ânimos e separaram-se em paz após uns brindes” (GINÁSIO, 1916, p.22), e muitos momentos de treino, ocultados ou postos em visibilidade pela autoridade pública do PRC, “O Dia”. Portanto, há aqui, em desenvolvimento, o *ethos* futebolístico, que se corresponde aos efeitos do *elogio da obediência*. Uma arte de governar do Ginásio que, no jogo interdependente com as ações da polícia do *Jornal O Dia*, deu toda uma visibilidade a uma juventude, parte dela, na cidade de Florianópolis.

Um *ethos*, produzido através das práticas de obediência, nos usos dos corpos entre condução de treinos, preparos para jogo, práticas do jogo, terceiro tempo do jogo, descanso pós-jogo, e, entre tantas outras formas de vida situada de diversas formas nas relações entre instituições, discursos, proposições filosóficas, morais. Há enfim, uma “técnica corporal” que usa o corpo como instrumento de dominação, em “movimentos firmes e eficientes”, corpo domado, “treinado e funcionalizado para os fins que se procuram” (VAZ, 2001, p.92). Rompimento com a Desterro de Cabral. Mas, qual o fim deste corpo treinado? Trata-se do “fim em si mesmo”, daquela *páthos*, obtida, através das práticas produtoras de obediência, que, fruto da relação de dependência pastor-rebanho-ovelha, levam ao estado de *ápathos*, renúncia a si, e por isso, uma virtude essencial. Sendo a finalidade da ética, ao nível das técnicas dos pastores, a tal *pedagogia da vontade* que,

através da *direção de consciência*, permanentemente, recoloca sujeitos nos seus lugares, valoriza condutas. Por isso, produz vontade, no que ela mesma tem de essencial, na sua razão de ser: o elogio da obediência.

Vigarello (2009, p.445-455) ao discorrer sobre o olhar e os espetáculos, associa que, acompanhado da produção do espetáculo no esporte, há o surgimento de uma “nova forma de imprensa, que não só relata, mas comenta as provas”. Uma arte de narrar, tratada aqui pela autoridade pública do PRC, o Jornal O Dia, que participa, ativamente da produção, enquanto dispositivo do futebol. Jogo de capturar a busca da excitação no esporte, jogo de divulgar, de fomentar, jogo do artifício de produzir um “meio” para gerir a vida de uma “população”. Jogo dos prazeres da cidade. Do prazer de ver, ouvir, comentar, narrar futebol. A produção do jogo como força do Estado, enquanto enunciados do poder, surgem nas palavras do jornal como processos de urbanização. Vincula pertencimento, identidade, marcas de uma nação em regeneração, politização, ou estatização do biológico, no encontro do *mais que viver* oportunizado pela busca da excitação.

Jogo que, com tal arte de narrar da Polícia do PRC, ganha dimensões ampliadas no ano do decênio do Colégio da Cidade. Nesse sentido evidenciam-se relações de sociabilidade na relação de poder. Personagens de uma sociedade em reforma contemplam a “abertura da temporada esportiva”, e, contribuem com a visibilidade no jogo das configurações, à Escola da República, do ensino secundário. No dia 13 de julho do mesmo ano, em destaque a “visita agradável” da divisão dos alunos maiores do Ginásio, sob a direção do padre diretor, uma “guapa rapaziada que está sendo cuidadosamente educada pelos reverendos, padres Jesuítas para serem úteis à Família e à Pátria” (JORNAL O DIA, 1916h). Na véspera da colação do grau os quintanistas “acompanhados do regente do curso o ilustrado Padre Carlos Doppler” foram ao “palácio cumprimentar o exmo. Governador dr. Felipe Schimdt” (JORNAL O DIA, 1916i).

No dia seguinte três páginas ocuparam praticamente todo “O Dia”. Espécie de edição comemorativa do “10º ano letivo” do

Ginásio Santa Catarina, contendo matérias sobre “a colação de grau aos novos quintanistas”, “discursos”, “distribuição de prêmios” e “resultados de exames”, desta instituição que “nasceu forte” e “cresceu sob os auspícios dos poderes públicos do Estado, iluminados pelos nobres princípios da nossa Carta Constitucional, e aí está como um *laus perenne* afirmando a grandeza da obra, a que o exmo. Sr.dr. Felipe Schmidt não tem regateado auxílio e prestígio” (JORNAL O DIA, 1916j, p.1-3).

Visibilidade nas zonas fronteiriças das práticas, das alianças e dos jogos de equilíbrio do poder de grupos que se privilegiam. Técnicas que investem nascimento e desenvolvimento do corpo, restrito ao masculino, no caldo representacional de uma ambígua república de símbolos femininos. Regimes instaurados de verdade entre uma formação de elite e de corpos que se inventam entre artes de governar, civilizar e modernizar, utilizando os usos do prazer de um jogo. Tecnologias da razão de estado, que, refratam nas respostas de obediência: “Quem sou eu?” ao tentar dar conta de se colocar junto à economia da verdade, esse artifício que naturaliza, torna sujeitos de toda espécie enquanto houver tentativa de resposta. *Sou sportman, Sou player ginasiiano, Sou do time do Internato.* Sou o que é *normal* vestido do motor de ação *moral*.

“Quem sou eu?” através das técnicas de “direção de consciência” e “exame de consciência”. Quer dizer, na virtude da obediência no educandário, a ética do pastorado atuaria como motor de ação permanente, rumo à conduta de uma juventude, burguesa e masculina, e do futebol enquanto esporte. Direção de consciência que não é circunstancial, traz seu diretor da consciência, o padre-pastor, numa ação permanente; e nesta, também desenrola-se o “exame”, quer dizer, com vistas a aumentar o vínculo de dependência. Técnicas, portanto, que aprofundam a obediência visto que o que se examina é a consciência, “para poder ir dizer ao diretor o que você fez, o que você é, o que sentiu, as tentações a que foi submetido, os maus pensamentos que deixou em si, ou seja, é **para melhor marcar, para ancorar melhor ainda a relação de dependência ao outro**

**que se faz o exame de consciência”** (FOUCAULT, 2008, p.240-241, grifos meus). Eis que surge a figura 9:

Figura 9 – Vista aérea do jogo no Campo do Ginásio [191?]



Fonte: Acervo Fotográfico do Colégio Catarinense

Figura, talvez enquadrada a partir daquela “torre do observatório” (FIGURA 2), um instrumento absorvido nos termos do avanço do biopoder na cidade, e que apresenta possibilidade de inventar, de narrar um jogo do pastorado. *Enquanto o match transcorre, os esforçados ginasianos lutam, ferozmente, pela posse de bola. A contenda está a favor do bravo Team do Internato, mas, os esforçados do Team do Externato, não desistem, querem aprender o jogo, melhorar sua habilidade, serem merecedores e assim, escolhidos como melhores. Do lado de fora, o público prestigia. Apenas, e tão somente homens neste dia de treino. A festa ampliada, com convites distribuídos,*

*famílias e moças*<sup>61</sup> presentes ficará para o domingo, às 13h, no ground do Ginásio Santa Catarina. Ao final deste training, será oferecido, pelo padre Reitor, uma cervejinha e doces. Mas claro, primeiro aos comensais deste valoroso Team do Internato, e só depois, os meninos que jogam em outros clubes pela cidade é que poderão usufruir destas benesses em formas de guloseimas de crianças e bebidas de homem forte da sociedade.

E, no centro superior da Figura 9, um “diretor de consciência”, aquele que torna possível o todo do rebanho acontecer. Creio que é possível ler as ações dos incansáveis treinos, momentos de preparação e após o jogo, e todos os efeitos que mais diretos ou não, se ligavam ao futebol, como “direção de consciência”. Práticas de obediência através do adestramento das regras do jogo, do aprendizado do tempo de jogo, do descanso do corpo para o jogo, da recuperação do corpo para próxima contenda, passavam, pela ação “individualizante”, age em um, age em todos. Então, de 1906 até 1910, talvez, um bate bolão. E, após a possibilidade de aprendizado do jogo, muitas atividades relacionadas à prática de obediência, afinal de contas deviam os padres pastores do Ginásio reunir num jogo indivíduos dispersos. De todo modo, direção de consciência com desdobramento de práticas que causam pertencimento e experiência nas consciências, olhar de vigia e saber permanente sobre usos do corpo no *foot-ball*, nestes momentos, sem a contenda sob forma de espetáculo. Momentos de condução rumo à economia da verdade através da “pedagogia da vontade”. Talvez, e aqui, tudo é hipótese, o fato de ser a direção de consciência absolutamente permanente, no sentido de conduzir o indivíduo a vida toda, é

---

<sup>61</sup> Nesta área reservada às masculinidades, tanto momentos de treinos, quanto os jogos em forma de espetáculo, jamais encontrei, nas diversas fotografias do Colégio Catarinense, naqueles álbuns que, estão mais próximos do recorte temporal desta dissertação, mulher alguma. Acredito que nos jogos elas compareciam, mas o enquadramento destas fotografias não as focaliza.

que, no início do jogo de futebol na cidade, com todas aquelas questões da cidade, foi mesmo o time do Internato, o time dos “melhores alunos a fazer as disputas” (RATIO STUDIORUM, 2009, p.106).

Disputas estas, lidas como “exame de consciência”. Quer dizer, agora, o dispositivo do futebol, recolocado perante a realização de um espetáculo. “Exame de consciência”, aquela prática de obediência na qual o indivíduo forma “a si”. Quer dizer, é no momento do palco que se atua todo o arsenal aprendido nos outros momentos. Exame donde permanecem movimentos dos corpos, modos, condutas pelo jogo, ora, é no jogo que se dá visibilidade ao *ethos* futebolístico. Exame de consciência, como produção do discurso de verdade, na apresentação do jogo de domingo, às 13h. “Quem sou eu?”; *Sou player do Ginásio*; habilidoso, disciplinado, forte, defendo com honra meu grupo, prova de minha salvação. *Sou*: “homem útil à sociedade a que pertença” (BECKER, 1911a). *Sou*: “Quem sou eu?”. *Sou*, aquele que desenvolveu “disposições habituais que se chamam virtudes; alentam a energia da vontade e facilitam a expansão de sua atividade” (BECKER, 1911b); *Sou*: dirigido através da “pedagogia da vontade”, cujo uso do “meu” corpo nas atividades do esporte futebol, leva a “temperança que modera as paixões, os sentidos e a imaginação” (BECKER, 1911b).

Elogio à obediência, de pertencer a um território em formação, numa produção da juventude. No pastorado do Ginásio, a condutas dos homens é, por ser este um poder oposto ao da violência, associada ao tal *gentleman*. Para Vigarello e Holt (2009, p.433), que certamente dialogam com o *ethos* amador eliasiano, era a “equipe o mais importante que o indivíduo”, no qual um esportista deveria saber, em campo, “mostrar refinamento e comportar-se como *gentleman*, quer dizer, saber controlar-se e dar uma impressão de elegância e de calma”. Sim, o elogio da obediência possui características deste amadorismo, mas, também o do “*ethos* guerreiro” que com “um ardor verdadeiramente hercúleo”, celebra o “jogo de *foot-ball!*” (GINÁSIO...1916, p.22). Mas, então, trata-se do que já havia exposto Sevcenko (1998, p.575-576), que afirma que a expressão

“*spormanship*” da aristocracia foi apropriada pela burguesia nos termos da “competitividade” e do “imperativo da vitória”. O que de distinto há, nesse *ethos* futebolístico, que defendo, o do Ginásio Santa Catarina em visibilidade na cidade de Florianópolis?

O problema da economia da verdade trabalhada nas técnicas do pastorado e visa a renúncia de todo tipo de egoísmo, uma “pedagogia da vontade” que se orienta na concepção de que, ao “renunciar a si”, esse tipo de egoísmo, leva-se ao estado da ausência da paixão, *apátheia*. Uma vontade que renuncia a si mesma e que não para de renunciar a si. Nesse sentido, orienta a ética jesuítica do Ginásio uma humildade que, embora haja luta pela vitória, o “imperativo da vitória” não pode ser maior do que o essencial desse poder: a virtude da obediência. Neste caso, a humildade serve como desdobramento do *páthos*, nas práticas da obediência, vontade de “renuncia a si”, não se importa em dar visibilidade às contendas, nas quais se pode “medir forças com os jogadores”, contendas na qual “pendeu a vitória nos certames ora para este ora para aquele lado” (GINÁSIO..., 1914, p.19). Nem tampouco, é menos honroso neste *ethos* futebolístico, que o time escolhido para representar o educandário, sofra derrotas *internas*, “Internato 1 X 2 Externato; Internato 5 X 1 Externato; internato 7 X Externato 1; Internato 2 X 2 Externato” (GINÁSIO..., 1918, p.10). E, o elogio da obediência permanece sendo trabalhado na forma de “*Virtus et Scientia*” (GINÁSIO..., 1918, p.10, grifos do autor), o lema escrito na contracapa de cada relatório. Atrás, embaixo, ao lado, no invisível das outras práticas que aglutinam as ações deste novo homem.

Há, sempre mais na riqueza de uma prática de confissão como o Diário do Padre. Trata-se da recusa do capitão do “*team*” em participar do jogo de maio de 1918 com o “*team*” de “*football*” do Riachuelo. O “capitão do *team*” “tinha medo do *match* combinado com o Riachuelo” (DIÁRIO DO PADRE..., 1918). Na ocasião o padre chamou o “*team*” a uma conversa e alguns alunos “viram claramente a vergonha em não jogar”, de forma que o acertado naquela reunião entre diretor de consciência e seu rebanho-ovelhas, era de que o capitão ficaria naquela partida,

depois, já haveria outro nome a assumir tal função (DIÁRIO DO PADRE..., 1918). Não tenho condições de problematizar a tal vergonha do rapaz, o que consigo, é, tratar o caso, no âmbito do que é essencial para a virtude: o mérito e a salvação do rebanho. Nesse sentido, se não tem a virtude da obediência, será esta ovelha, excluída do rebanho do *Team do Internato*.

Um salto para trás, e percebo construções. Trata de discorrer sobre a arte de narrar da Polícia O Dia. Anunciava este, a 22 de maio de 1918, que “a valorosa rapaziada do [...] ‘Riachuelo’ organizou um ‘*team* de *foot-ball*’, que deverá realizar o seu primeiro encontro, a 24 do corrente, com um dos ‘*teams*’ do Ginásio Catarinense” (JORNAL O DIA, 1918f). Poucas semanas, a 16 de junho, depois ocorria a contenda “entre os ‘*teams*’ do Riachuelo e do Ginásio, um ‘*match*’ que desperta “o maior entusiasmo entre os amadores do simpático *Sport*” (JORNAL O DIA, 1918g). Contribuição da formação do esporte na cidade, ao apresentar que “qualquer dos contendores tem no seu seio elementos de incontestável valor, razão pela qual prevemos desde já que difícil será asseverar a quem caberá a vitória” (JORNAL O DIA, 1918g). Após o episódio de contraconduta, descrito do Diário (1918), a rápida resolução dos pastores à ordem da salvação restabelece condições para o jogo na forma de *exame de consciência*. Visibilidade do espetáculo, na notícia de que “os alunos do Ginásio, ao que nos consta, estão tratando de dar maior brilho possível a esta interessante pugna” no seu campo “com o comparecimento de uma banda de música” (JORNAL O DIA, 1918g).

Ainda na mesma edição, mas em página diferente, crônica do jogo entre “Riachuelo versus Ginásio”, “mais do que um encontro”, “mais do que uma festa”, “é a decisão de campeonato entre as únicas poderosas equipes do Estado” (JORNAL O DIA, 1918h). Prossegue o jornal, relatando que “o *team* que o Ginásio vai apresentar não é o ‘*scratch*’, si bem que o seja quase, é o *team* oficial do Internato cujo valor conhecemos há tempo” (JORNAL O DIA, 1918h). O Colégio e seu time saíam definitivamente do anonimato daquela notícia sobre as sociedades esportivas (JORNAL O DIA, 1915c). E assim o vencedor

“poderá arrogar-se o direito de se ufanar com o título de **campeão da bola**”, “embora o *‘sport’* em Santa Catarina seja letra morta, o nosso povo poderá ainda assistir a uma contenda de valor” (JORNAL O DIA, 1918h, grifos meus). Qual o time escolhido para representar o Ginásio na tão importante contenda? “O **‘team’ oficial do Internato** cujo valor reconhecemos há tempo” (JORNAL O DIA, 1918h, grifos meus).

**A sua superioridade sobre o Riachuelo consiste no treinamento, na boa vontade e na união de jogo de passe.** Por tudo isso tem justamente merecido o **título de campeão catarinense**, título que ninguém pode refutar. [...] Será pois um encontro sensacional, cheio de lances interessantes, de imprevistos, que **lançarão na alma dos torcedores uma contínua emoção.** Será brilhando o embate destas gigantes forças desportivas (JORNAL O DIA, 1918h, grifos meus)<sup>62</sup>.

*Ethos* futebolístico do conjunto do *team* do rebanho. Segundo Santos-Neto (2002, p.73-75), até o final do século XIX, há dois tipos de escolas de futebol, o “jogo de dribles”, associado aos ingleses no final do século XIX, e a “troca de passes”, associada aos escoceses no último quarto do século XIX. Infelizmente, este autor não apresenta elementos para contrastar

---

<sup>62</sup> O referido jogo entre Internos Vs. Riachuelo terminou em 2 X 2 (JORNAL O DIA, 1918i). A confusão sobre apresentar uma partida já anunciando o seu campeão, se justifica, talvez, pelo fato de que o Internato já havia vencido algumas partidas contra o Externato, por isso ia para a contenda com o Riachuelo com o “merecido título de campeão catarinense” (JORNAL O DIA, 1918h). Ademais como o tal encontro se dava entre as “únicas poderosas *equipes* do Estado” (JORNAL O DIA, 1918h, grifos do autor), afirmar que “o vencedor do dia 16 poderá arrogar-se o direito de se ufanar com o título de campeão da bola” (JORNAL O DIA, 1918h) pode ser lido como *título simbólico* da contenda entre os poderosos times.

com o futebol do Ginásio. Há uma associação com o poder pastoral, que age na salvação do rebanho, técnica que, por isso, se aproxima de um jogo mais coletivo, o da “troca de passes”. Ora, ao menos na edição confusa do dia 16 de junho de 1918, a autoridade pública ao reconhecer a “superioridade” do time do Internato, ao destacar o “treinamento”, a “boa vontade” e “união de jogo de passe”, e completar a informação, apresentando-o como o “merecido” portador do “título de campeão catarinense, título que ninguém pode refutar” (JORNAL O DIA, 1918h), traz indícios de ser valorizada a *troca de passes* no regime do pastorado. Uma foto para comemorar:

Figura 10: Time de foot-ball do Internato (1920)



Fonte: Acervo Fotográfico do Colégio Catarinense

Essa Figura 10, embora seja de 1920, certamente contempla alguns “*players*” do time de 1918, mas, o que pretendo ao apresentar tal imagem, é justamente, tecer, elementos com vistas à sua desconstrução. É que há nessa politização da vida, processos de exclusão. Do que me adianta passar uma dissertação inteira, sem, ao menos, me aproximar das questões que não tratam tanto de fazer viver, mas de fazer morrer? Pelos *entrecruzamentos da cidade*, falas e discursos dramáticos interconectados a “territórios de práticas diversas” instituindo zonas contínuas, “novos modos de questionar o saneamento geral da cidade e as formas de promover a sua manutenção”, governadores, inspetores de higiene, chefes de polícia, médicos, diretores de instrução, personagens da vida da cidade como cronistas de jornais e revistas; moradores que denunciavam e reclamavam “a intervenção das autoridades para pôr fim à presença de animais soltos nas ruas, à sujeira em alguns locais da cidade, aos mendigos, aos **menores vadios** e à displicência de **mulheres de vida decaída** que também vagueavam em alguns bairros e na zona central” (ARAÚJO, 1989, p.16-17, grifos do autor). Tipos de práticas impregnam na sociedade em avanço de biopoder elementos entre normal e anormal.

**Em comemoração à passagem do aniversário da abolição** da escravatura no Brasil, as equipes do Internato e do Externato do Ginásio Catarinense realizarão amanhã, às 13:30h, um encontro amistoso, para o qual os dois ‘teams’ prepararam-se convenientemente. Abrilhantarão essa festa a excelente banda do 5º Regimento de Infantaria gentilmente cedida pelo seu comandante (O DIA, 1918j, grifos meus).

Passados quatro dias da edição, a 16 de maio, visibilidade do jogo que “comemora” a libertação que “não passou despercebida [n]a gloriosa data de 13 maio” no qual “os alunos do Gymnasio Catharinense, [...] para comemorem este

dia, realizaram uma festa *sportiva*, que constou de um amistoso ‘*match*’ de ‘*foot-ball*’ entre o primeiro ‘*team*’ do internato e o primeiro do Externato, saindo este vencido por 6 ‘*goals*’ contra 1” (JORNAL O DIA, 1918k). O regime do pastorado salvava, a todos da sua espécie, quer dizer, os seus, os ginásianos. Jamais, poderia dizer que se tratava a formação do *ethos futebolístico* de salvar outros, que não fossem a população do colégio. A visibilidade, divulgação e promoção deste em forma de *elogio da obediência* era função da autoridade pública do Jornal O Dia, mesmo periódico do PRC em regime de “*pax republicana*” que deixava transparecer, numa rápida nota, outro papel, além de tratar dos apuramentos da vida, entre jogos e teatro.

Ante-ontem uma **malta de menores vadios** transformou a rua José Veiga, nas proximidades da Uruguay num verdadeiro campo de *foot-ball*. O jogo esteve bastante animado a julgas pelas ‘pelotadas’ que sofreram as janelas de algumas casas. Tão encarniçada foi a luta que os pequenos vagabundos não respeitavam os transeuntes, principalmente as senhoritas que por ali transitavam e que foram alvos de alguns ‘*goals*’. De quando em vez, no calor do entusiasmo, **ouvia-se uma palavra feia capaz de corar um frade de pedra. Esperam os moradores do local que o Sr. [...] digno delegado de polícia, tome providências pondo um termo a vadiagem naqueles rapazes** (O DIA, 1917, *grifos meus*).

Aos salvos pelos pastores, visibilidade de prosseguir sua atuação frente aos usos do corpo no jogo de futebol, numa data estrategicamente configurada para continuar imprimindo o valor dessa Escola da República, burguesa e masculina. Aos excluídos, a adjetivação de serem uma “malta de menores vadios”, povo que atrapalha formação do objeto-população, deveria, então, pela

ação da Polícia, aquela que desenvolve em conjunto com outras ações da razão de estado, normalização que marca, desvia, enfim, elimina quaisquer possibilidades que possam atrapalhar a ordem interna e o crescimento das forças do Estado. O esporte, ainda em formação, deveria ser, cuidadosamente zelado. Polícia que no âmbito do processo de formação da população, cuida da tranquilidade pública que forja, mascara, processos de mortificação.

Processo este, de racismo de estado, “condição de aceitabilidade de tirar a vida numa sociedade de normalização” (FOUCAULT, 1999a, p.306), ao excluir do processo de formação da juventude do *foot-ball*, o *outro*, a polícia do PRC agia como “assassina do Estado” (FOUCAULT, 1999a, p.306). Ora, La Boétie (2006, p.20-21) já alertava sobre os perigos da herança, “aquele a quem o povo deu o Estado”, que não deveria ocupá-lo “para todo o sempre”, ao “transmitir aos filhos o poder que o povo lhes concedeu”. Maldita continuação. Matar, não é apenas tirar a vida, “o assassinio direto, mas também tudo o que pode ser assassinio indireto: o fato de expor à morte, de multiplicar para alguns riscos ou, pura e simplesmente, a morte política, a expulsão, a rejeição, etc” (FOUCAULT, 1999a, P.306). Foucault invertia a tese de Clausewitz, ao deslocar “a guerra é a política por outros meios”, para “a política é a guerra por outros meios” e, agora, só me resta acrescentar: *o esporte é a guerra por outros meios*.

Guerra para domínio do corpo, ou sua rejeição. Guerra, que no âmbito da “técnica corporal”, deveria ser deslocado, (des)instituída de todo tipo de pedagogia, que trate o corpo como obstáculo a ser vencido. A indicação de Vaz (2001, p.95), me interessa. O que de fato deveria ser o conteúdo do esporte, da educação física escolar, é aquele momento de “valorização do momento de reconhecimento do corpo, o próprio e o dos outros, não mais como domínio e progresso, mas como reconciliação”, (VAZ, 2001, p.95), momento este, para além das práticas de obediência total, estas que, perante seu excesso de abuso, produz o que poderia chamar de desvitalização do “eu”.

Diferentemente, no momento do reconhecimento do uso do corpo no esporte, uma reconciliação, de si e do outro, não mais vinculado pelas éticas de dependência profunda, não mais necessitando responder, para agradar, “Quem sou eu?”, “Quem somos nós?”, um momento que reconhece suas fraquezas, seus limites, os próprios e dos outros. Ora, renúncia da *busca* incessante do progresso. Neste ponto, talvez, me aproxime do que La Boétie (2006, p12) discursava, séculos antes, “Se nada se lhes der, se não se lhe obedecer, eles, sem preciso luta ou combate, acabarão por ficar nus, pobres e sem nada; da mesma forma que a raiz, sem umidade e sem alimento, se torna ramo seco e morto”. Ora, então, por que obedecemos?

Hoje, ao sentir-me tão só entre os vastos edifícios do Gymnasio, lembro-me com ternas saudades de vós, jovens e queridos amigos meus, espalhados por todas as partes do paiz, e alegro-me comvosco d'aquella felicidade intima e pura, que só brota no seio da casa paterna [...] **Gymnasio Catharinense, aos 15 de Novembro de 1918** (GINÁSIO...1918, p.10, grifos meus).

Se Barthes está correto sobre o que nos diz o esporte se tratar da resposta para “¿Quién es el mejor para trabajar el mundo y dárselo a lós hombres...a todos lós hombres?”, então, deveria me manter alerta, para, de alguma forma, retomar palavras de Elias, que, mesmo tendo sofrido rejeição, assassínios indiretos, seu olhar ainda, encantador ao mundo, me serve como anteparo ao Ato Final.

Enfim [...] que seja possível a todos os assim interligados alcançar tal equilíbrio, então, e só então, poderão os seres humanos dizer a respeito de si mesmos, com alguma justiça, que **são** civilizados. Até então, estarão, na melhor das hipóteses, em meio ao processo de se tornarem civilizados. Até então poderão dizer, quando muito: o processo civilizador está em andamento, ou, como o velho d'Holback: “la civilisation...n'est pas encore terminée [A civilização...ainda não está completada] (ELIAS, 1994b, p.274, grifos do autor).

**ATO FINAL**

Cerram-se as cortinas do palco da cultura, é tempo de reflexão. O objetivo deste trabalho nunca deixou sua razão de ser. Apresentar o jogo de futebol num palco armado de cultura. Armado, termo ambíguo mesmo: evoca *forças de guerra* ou *preparo em alguma base sólida para firmeza da construção*, claro, estes são os sentidos que agora me convém. Precisava mergulhar até que meus olhos conseguissem ver, para quem sabe, tratar de normalidades, isto é, suspendê-las. Práticas que criam através da experiência e do pensamento, identificação com “Quem sou eu?”; “Quem somos nós?”. Para tentar compreender, nos termos de Barthes o “¿Qué es el deporte?”, iniciei tateando, mal, considerações sobre lazer e esporte no Ato da Introdução do Enredo. Excesso de teoria que pode ser sempre perigoso, tornar a confundir tese com objeto, mas, foi o modo com o qual consegui avançar mais rápido nas questões que envolvem o esporte. Sociedade, masculinidade, usos do corpo no tempo livre e relação com trabalho. Por isso, o deslocamento já no Ato 1, na sua Cena 1, surgimento de questões que foram, no processo de pesquisa pululando. Aos poucos fui evitando usar o termo lazer, aprender com Elias e Dunning, a partir dos usos do tempo nas formas de passatempo. O quão polissêmica e difícil é utilizar, no singular (a palavra lazer), algo tão diverso e que, causa sensações das mais diversas a todos e qualquer um. Fui, largando o termo lazer, e aproximando das relações entre jogo e esporte, na questão que sempre me orientou aqui: a busca do corpo civilizado nas práticas de esporte do Colégio Catarinense entre 1906 a 1918.

Barthes dizia que é o esporte que responde com outra pergunta: “¿quién es el mejor?”. E, nesta investigação, busquei no limite do meu erro, do anacronismo que pouco colabora, um *tempo do não futebol*, tempo suficiente para compreender, alargadamente, condições de uma cidade sem o esporte, que como tal hoje reconheço, e de uma dinâmica, fruto da experiência da investigação, que se revelou como oportuna na criação e desenvolvimento do futebol, enquanto esporte na cidade de Florianópolis. Deslocar Desterro dos olhos de Cabral para os meus, organizar entre pactos de tensões e ambiguidades, o surgimento de duas instituições. Enfim, passei o *tempo do não*

*futebol* construindo meus instrumentos de análise, para na forma de dispositivo de poder, evidenciar a produção da vida numa sociedade em avanço de biopoder. Repetidas vezes salientei que nada nasce pronto, e, ao mesmo tempo, como ironia da vida, que jamais entenderei, (e por isso não me ocupo com isso), há aspectos do desenvolvimento não planejados, nos termos de Elias.

Assim, gradativamente fui tentando absorver às interessantes discussões de Elias e Dunning sobre o agradável descontrolo das emoções sob controle, uma analítica de poder. Compreender o galo inglês que Barbosa apresentava na forma de seu personagem Sílvio, reconhecido por mim, aquele garoto, daquela São Vicente da década de 1990, emergiu como questão deste meu tempo. Contemporâneo que sou, *com o meu tempo*, nesta investigação precisava enxergar condições para deslocar “¿Quién es el mejor de los hombres para vencer la resistencia de las cosas, la inmovilidad de la naturaleza? ¿Quién es el mejor para trabajar el mundo y dárselo a los hombres...a todos los hombres?” (BARTHES, 2008, p.75).

Em Florianópolis, no início do século XX, as respostas estavam apresentadas nas formas das crônicas esportivas dos jornais e dos relatórios, nos relatos íntimos dos Diários de Padres, nas fotografias, um monte delas, encontradas, na trajetória da investigação, que apresentava o jogo do futebol na cidade através do Colégio Catarinense. Como a busca do corpo civilizado, que jamais se respaldou numa visão de progresso, precisei aprender, com Foucault, o que significa tudo isso. O que consegui foi, aqui, desenvolver nos termos do *ethos* futebolístico, tipo de escolha voluntariosa no qual inserem modos de ser, pensar, agir. *Ethos* futebolístico, oportunizado no jogo pelo equilíbrio de poder, entre padres do Ginásio e jornal do PRC.

Um jogo, que absorveu aquela necessidade que ensina Elias, da *busca da excitação*, na Florianópolis do início do século XX, a investigação permitiu referenciar através das ações da *pedagogia da vontade* dos padres jesuítas. Pedagogia, modo de conduzir crianças, participa da formação da juventude, cria núcleos do “eu” do adulto. Dito assim, essa pedagogia se torna

um tanto linear, causal, respaldada em normas e todo tipo de condutas, anteriormente incorporadas por aqueles que hoje, como educadores, tratam de adestrar as suas crianças, sempre para o bem, para sua salvação. Normas civilizatórias se distanciam do valor da experiência em si, do *jogar em si*, no afã de proteger, de cuidar, de zelar. Uma pedagogia que recoloca, marca corpos através das inúmeras práticas de obediência, valoriza condutas nelas mesmas, por isso é virtuosa. *Virtus et scientia* nas contracapas de cada relatório do Ginásio. Prática pedagógica que se torna elogio, modela paixões, através das relações de dependência, de poder, que aprofunda sujeição, *ápathos* como vontade que renuncia a si e não para de renunciar sob a forma dos usos do corpo, no agradável descontrolo das emoções sob controlo no esporte (e jogos miméticos).

Nesse sentido, o “esto es lo que nos dice el deporte” (BARTHES, 2008, p.75), de quem era o melhor para tratar do mundo, dá-lo aos homens, a todos os homens, nesta investigação passou pelo regime do pastorado do Ginásio e das ações enquanto polícia do Jornal O Dia, tratadas nas Cenas 5 e 6 no Ato de desenvolvimento. Entrelaçado jogo, pelo equilíbrio do poder na razão de estado que não se trata mais, apenas de conservação das suas forças, mas de manter certa relação de forças, por isso o equilíbrio do poder é importante neste momento da cidade. Práticas resultantes cujos efeitos intentam conservar, manter e desenvolver, práticas de obediência num estado conservatório e generalizado, que na interdependência entre grupos que se privilegiam, se torna capaz de medir sua própria progressão junto aos novos súditos, recolocados na via da perfeição, atravessados por discursos e práticas capazes de criá-los, moldá-los sob forma de normal(idade).

Responder, “Quem é você?” e “O que está fazendo da sua vida?”, não pelo corte do “outro”, talvez, no âmbito das técnicas corporais possa ser recolocado em outros momentos, de reconhecimento de si. Daquele que tem o corpo cansado, precisa descansar, daquele que deseja jogar, e tem com quem jogar. É a vitória o que interessa? Creio que não. É o tipo de reconciliação do meu *eu* com o *eu* do outro. Qual tipo de reconciliação? Aquela

da renúncia da busca incessante do progresso, que me apanha em toda sorte de dispositivos que fixam, me marcam. Trata-se, portanto, de deslocar a famigerada questão *Quem sou eu?* para *Quem eu não sou?* Por que me recuso a olhar com respeito os tantos *outros* surrados, mal tratados pelas normalidades da vida? Aquela malta de menores vadios, que sofriam mortes, morte pela expulsão, morte pela rejeição. Deslocar, em outras práticas, para outras experiências e níveis de pensamento, um tipo de *eu*, talvez, próximo do que já dizia Nietzsche, nas palavras de seu Zaratustra, um tipo de tornar-se si mesmo, tornar a ser quem sou, uma grandeza não mais como meta, objetivo, alvo, mas como ponte, não para conservar o dado do mundo, mas como *ser*, indivíduo, numa sociedade de indivíduos a ver com a vida. Deslocar o *para a vida* ao *com a vida*. Renúncia da busca incessante do progresso, de toda sorte de dispositivos que fixam, marcam. Trata-se de assumir que nada é tão absolutamente controlável, tratável, normalizável.

Para sair deste Ato Final, entro, novamente, com mais uma ironia dos objetos.

O ano, 1918, apresentava-se o garoto Sílvio, perante aquelas “tardes tristes, olhando as casas da rua, cuja tranquilidade só era alterada pelo trânsito dos bondinhos de burro, a sensibilidade de Sílvio penetrava lares, tão soterrados pelo sofrimento [da gripe espanhola]” (BARBOSA, 1979, p.137). No ano anterior, o relatório anunciava, logo após seus comentários sobre “*Sport*” que “**se neste ano [de] 1917 não tivemos doenças graves no Gymnasio, decerto, em parte pelo menos, devemos este benefício aos muitos jogos que, além de serem um bom descanso do espírito e um preservativo contra muitos perigos das almas, desenvolvem a força e a resistência do corpo**” (GINÁSIO...1917, p.18, grifos meus).

Indícios de uma biopolítica, nos termos das questões que envolvem nascimento, saúde, estatísticas, no âmbito do jogo de futebol. Mas, sempre há a ironia dos objetos.

Em 1918, um ano após esta promessa de fazer viver, surge o “fantasma negro da influenza hespanhola num voo assombroso avassala a nossa pátria e esta cidade”

(GINÁSIO...1918, P.10). Entre idas e vindas de pais receosos, que chamam seus filhos a suas casas, o Diário do Padre, aquele instrumento de confissão, escreve a 6 de novembro que, **“a consulta da casa resolve fechar o internato e continuar só com os externos, por causa do aspecto mais maligno de tipo que a influenza toma”** (DIÁRIO DO PADRE..., 1918, grifos meus). Ponto.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. 2006. Como escrever a história com um sorriso nos lábios. *Figuras de Foucault*. VEIGA-NETO e RAGO (orgs). Belo Horizonte, Autêntica, 2006, p. 97-108.

ARAÚJO. Hermetes Reis de. *A invenção do litoral – reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República*. São Paulo: PUC-SP, 1989. Dissertação (Mestrado em História).

ASSMANN, Selvino; STASSUN, Cristian. Dispositivo: fusão de método e objeto de pesquisa em Michel Foucault. In: *Cad. De Pesq. Inter. Em Ciências Humanas*. Florianópolis, v.11, nº99, p.72-92, jul./dez., 2010.

BARBOSA, Renato. *O garoto e a cidade* (Florianópolis dos anos 20). Florianópolis: Secretaria de Comunicação Social, 1979.

BARTHES, Roland. *Del deporte y los hombres*. Barcelona: Paidós, 2008.

BECKER, João. Discurso colação de grau. In: *Jornal O Dia*. Florianópolis, 14 dez. 1911a, p.2.

BECKER, João. Discurso colação de grau. In: *Jornal O Dia*. Florianópolis, 14 dez. 1911b, p.2.

BIRMAN, Joel. Governabilidade, força e sublimação Freud e a filosofia política. *Psicologia USP*. São Paulo, jul/set, 2010, 21(3), p. 531-556.

BENJAMIN, Walter. Tese IX. Sobre o Conceito da história. *Obras Escolhidas magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994 [1940].

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou O ofício do historiador*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro*. V.1 memória. Florianópolis: Lunardelli, 1972.

CAPRARO, André Mendes. A introdução do futebol no Brasil: do mito de imigrantes fundadores às questões civilizatórias. *Cronos: Revista de História*. Pedro Leopoldo, Minas Gerais, n.7, p. 114-122, 2003.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. Porto Alegre: Autêntica, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2006.

COLÉGIO CATARINENSE. *Livro dos Formandos*. Colégio Catarinense – 100 anos. Florianópolis: Gráfica COAN, 2005.

DALLABRIDA, Norberto. *O elogio da descontinuidade*: Michel Foucault e a historiografia. *Fronteiras: revista de história*. Florianópolis: ANPUH-SC, n.6, p.79-93, 1998.

DALLABRIDA, Norberto. *A fabricação escolar das elites*. O Ginásio Catarinense na Primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

DAMIANI FILHO, Dionísio. *Centenário do Colégio Catarinense*: 100 anos de futebol. Florianópolis [s.n.], 2006.

*DIÁRIO DO PADRE PREFEITO GERAL DO GINÁSIO SANTA CATARINA*. Tradução de Vera Molenda. Florianópolis, [1906].

*DIÁRIO DO PADRE PREFEITO GERAL DO GINÁSIO SANTA CATARINA*. Tradução de Vera Molenda. Florianópolis, [1907].

*DIÁRIO DO PADRE PREFEITO GERAL DO GINÁSIO SANTA CATARINA*. Florianópolis: [s.n.], 1918.

DUNNING, Eric. Prefácio. In: ELIAS, Norbert; DUNNING (org). *A busca da excitação*. Tradução de Maria Manuela e Silva. Lisboa, Portugal: 1992a, p.11-37.

DUNNING, Eric. A dinâmica do esporte moderno. Prefácio. In: ELIAS, Norbert; DUNNING (org). *A busca da excitação*. Tradução de Maria Manuela e Silva. Lisboa, Portugal: 1992b, Cap. VII, p.299-325.

DUNNING, Eric. Esporte, violência e civilização: uma entrevista com Eric Dunning. *Revista Horizontes Antropológicos*. Trad. Édison Gastaldo. Porto Alegre, ano 14, n.30, jul./dez. 2008, p.223-231.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. A busca da excitação no lazer. In: ELIAS, Norbert; DUNNING (org). *A busca da excitação*. Tradução de Maria Manuela e Silva. Lisboa, Portugal: 1992a, cap.1, p.101-138.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. O lazer no espectro do tempo livre. In: ELIAS, Norbert; DUNNING (org). *A busca da excitação*. Tradução de Maria Manuela e Silva. Lisboa, Portugal: 1992b, cap.2, p.139-185.

ELIAS, Norbert. A gênese do esporte: um problema sociológico. In: ELIAS, Norbert; DUNNING (org). *A busca da excitação*.

Tradução de Maria Manuela e Silva. Lisboa, Portugal: 1992a, cap.III, p.187-221.

ELIAS, Norbert. Introdução. In: ELIAS, Norbert; DUNNING (org). *A busca da excitação*. Tradução de Maria Manuela e Silva. Lisboa, Portugal: 1992b, p.39-99.

ELIAS, Norbert. A dinâmica do esporte moderno. In: ELIAS, Norbert; DUNNING (org). *A busca da excitação*. Tradução de Maria Manuela e Silva. Lisboa, Portugal: 1992c, cap.VII, p.300-325.

\_\_\_\_\_. *O processo civilizador*. V.1 uma história dos costumes. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a.

\_\_\_\_\_. *O processo civilizador*. V2 Formação do Estado e Civilização. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b.

\_\_\_\_\_. *A sociedade dos indivíduos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994c.

\_\_\_\_\_. *Introdução à sociologia*. 3ª Ed. tradução de Maria Luísa Ferreira. Lisboa, Portugal: 2008.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Trad Roberto Machado. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

\_\_\_\_\_. O que é a crítica? Tradução Gabriela Borges. *Bulletin de la Société française de philosophie*, Paris, vol. 28, n.2, abr/jun, 1990, p.35-63.

\_\_\_\_\_. O Sujeito e o Poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert (org). *Michel Foucault*. Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad.

Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p.231-249.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche, Freud e Marx*. Trad. Jorge Barreto. São Paulo: Princípio Editora, 1997.

\_\_\_\_\_. Aula de 17 de março de 1976. \_\_\_\_\_. *Em defesa da sociedade*. Trad. Maria Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999a, p.285-315.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. 13ª edição. Trad. Maria Albuquerque e J. Guilhon Albuquerque. Galvão. Rio de Janeiro: Graal, 1999b.

\_\_\_\_\_. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. Márcio da Fonseca e Salma Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Segurança, Território, População*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Neves. 7.ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2009.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir*. 38.ed. trad. Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010a.

\_\_\_\_\_. Poder e Saber. \_\_\_\_\_. *Estratégia, poder-saber*. Ditos e Escritos IV. Trad. Vera Lúcia Ribeiro. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b, p.223-240.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 20ª Ed. Tradução Laura de Almeida Sampaio. São Paulo: editora Loyola, 2010c.

\_\_\_\_\_. A Poeira e Nuvem. \_\_\_\_\_. *Estratégia, poder-saber*. Ditos e Escritos IV. Trad. Vera Lúcia Ribeiro. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010d, p.323-334.

\_\_\_\_\_. A Prisão Vista por um Filósofo Francês.  
 \_\_\_\_\_. *Estratégia, poder-saber*. Ditos e Escritos IV. Trad. Vera Lúcia Ribeiro. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010e, p.152-158.

\_\_\_\_\_. Omnes es Singulatim: uma Crítica da Razão Política. \_\_\_\_\_. *Estratégia, poder-saber*. Ditos e Escritos IV. Trad. Vera Lúcia Ribeiro. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010f, p.355-385.

\_\_\_\_\_. A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade. \_\_\_\_\_. *Ética, Sexualidade, Política*. Ditos e Escritos V. Trad. Elisa Monteiro; Inês Barbosa. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010g, p. 264-287.

\_\_\_\_\_. *O governo de si e dos Outros*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011a.

\_\_\_\_\_. *A Coragem da Verdade*. O governo de si e dos Outros II. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011b.

GROS, Frédéric. L'abus d'obéissance. Trad. portuguesa Selvino Assmann In: *Libération*. Caderno intitulado *Le feu Foucault*, p. IX., 19 e 20 de junho de 2004. Paris, 19 2 20 jun., 2004. Texto enviado por e-mail pelo tradutor.

GROS, Frédéric. O Cuidado de si em Michel Foucault. VEIGANETO, Alfredo; RAGO, Margareth (org). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Contexto, 2006, p.136.

GHIRALDELLI JR, Paulo. *O corpo filosofia e educação*. São Paulo: ed. Ática, 2007.

GINASIO SANTA CATARINA. *Relatório*. Florianópolis: Gabinete Tipographico Natividade, 1906.

GINASIO SANTA CATARINA. Relatório. Florianópolis: [s.n.], 1907.

GINASIO SANTA CATARINA. Relatório. Florianópolis: Typ. Gutenberg, 1908.

GINASIO SANTA CATARINA. *Relatório*. Florianópolis: [s.n.], 1909.

GINASIO SANTA CATARINA. *Relatório*. Florianópolis: [s.n.], 1910.

GINASIO SANTA CATARINA. *Relatório*. Florianópolis: [s.n.], 1911.

GINÁSIO SANTA CATARINA. *Relatório*. Florianópolis: [s.n.], 1912.

GINÁSIO SANTA CATARINA. *Relatório*. Florianópolis: [s.n.], 1913.

GINÁSIO SANTA CATARINA. *Relatório*. Florianópolis: [s.n.], 1914.

GINÁSIO SANTA CATARINA. *Relatório*. Florianópolis: [s.n.], 1915.

GINÁSIO SANTA CATARINA. *Relatório*. Florianópolis: [s.n.], 1916.

GINÁSIO SANTA CATARINA. *Relatório*. Florianópolis: Typ. da “Epoca”, 1917.

GINÁSIO CATARINENSE. *Relatório*. Florianópolis: Phenix, 1918.

HUBENER, Ney. *A grande batalha – uma estratégia que deu certo*. Florianópolis: Ed. Tribo da Ilha, 2008, p.37.

*JORNAL O COLLEGIAL*. Florianópolis, 04 ago. 1915a, p.1. Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

*JORNAL O COLLEGIAL*. Florianópolis, 15 jul. 1915b. Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

*JORNAL O COLLEGIAL*. Florianópolis, 19 ago. 1915c. Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

*JORNAL O COLLEGIAL*. Florianópolis, 19 set. 1915d. Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

*JORNAL O COLLEGIAL*. Florianópolis, 24 out. 1915e. Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

*JORNAL O CORREIO DO POVO*. Florianópolis, 3 fev. 1904a. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

*JORNAL O CORREIO DO POVO*. Florianópolis, 20 fev. 1904b. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

*JORNAL O DIA*. Florianópolis, 22 nov.1905, p.1. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

*JORNAL O DIA*. Florianópolis, 6 jan. 1906a, p.1. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

*JORNAL O DIA*. Florianópolis, 1 fev. 1906b, p.1. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

*JORNAL O DIA*. Florianópolis, 17 maio 1906c. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

*JORNAL O DIA*. Florianópolis, 23 jun. 1907a. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

*JORNAL O DIA*. Florianópolis, 11 ago. 1911. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

*JORNAL O DIA*. Florianópolis, 15 nov. 1915a, p.1. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

*JORNAL O DIA*. Florianópolis, 22 dez. 1915b. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

*JORNAL O DIA*. Florianópolis, 9 dez.1916i, p.1. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

*JORNAL O DIA*. Florianópolis, 10 dez. 1916j, p.1-3. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

*JORNAL O DIA*. Florianópolis, 4 set. 1917, p.1. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

*JORNAL O DIA*. Florianópolis, 27 fev. 1918a, p.1. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

LA BOÉTIE, Etienne. *Discurso sobre a servidão voluntária*. [S.l.] Virtual Books, 2006. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/zip/boetie.pdf>>. Acesso em 04 de janeiro de 2013.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In:\_\_\_\_\_. *História e Memória*. 5.ed. Campinas: Unicamp, 2008, p.525-539.

MACHADO, César do Canto. *História do Futebol Catarinense*. Florianópolis: Ed. Insular, 2000;

MAURY, Borges Dal Grande. *85 anos de bola a memória do futebol catarinense*. [Florianópolis]: IOESC, 1996.

MAUSS. Marcel. As técnicas do corpo. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosacnaify, 2003 [1934], p.401-422.

MARTINI, Estela. *Mulheres destinadas ao êxito: trajetórias escolares e profissionais de ex-alunas do curso científico do Colégio Coração de Jesus de Florianópolis (1949 – 1960)*. 2011. 161 p.. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

NASCE O FUTEBOL. *JORNAL DIÁRIOS CATARINENSE*. Florianópolis, 24 mar. 1998. Fonte: Acervo Fotográfico do Colégio Catarinense.

NECKEL, Roselane. *A república em Santa Catarina. modernidade e exclusão (1889 – 1920)*. Florianópolis, Ed. Da UFSC, 2003, p.10.

NÓVOA, António. *Evidentemente – Histórias da Educação*. Porto: Edições ASA, 2005.

O DIA SPORTIVO. *JORNAL O DIA*. Florianópolis, 19 nov. 1915c, p1. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

O DIA SPORTIVO. *JORNAL O DIA*. Florianópolis, 22 dez. 1915d, p.4. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

O DIA SPORTIVO. *JORNAL O DIA*. Florianópolis, 1 fev. 1916a, p.1. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

O DIA SPORTIVO. *JORNAL O DIA*. Florianópolis, 26 abr. 1916b, p.4. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

O DIA SPORTIVO. *JORNAL O DIA*. Florianópolis, 11 maio 1916c, p.1. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

O DIA SPORTIVO. *JORNAL O DIA*. Florianópolis, 15 mar. 1916d, p.3. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

O DIA SPORTIVO. *JORNAL O DIA*. Florianópolis, 28 abr. 1916e, p.2. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

O DIA SPORTIVO. *JORNAL O DIA*. Florianópolis, 8 ago. 1916f. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

O DIA SPORTIVO. *JORNAL O DIA*. Florianópolis, 27 set.1916g. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

O DIA SPORTIVO. *JORNAL O DIA*. Florianópolis, 13 jul. 1916h, p.1. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

O DIA SPORTIVO. *JORNAL O DIA*. Florianópolis, 14 abr. 1918b, p.1. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

O DIA SPORTIVO. *JORNAL O DIA*. Florianópolis, 13 abr. 1918c, p.1. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

O DIA SPORTIVO. *JORNAL O DIA*. Florianópolis, 16 abr. 1918d, p.1. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

O DIA SPORTIVO. *JORNAL O DIA*. Florianópolis, 18 abr. 1918e. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

O DIA SPORTIVO. *JORNAL O DIA*. Florianópolis, 22 maio 1918f. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

O DIA SPORTIVO. *JORNAL O DIA*. Florianópolis, 16 jun. 1918g, p.2. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

O DIA SPORTIVO. *JORNAL O DIA*. Florianópolis, 16 jun. 1918h, p.3. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

O DIA SPORTIVO. *JORNAL O DIA*. Florianópolis, 20 jun. 1918i, p.2. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

O DIA SPORTIVO. *JORNAL O DIA*. Florianópolis, 12 maio 1918j, p.3. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

O DIA SPORTIVO. *JORNAL O DIA*. Florianópolis, 16 maio 1918k, p.2. Fonte: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

OLIVEIRA, Henrique Luiz Pereira e. 1990. *Os filhos da falha*. Os filhos da falha: assistência aos expostos e remodelações das condutas em Desterro (1828-1887). Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Católica de São Paulo, São Paulo, 1990.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902 – 1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PIAZZA, Walter (org). Renato Barbosa. *Dicionário Político Catarinense*. Florianópolis: Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985, p.66.

PICK, Reinaldo João. *O Colégio Catarinense, um marco na história da educação em Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 1979. (Dissertação de Mestrado em História)

PINA. Direção: Win Wenders. Produção: Win Wenders. Intérpretes: Regina Advento; Malou Airaud; Ruth Amarante et al. Estúdio: A Sundance Selects release, 2011, 2h05min, som, color.

POLLAK, Michel 1989. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p.3-15.

PRADO FILHO, Kléber. *Trajetórias para a leitura de uma história crítica das subjetividades na produção intelectual de Michel Foucault*. Tese (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas). Universidade de São Paulo. 1998. 284f.

RATIO STUDIORUM DA COMPANHIA DE JESUS. MIRANDA, Margarida. *Código pedagógico dos jesuítas. Ratio Studiorum da Companhia de Jesus*. Braga, Coimbra, Évora, Florianópolis, Lisboa: Esfera do caos, 2009, p.52-266.

SACHET, Celestino ; SACHET, Sérgio. Santa Catarina. 100 anos de história. V.1 Florianópolis: Século Catarinense, 1997.

SANTOS NETO, José Moraes. *Visão de jogo*. Primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosaic&Naify, 2002.

SERPA, Élio Cantalício. *Igreja e Poder em Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução. O Prelúdio Republicano, Astúcias da Ordem e Ilusões do Progresso. \_\_\_\_\_(Org).

*História da vida privada no Brasil*. Vol.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.7-48.

\_\_\_\_\_. A Capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. \_\_\_\_\_(Org). *História da vida privada no Brasil*. Vol.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.568-581.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI*. No loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOARES, Carmen. Pedagogias do corpo: Higiene, ginástica, esporte. VEIGA-NETO, Alfredo; RAGO, Margareth (org). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Contexto, 2006, p.75-85.

SOUZA, Sara Regina Silveira de. Oswaldo R. Cabral páginas de um livro de memórias. Florianópolis: Editora da UFSC/UEDESC, 1993.

SOUZA, Rogério Luiz de. *Uma história inacabada – cem anos do Colégio Catarinense*. São Leopoldo, Ed. Unisinos, 2005.

SOUZA, Rogério Luiz de. Desejos de civilidade e ser moderno: uma história sobre o nascimento da diocese de Florianópolis. *Faces do Catolicismo*. SOUZA, Rogério Luiz de; OTTO, Clarícia (orgs). Florianópolis: editora Insular, 2008, p. 61-81.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni; DALLABRIDA, Norberto. *A Escola da República: os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1911-1918)*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. *Uma vez normalista, sempre normalista: cultura escolar e produção de um habitus pedagógico (Escola Normal Catarinense: 1911/1935)*. Florianópolis: Insular, 2008.

VÁRZEA, Virgílio. *Santa Catarina*. A Ilha. 2ª Ed. Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1984.

VAZ, Alexandre Fernandez. Técnica, esporte, rendimento. *Movimento*. Rio Grande do Sul, ano 14, v. 4, 2001.

VAZ, Alexandre Fernandez. Da polifonia do corpo à multiplicidade de sua educação. *Revista Perspectiva*. Florianópolis: [s.l.], 2003, v.21, n.01, p.7-11.

VAZ, Alexandre Fernandez; BOMBASSARO, Ticiane. Esporte e modernidade em Florianópolis – primeiras aproximações. VAZ; BOMBASSARO (orgs). *Fragmentos para uma história da educação do corpo em Santa Catarina*. Florianópolis: DIOESC, 2012.

VEIGA-NETO, Alfredo. Teoria e método em Michel Foucault (im)possibilidades. In: *Cadernos de Educação*. Pelotas: n.34, p.83-94, 2009.

VIGARELLO, Georges; HOLT, Richard. O Corpo Trabalhado. Ginastas e esportistas no século XIX. CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLI, Georges (orgs). *História do corpo 2: Da Revolução à Grande Guerra*. Tradução João Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p.393-428.

VIGARELLO, Georges. O desejo e as normas. CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLI, Georges (orgs). *História do corpo 3: As mutações do olhar*. O século XX. Trad. Ephraim Alvez, 3. Ed., Pretrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 197-250.